

SIMON SCARROW

# GLADIADOR

TRADUÇÃO DE JOSÉ SARAIVA

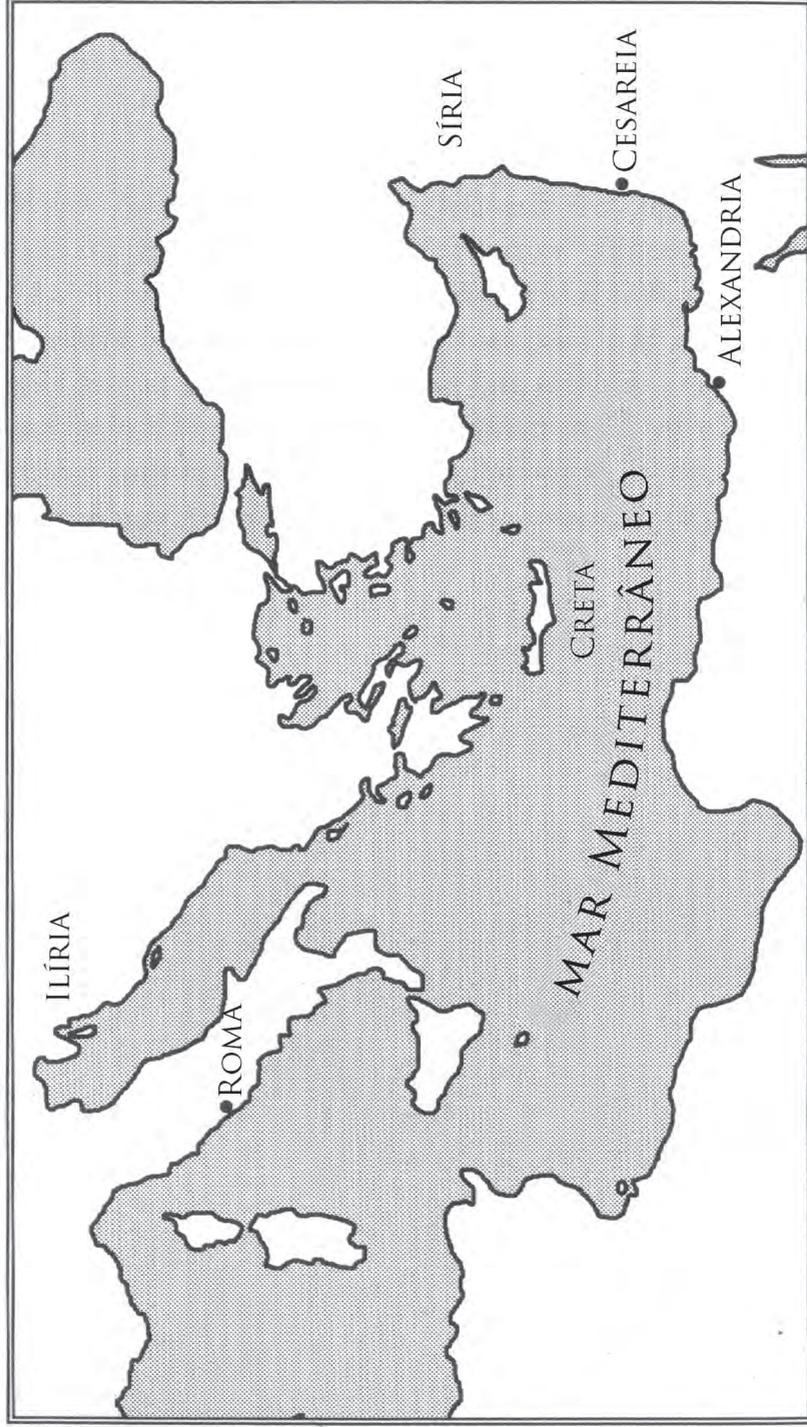


**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
Para quem quer fugir da rotina

*Este livro é para Mick Webb e para toda a gente da  
Escola Primária de Stoke Holy Cross. Agradeço tudo o que  
fizeram pelos meus filhos, Joe e Nick.*

Os meus mais profundos agradecimentos vão, uma vez mais, para a minha mulher, Carolyn, por se ter disposto a avaliar cada capítulo assim que ele saía do computador. Obrigado também à minha agente, Meg, e àquela que é por certo uma das melhores editoras neste ramo, Marion, sempre capaz de refrear os meus excessos e de me apontar o caminho para uma história mais clara e escorreita. Por fim, um grande obrigado ao meu filho Joe, que por esta altura já possui um conhecimento verdadeiramente enciclopédico sobre esta série, graças ao qual me salvou de um erro que teria sido verdadeiramente embaraçoso. Joe, és um verdadeiro astro no meu céu.

## O CORAÇÃO DO IMPÉRIO ROMANO 49 DC



PROVÍNCIA ROMANA DE CRETA



Mais uma viragem de bordo e devemos chegar a Matala. — Anunciou o capitão, enquanto protegia os olhos com a mão em pala e perscrutava a costa de Creta, que, a estibordo do navio, era banhada pelo sol do entardecer. Ao seu lado no convés estavam alguns dos passageiros: um senador romano, a sua filha e dois centuriões. Todos seguiam a caminho de Roma e tinham embarcado em Cesareia, acompanhados pela criada da jovem, uma miúda judia. O capitão orgulhava-se do seu navio. O *Hórus* era uma velha embarcação, construída em Alexandria, e que em tempos fizera parte da frota que atravessava regularmente o Mediterrâneo, levando a Roma grandes quantidades de cereais. Apesar da idade, mantinha-se robusta e em perfeitas condições de navegação, e o capitão tinha a experiência e a confiança necessárias para a levar para longe das costas sempre que isso se revelasse necessário. E assim, ao deixar o porto de Cesareia, o *Hórus* tinha aproado directamente ao mar alto, chegando à vista da costa de Creta apenas três dias depois.

— Chegaremos então a Matala antes que a noite caia? — Quis saber o senador.

— Receio que não, senhor. — O capitão soltou um sorriso tímido. — E não me quero arriscar a uma aproximação à costa no meio da escuridão. Temos o porão repleto, e a linha de água está cá muito em cima. Nem pensar em roçar sequer pelas rochas.

— Então o que fazemos esta noite?

O capitão cerrou os lábios antes de responder.

— Teremos de nos manter ao largo, com um mínimo de pano, até que chegue a madrugada. Ou seja, vou perder um dia, mas não há nada a fazer. O melhor será oferecer umas preces a Poseidon, para que ele nos permita recuperar o tempo perdido depois de deixarmos Matala.

O mais velho dos centuriões soltou um suspiro exasperado.

— Viagens por mar, sempre a mesma porra. As coisas nunca se passam como deve ser. Devíamos ter vindo por terra.

O outro oficial, um homem alto e magro com cabelo escuro e encaracolado, soltou uma gargalhada e deu uma palmada no ombro do seu entroncado camarada.

— E eu a pensar que era eu o impaciente! Calma, Macro, mesmo assim vamos chegar a Roma muito mais depressa do que se tivéssemos seguido por terra.

— Estou a ver que mudaste de opinião. Não eras tu que detestavas o mar?

— Não sou grande apreciador do oceano, de facto, mas tenho as minhas razões para querer chegar a Roma o mais depressa possível.

— Não duvido. — O centurião Macro piscou o olho, enquanto acenava ligeiramente na direcção da filha do senador. — Cá por mim, ficarei mais do que feliz quando tiver um novo posto. Nas legiões, e de vez. Sabem os deuses que bem o merecemos, Cato, meu amigo. Dois anos na fronteira oriental. Já tenho a minha conta de calor, areia e sede. Para a próxima quero é um posto calmo e acolhedor, algures na Gália. Onde possa descansar um bocado.

— Diz isso agora. — Cato riu. — Mas já o conheço bem, Macro. Nem seria preciso um mês para estar mais do que farto desse sossego todo.

— Se calhar, não. O que eu quero mesmo é voltar à boa e velha rotina das legiões. E não ter mais nada a ver com o trabalho sujo do palácio imperial.

Cato assentiu com entusiasmo. Desde que tinham executado a primeira missão a mando de Narciso, o secretário privado do Imperador e chefe da rede de espionagem imperial, Macro e Cato tinham enfrentado perigos vindos de todos os quadrantes, para lá dos que faziam parte da sua vida de soldados profissionais. A expressão do jovem endureceu.

— Temo bem que cumprir esse desejo esteja fora do nosso alcance. Quantos mais problemas resolvermos, maiores as probabilidades de voltarmos a ser chamados para deslindar algum imbróglio.

— Pois, parece-me que tens toda a razão. — Resmungou Macro. — Merda...

Lembrando-se repentinamente de que estava na companhia do senador e da filha, deitou-lhes uma olhadela com ar culpado e pigarreou.

— Perdão, senhora. Desculpe o meu gaulês.

O senador sorriu.

— Ora, centurião Macro, ouvimos coisas bem piores nos últimos meses. Aliás, até sinto que nos habituámos perfeitamente à rude candura da soldadesca. Se não fosse assim, por certo que não toleraria as atenções que o Cato tem dedicado à minha filha...

Foi a vez de a jovem sorrir.

— Pai, não te preocupes, eu tratarei de o amansar.

Cato sorriu quando ela lhe pegou no braço e o apertou com afeição. O capitão observou-os e coçou o queixo.

— Senhora Júlia, a caminho do casamento, então?

Ela confirmou.

— Assim que chegarmos a Roma.

— Ora bolas, lá se vão as minhas esperanças de conseguir a sua mão. — Brincou o capitão, antes de examinar Cato com toda a atenção. O rosto do jovem não apresentava as habituais cicatrizes, comuns nas faces de soldados experientes. E era de longe o mais novo centurião com que o marinheiro grego alguma vez se tinha cruzado; pouco mais de vinte anos de idade, com toda a certeza, e o homem não pôde impedir-se de pensar se um tipo assim não estaria naquela posição apenas devido a um empurrão de amigos poderosos. Mas as medalhas presas ao seu arnês eram prova de grandes cometimentos, e de real valor. Havia evidentemente muito mais do que saltava à vista naquele centurião Cato. Em contraste, Macro, o outro centurião, tinha todo o aspecto de um tipo que passara a vida nas legiões, permanentemente envolvido em rijos combates. Era uma cabeça mais baixo que o amigo, mas possuía um físico de touro, com membros poderosos e cobertos de cicatrizes. Era para aí uns quinze anos mais velho do que o outro, de cabelo escuro curto e olhos castanhos penetrantes, mas as rugas do rosto davam a entender um lado mais disposto ao humor, se para tal a ocasião se proporcionasse.

O capitão voltou de novo a atenção para o mais jovem dos oficiais, com alguma inveja. Entrando pelo casamento numa família senatorial, o centurião Cato tinha a vida garantida. À sua disposição teria dinheiro, estatuto social e progressão na carreira militar. Isto dito, era evidente que a afeição entre o jovem centurião e a filha do senador era real. Ao fim de cada dia, podiam ser vistos os dois no convés, de braços dados e em plena cumplicidade, a observar o pôr-do-sol sobre as vagas refulgentes.

A noite aproximava-se, e o *Hórus* seguia paralelamente à costa, passando por uma das baías que se tinham tornado familiares ao capitão, ao longo dos muitos anos que tinha passado a navegar em navios mercantes, cruzando o Mediterrâneo em todas as direcções. Enquanto o Sol desaparecia no horizonte, coroados de luz as orlas das montanhas e colinas da ilha, toda a gente no convés apreciava a paisagem. Havia uma grande quinta junto à costa, e na escuridão crescente viam-se longas filas de escravos de regresso dos trabalhos nos campos, nas vinhas e pomares. Davam mostras de cansaço enquanto eram conduzidos para as suas acomodações por capatazes com chicotes e cajados.

Cato sentiu Júlia a estremecer ao seu lado e virou-se para ela.

— Estás com frio?

— Não. É aquilo. — Apontou para o último dos escravos a entrar para o barracão, antes de as portas serem fechadas com uma pesada tranca. — Uma terrível existência para qualquer homem ou mulher.

— Mas tu tens escravos em casa.

— Claro, mas são bem tratados e têm alguma liberdade para andarem pela cidade. Não têm nada em comum com aquela pobre gente. Obrigados a trabalhar arduamente, do nascer ao pôr-do-sol. Tratados como animais de tiro.

Cato pensou alguns momentos antes de responder.

— Sim, é esse o mais comum destino dos escravos. Quer trabalhem em propriedades rurais como aquela, em minas ou em estaleiros de construção. Só uma muito diminuta fracção deles tem a sorte de viver em casas como a tua, ou até de ser escolhido para treino gladiatorial.

— Gladiadores? — Júlia olhou para ele com as sobrancelhas arqueadas. — Sortudos? Como é que consegues considerar alguém lançado para esse destino um felizardo?

Cato encolheu os ombros.

— O treino é duro mas, quando acaba, a vida deles não é assim tão má. Os donos cuidam bem deles, e os melhores conseguem reunir pequenas fortunas e levar uma boa vida.

— Desde que sobrevivam na arena.

— É verdade, mas não se arriscam mais do que qualquer homem nas legiões, e têm uma vida bem mais confortável do que os soldados. E se viverem o suficiente, podem conseguir a liberdade e retirarem-se das arenas donos de uma boa fortuna. Quantos soldados conseguem isso?

— Tens toda a razão, miúdo. — Interrompeu Macro. — Caraças, será que ainda vou a tempo de treinar para gladiador?

Júlia encarou-o.

— Estou certa de que não diz isso a sério.

— Porque não? Se tenho de matar gente, ao menos podiam pagar-me decentemente por isso.

O senador Semprônio riu da expressão consternada da filha.

— Ignora-o, minha querida. O centurião Macro está a brincar. Ele combate pela glória de Roma e não pela bolsa em jogo num combate de gladiadores, por muito grande que possa ser.

Macro fez uma cara de espanto.

— E quem é que está a brincar agora?

Cato sorriu e deixou o olhar dirigir-se para a costa. O complexo que albergava os escravos era um edifício pouco atraente, quase uma mancha a estragar a face da colina que descia até à baía. Tudo parecia calmo, apenas uma tocha ardia irregularmente sobre o portão, iluminando o vulto de uma sentinela que mantinha os escravos sob vigilância. Aquela era a face quase industrial da escravatura, praticamente invisível para a maior parte dos romanos, sobretudo para os bem-nascidos como o senador Semprônio e

a sua filha. Os escravos bem vestidos e perfumados de uma casa senhorial eram muito diferentes das massas andrajosas que labutavam nos campos, sempre cansadas, esfomeadas e mantidas sob apertada vigilância, de forma a sufocar qualquer sinal de revolta, que seria castigada de forma brutal e severa.

Era um regime cruel, mas na verdade o Império, como aliás qualquer outra nação civilizada conhecida de Cato, dependia da escravatura para gerar riqueza e alimentar a sua população urbanizada. Para o jovem, era uma crua lembrança das terríveis diferenças que o destino designava entre as pessoas. Os excessos mais grotescos da escravatura eram uma nódoa no mundo, reflectiu. Mas a instituição era, pelo menos naquele momento da História, uma absoluta necessidade.

De súbito, sentiu o convés a estremecer debaixo dos pés, e olhou para baixo.

— Foda-se! — Exclamou Macro. — Sentiste isto?

Júlia agarrou-lhe o braço com toda a força.

— O que foi isto? O que está a acontecer?

Ouviam-se gritos de surpresa e alarme pelo convés, enquanto a tripulação e os passageiros tentavam perceber o que se passara com as tábuas do convés.

— Encalhámos. — Concluiu Semprónio, agarrando-se à amurada.

O capitão abanou a cabeça.

— Impossível! Estamos demasiado longe da costa para isso. Conheço estas águas. Não há baixios por muitas milhas em redor. Juro-o. Ainda assim... Olhem! Vejam o mar.

O capitão esticou o braço e todos olharam na direcção que indicava, vendo a superfície do mar a borbulhar e espumar levemente. Durante um breve instante que pareceu durar minutos, o estremecer do convés e o agitar da superfície do oceano prosseguiram. Vários passageiros prostraram-se de joelhos no convés e começaram a orar aos deuses com toda a veemência. Cato abraçou Júlia, enquanto observava por cima da cabeça da rapariga a atitude do amigo. Macro tinha os dentes e os punhos cerrados, aguentando aquela provação com a atitude de desafio habitual. Ainda assim, e pela primeira vez, Cato julgou perceber no olhar do veterano uma sombra de medo, enquanto tentava adivinhar o que se estava a passar.

— Um monstro marinho. — Concluiu Macro por fim, com toda a naturalidade.

— Monstro marinho?

— Só pode ser. Oh, merda, por que raio acedi eu a viajar por mar?

Então, de forma tão repentina como tinha começado, o estremecer do convés morreu, e depressa a superfície do oceano voltou ao calmo ondular

que fazia oscilar o *Hórus* num ritmo pachorrento. Por momentos ninguém no navio se mexeu ou falou, como se todos esperassem que o estranho fenómeno recomeçasse. Júlia foi a primeira a quebrar o silêncio.

— Açam que acabou, fosse o que fosse?

— Não faço ideia. — Replicou Cato, tentando manter um tom calmo. Aquela troca de palavras quebrou o encanto. Macro deixou escapar um longo suspiro de alívio, enquanto o capitão deixou de olhar pasmado para os seus passageiros e repreendeu o timoneiro. Este tinha largado a longa haste do leme na popa do *Hórus* e tinha corrido a esconder-se debaixo da escotilha decorada que dava passagem para a coberta. Por esse motivo, o navio começava já a rodar para se alinhar com o vento.

— Porra, o que é que achas que estás a fazer? — Rosnou o capitão. — Por Hades, volta imediatamente para o teu posto e põe-nos outra vez no rumo.

Enquanto o homem se apressava a retomar o controlo do leme, o capitão virou-se para os outros tripulantes.

— De volta ao trabalho, vá! Mexam-se.

Claramente contrariados, os homens lá regressaram às suas tarefas, começando por reajustar a vela, cujas margens já tinham começado a bater, dada a aproximação do *Hórus* à direcção do vento; entretanto, o timoneiro punha todo o seu peso sobre o longo remo, de forma a devolver o navio ao rumo original.

Macro lambeu os lábios, nervoso.

— Terá mesmo passado?

Cato testou o convés debaixo dos pés, e olhou para o mar, que tinha retomado o aspecto anterior ao tremor.

— Parece que sim.

— Graças aos deuses.

Júlia assentiu, mas logo os seus olhos se arregalaram quando se recordou da criada, que estava a descansar no estrado instalado na pequena cabina que partilhava com a sua senhora e o senador.

— Tenho de ir ver como está a Jesmiah. Pobre miúda, deve estar aterrorizada.

Cato libertou-a do aperto em que a mantivera, e Júlia apressou-se pelo convés na direcção da estreita passagem que dava acesso à área dos passageiros, onde se situavam as cabinas atribuídas a todos os que tinham posses suficientes para as pagar. Os outros passageiros passavam os dias pelo convés do *Hórus*, e por ali dormiam à noite, sem poiso certo.

Enquanto Júlia desaparecia no interior do navio, ouviu-se um grito longínquo vindo da costa, e Cato, Macro e Semprónio viraram-se para lá. Apesar da luz quase inexistente, perceberam que havia figuras a sair do re-

cinto dos escravos. Ou melhor, do que dele restava. Os muros tinham ruído, permitindo ver o interior. Só dois dos barracões estavam ainda de pé, os outros não passavam de montes de escombros.

— Porra. — Comentou Macro, enquanto contemplava as ruínas. — O que é que terá provocado aquilo?

— Um terramoto. — Aventou Semprônio. — Só pode ser. Quando servia como tribuno na Bitínia, passei por algo semelhante. A terra tremeu, e ouviu-se um ribombar distante. Durou uns bons momentos e fez cair alguns edifícios. Os que estavam lá dentro ficaram soterrados e foram esmagados pelos escombros. — Estremeceu ao recordar. — Houve centenas de mortos...

— Mas se é um tremor de terra, como é que nós, aqui no mar, também o sentimos?

— Não sei, Macro. As ações dos deuses estão para lá da compreensão dos homens.

— Talvez. — Comentou Cato. — Por outro lado, se o tremor em terra foi suficientemente forte, pode ser que tenha conseguido transmitir-se à água e atingir-nos.

— Pode ter sido isso. — Admitiu Semprônio. — De qualquer maneira, nós safamo-nos. Os que estavam em terra é que sentiram todo o poder da fúria dos deuses a abater-se sobre eles.

Por momentos os três homens contemplaram o recinto dos escravos semidestruído; o *Hórus* progredia, bordejando a costa, e o cenário de destruição ia ficando para trás. Tinha-se declarado um incêndio nas ruínas, provavelmente a partir das cozinhas onde deveria ter estado a ser preparada a refeição da noite, considerou Cato. As chamas iluminavam a cena, realçando as figuras dos sobreviventes ainda em choque. Alguns escavavam desesperadamente por entre os escombros, tentando libertar quem tinha ficado preso. Cato abanou a cabeça, pesaroso.

— Dêem graças por estarmos no mar. Em terra é que eu não queria estar agora. Pelo menos, devia estar grato por isso, Macro.

— A sério? — Retorqui Macro. — O que é que te faz pensar que os deuses já estão satisfeitos e não têm mais alguma reservada?

— Ó do convés! — Gritou uma voz das alturas. — Capitão, olhe!

O marinheiro que estava sentado na verga, perto do cimo do mastro, tinha o braço esticado e apontava para ocidente, paralelamente à costa.

— Faz um relatório como deve ser! — Exigiu o capitão. — O que é que avistas?

Deu-se uma pausa até que o marinheiro respondeu, em tom ansioso:

— Não sei, senhor. Nunca vi nada assim. É uma linha, como se fosse uma parede que ocupa todo o horizonte sobre o mar.

— Disparate, homem! Isso é impossível.

— Senhor, por tudo o que me é querido, é isso que parece.

— Cretino! — O capitão atravessou o convés até à amurada, trepou para o cordame e começou a subir para se juntar ao vigia nas alturas. — Ora bem, meu imbecil, onde é que está essa tua famosa parede?

O homem esticou o braço de novo para o horizonte, na direcção da luz moribunda do Sol poente. A princípio o capitão não conseguiu ver nada, e foi obrigado a semicerrar os olhos. Mas a sua visão depressa se habituou ao brilho, e então avistou-o. Um refulgir de luz a ondular por todo o horizonte, sobre uma faixa escura que vinha do mar alto e se unia à costa da ilha. E onde tocava terra, via-se um espumar furioso.

— Mãe de Zeus. — Murmurou o capitão, enquanto sentia as entranhas a encolherem. O vigia tinha razão. Havia uma muralha à frente do *Hórus*, uma muralha de água. Um enorme maremoto varria a costa e avançava directamente sobre o navio; não estava a mais de duas ou três milhas, e corria para eles mais depressa do que o mais veloz dos corcéis.

Uma onda gigantesca? — Os olhos de Cato arregalaram-se. — De que tamanho?

— Tão alta como a porra de uma falésia. — Retorquiu o capitão. — E vem ao nosso encontro, ao longo da costa.

— Então temos de alterar a rota. — Concluiu Semprônio. — Sair do seu caminho.

— Não temos tempo para isso. E, de qualquer maneira, a onda ocupa todo o horizonte. Não vamos conseguir evitá-la.

O senador e os dois centuriões ficaram sem reacção por momentos, até que Semprônio quebrou o encanto.

— Nesse caso, o que fazemos?

— Fazer? — O capitão soltou uma gargalhada triste. — Dizemos as nossas preces, despedimo-nos e esperamos que a onda nos alcance.

Cato abanou a cabeça com veemência.

— Não. Tem de haver alguma coisa que possas fazer para tentar salvar o navio.

— Não, nada há a fazer, garanto-o. — Insistiu o capitão, derrotado. — Ainda não viram o tamanho do maremoto. Mas depressa o compreenderão.

Todos os olhares se dirigiram então para o horizonte, e Cato apercebeu-se do que parecia uma sombra escura nos confins do mundo visível, naquele momento apenas uma fina linha que nada parecia ter de ameaçador. Avaliou-a durante algum tempo, antes de se voltar de novo para o capitão.

— Já enfrentaste tempestades com certeza, não?

— Oh, claro. As tempestades são uma coisa. Um maremoto é outra, totalmente diversa. Não há qualquer esperança.

— Uma porra é que não há! — Rosnou Macro, antes de agarrar a túnica do capitão com as duas mãos e de o puxar bem para perto da sua face crispada. — Há sempre esperança. Caralho, não sobrevivi a sei lá quantas feridas e combates para agora vir morrer nesta banheira de merda. Bom, eu não tenho nada de marinheiro. Isso é contigo. Estás a enfrentar uma

situação muito perigosa. Portanto, trata de a resolver. Faz o que for preciso para nos dar uma hipótese de sobreviver, por pequena que seja. Percebes? — Abanou o outro como se fosse um boneco. — Então?

O grego encolheu-se perante o feroz olhar do centurião, e assentiu.

— Farei o que puder.

— Assim é melhor. — Macro sorriu e libertou-o. — Ora bem, há alguma coisa que possamos fazer para te auxiliar?

O capitão engoliu em seco, ainda abalado.

— Se não se importarem, será talvez melhor que se mantenham à parte.

Os olhos de Macro voltaram a endurecer.

— Mais nada?

— Talvez fosse boa ideia amarrarem-se ao mastro ou a um dos postes de amarração, para evitar que a onda vos arraste quando nos atingir.

— Sim, vamos fazer isso.

O capitão deixou-os e começou a dar ordens à tripulação, fazendo com que os marinheiros trepassem ao cordame e soltassem todo o pano da imensa vela. Na popa, o timoneiro esforçava-se para reorientar o *Hórus* de forma a aproar ao poente.

— Mas o que está ele a fazer? — Indagou Semprônio. — É louco, vai atirar-nos contra a onda.

Cato assentiu.

— Faz sentido. A proa é a parte mais forte de um navio. Se formos mesmo a direito contra o maremoto, talvez consigamos atravessá-lo, se não conseguirmos subir a onda.

Semprônio olhou-o.

— Espero que tenhas razão, meu caro jovem. Pela tua e pela minha saúde, e pela de todos os outros também.

Assim que o senador acabou de falar, a mente de Cato focou-se de imediato em Júlia; chamou por Macro, enquanto se apressava a descer para as cabinas dos passageiros.

— Amarre-se ao mastro, e faça o mesmo com o senador.

— Onde é que tu vais?

— Buscar a Júlia e a Jesmiah. Estarão mais seguras cá em cima.

Macro assentiu e olhou para o horizonte; já conseguia distinguir a enorme onda, uma crista que se estendia a perder de vista, desde a costa ao mar alto, e que rebentava continuamente no ponto em que tocava a costa, espalhando destruição.

— Despacha-te, Cato!

O jovem correu pelo convés e saltou os degraus das escadas que levavam aos aposentos dos passageiros, pequenos compartimentos atribuídos aos que mais tinham pago pelo transporte para Roma. Afastou a cortina de

lona que servia de entrada ao quarto de Júlia, e colocou a cabeça no interior. Júlia estava sentada no chão, embalando Jesmiah.

— Cato! O que se passa?

— Não tenho tempo para explicar. — Dirigiu-se a ela, debruçou-se e levantou-a. Ao lado, Jesmiah agitou-se, de olhos arregalados de terror.

— Senhor Cato, ouvi dizer que vem aí um monstro. — Disse, com os lábios trémulos.

— Não há nenhum monstro. — Ripostou, encaminhando as duas raparigas para fora do compartimento e para a escada. — Temos de ir para o convés, e depressa.

Júlia quase tropeçou ao subir os degraus à pressa, enquanto tentava esclarecer a situação.

— Porquê? O que se passa afinal?

Deitando uma olhadela a Jesmiah, Cato respondeu:

— Confiem em mim, e façam o que vos disser.

Saíram para o convés, onde já reinavam o caos e o terror. Macro tinha amarrado o senador à base do mastro, e aprestava-se a proceder da mesma forma consigo próprio. Em redor, os outros passageiros e a tripulação faziam todos os possíveis para encontrar uma forma de se manterem agarrados à embarcação. O capitão tinha-se juntado ao timoneiro na pequena plataforma em que este seguia, à ré, e os dois homens mantinham o rumo com firmeza e com um olhar decidido, embora vazio de esperança.

Jesmiah olhou em redor e tentou fugir, mas Cato apanhou-a e arrastou-a na direcção do mastro.

— Vamos lá, rapariga! Não temos muito tempo.

Assim que se aproximaram de Macro e Semprónio, Cato juntou as duas jovens e pegou na ponta da corda que Macro usara para se amarrar ao mastro. Levantou a vista a tempo de reparar que a onda estava cada vez mais próxima, e que avançava a uma velocidade assustadora, varrendo a costa. Virou-se para as duas mulheres.

— Levantem os braços!

Fez passar a corda sobre os seus estômagos, dando várias voltas antes de a passar pelo mastro e a fixar no laço que rodeava o peito de Macro.

— Miúdo, e tu? — Indagou o veterano, ansioso.

— Preciso de mais cordas. — Cato ergueu-se e olhou em redor. Parecia que todo e qualquer pedaço de corda já tinha sido requisitado. Reparou então em algo no exterior do *Hórus*, em pleno mar, a não mais de cinquenta passos. Era a ponta molhada e reluzente de um rochedo que irrompia pela superfície marinha; à medida que Cato observava, mais fragas surgiram à vista. Ali, tão perto da costa, parecia que uma repentina corrente roubava a água, pondo a descoberto o fundo rochoso e também, inesperadamente,

os mastros de uma velha embarcação naufragada. Tal visão deixou-o atordado por instantes, até que um grito de horror de um dos marinheiros lhe despertou de novo a atenção para a onda. O maremoto já se tornara claramente visível para todos os que estavam no convés. Um enorme monstro tenebroso, coroado por uma neblina de espuma branca, que se acercava de uma forma fluida, mostrando uma parede vítrea que corria directamente na direcção do *Hórus*. À sua frente reluziram brevemente as brancas asas de uma gaivota, iluminadas pelo sol poente, mas depressa a ave foi engolida pela sombra da terrível onda.

— Cato!

Virou-se e viu Júlia a olhar para ele, esforçando-se por o alcançar e lhe pegar na mão. Percebeu que já não tinha tempo para se amarrar. Era demasiado tarde. Lançou-se para o chão e aninhou-se o melhor que pôde entre Macro e Júlia, abraçando os ombros de ambos para se tentar aguentar naquela posição. A leve brisa que tinha estado a soprar e que empurrara o navio morreu subitamente, e a vela abateu-se como um pedaço de pele velha e engelhada, para logo se voltar a enfunar com estrondo quando foi atingida pelo ar que a onda empurrava ferozmente à sua frente. A grande massa de água ergueu-se sobre o navio, altiva, mais alta que o mastro, e Cato sentiu o estômago a contorcer-se enquanto cerrava os dentes e tentava enfrentar de olhos bem abertos o temível monstro.

De súbito, o convés inclinou-se abruptamente quando a proa tentou subir a parede de água, e o ar encheu-se dos gritos e guinchos de pânico, depressa abafados pelo som do oceano a confrontar o pequeno navio. Os que se tinham reunido junto à base do mastro tentaram amparar-se uns aos outros enquanto o piso se inclinava mais e mais e a montanha de água se precipitava sobre o *Hórus*, reduzindo-o a uma verdadeira casca de noz. Cato teve a vívida sensação de que o tempo se detinha por um instante, enquanto se esquecia do mundo, fascinado pela terrível aparição que parecia fazer uma pausa antes de avançar para esmagar o navio; a espuma e os salpicos decoravam a crista da onda, tornando-a quase bela. Um grito interrompeu-lhe o encanto: um dos tripulantes não tinha conseguido aguentar-se e precipitava-se pelo convés, calando-se quando a cabeça embateu nas tábuas com toda a força.

Nesse momento, o *Hórus* perdeu definitivamente a breve batalha que travara contra o maremoto, e escorregou para trás sobre a superfície do oceano. Uma torrente de água precipitou-se sobre o navio, arrancando de imediato o mastro, partindo-o uns três metros acima do ponto em que os romanos se tinham amarrado. Mesmo antes de a onda negra os submergir com toneladas de água, Macro, enraivecido, lançou-lhe um derradeiro desafio.

— Vai-te foder, onda de merda!

E então o oceano desabou sobre eles. Cato sentiu a cabeça ser empurrada para trás e embater no que restava do mastro; por momentos, um clarão de dor foi tudo o que viu. Abriu a boca para gritar, mas ela foi imediatamente invadida pela água salgada. Uma força imensa apossou-se dele, tentando arrastá-lo para longe dos amigos. Agarrou ainda com mais força a ponta da corda que rodeava a cintura de Júlia, enquanto ao mesmo tempo tentava cravar as pontas dos dedos nos ombros de Macro. Qualquer sentido de orientação que ainda mantivesse perdeu-se por completo quando o navio adornou e os seus ouvidos se encheram do troar da água que borbulhava à sua volta. Algo embateu contra ele e começou imediatamente a tentar agarrá-lo; percebeu que devia ser outro dos marinheiros, transformado num brinquedo pelo poder do oceano. Dedos arranharam-lhe a face, quase se enfiando pelos seus olhos. Temendo ser ferido, decidiu largar Macro e lutar para afastar o outro, empurrando-o com desespero. Nesse momento o mar renovou os esforços para o derrotar, e ele e o outro homem foram arrancados do convés e arrastados para o negrume das profundezas. O outro lutou como um animal acossado que sentia a vida em perigo. Mas logo a seguir foi levado pelo mar e Cato sentiu-se rebolado e torcido, uma e outra vez, enquanto se esforçava por manter a boca bem fechada e aguentar a respiração ainda mais um pouco. Mas por fim não aguentou mais e abriu a boca, desesperadamente em busca de ar que lhe aliviasse o fogo nos pulmões. A água salgada invadiu-lhe a garganta e penetrou-lhe os pulmões, sufocando-o; percebeu que ia morrer.

O maremoto prosseguiu no seu avanço, deixando atrás de si águas revoltas. O casco do navio mercante surgiu à superfície numa erupção de bolhas de ar e espuma, e ficou a reluzir por momentos à luz do crepúsculo, até que, lentamente, o navio rolou sobre si mesmo e recuperou a sua posição normal. Quando a amurada, primeiro, e depois o convés romperam a superfície do oceano, pouco se podia reconhecer das obras vivas do *Hórus*. A figura do deus egípcio que dava nome à embarcação e que adornava a proa tinha sido arrancada; no seu lugar restavam apenas madeiras partidas. O mastro, vela e todo o cordame tinham sido levados, bem como o timão, que levara consigo capitão e timoneiro. À medida que a água escorregava pelo convés e saía borda fora, o *Hórus* continuava a oscilar, e por momentos deu a sensação de que voltaria a adornar. Mas no último instante deteve-se e acabou por se endireitar, voltando a flutuar sobre a água, embora não passasse agora de um destroço flutuante, ao invés do navio bem conservado que fora até havia apenas alguns minutos. Em volta flutuavam os destroços do mastro e da verga despedaçados, enrolados em pedaços do cordame.

Alguns cadáveres subiram à superfície e ficaram a oscilar nas ondas como trapos velhos.

A cabeça de Macro pendeu, e o veterano piscou os olhos e tossiu, espalhando água salgada pelas redondezas enquanto tentava limpar os pulmões. Abanou a cabeça e olhou em volta. Espalhadas pelo convés, outras figuras começavam a dar sinais de vida, estarecidas e doridas, mas vivas, graças às cordas com que se tinham prendido a diversas partes da embarcação. Macro vomitou alguma água que lhe tinha chegado ao estômago, e cuspiu para tentar limpar a boca do sabor.

— Bonito...

Virou-se e viu Semprônio, que lhe sorria fracamente, antes de também ele começar a cuspir e tossir. Apercebeu-se de movimentos do outro lado; era Júlia, de face retorcida enquanto dava vazão à agonia.

— Senhora, está bem?

— Oh, perfeitamente, não se preocupe. — Resmungou ela, mas de repente calou-se. — Cato! Onde está o Cato?

Macro varreu o convés com o olhar, mas não avistou sinais do amigo. Tentou recordar-se do que se passara antes de a tenebrosa escuridão do oceano o ter engolido.

— Ele estava agarrado a mim mesmo antes de a onda nos atingir. Depois.... Depois não me consigo lembrar.

— Cato! — Gritou Júlia para o vazio, debatendo-se para se libertar das cordas que ainda a prendiam à base do mastro. Quando as alargou o suficiente, contorceu-se para se libertar por completo e pôs-se de pé.

— Cato! Onde estás?

Macro livrou-se também das cordas que o rodeavam e levantou-se por sua vez. Perscrutou cuidadosamente todos os recantos do convés, mas teve de se render à evidência: não havia de facto qualquer sinal de Cato.

— Senhora, o Cato desapareceu.

— Desapareceu? — Ela virou-se para o veterano. — Não, não pode ser.

Macro encarou-a sem saber o que fazer, e acabou por abarcar o convés com um gesto.

— Não está aqui.

Júlia abanou a cabeça e afastou-se do centurião, erguendo a voz para chamar, em tom rouco:

— Cato! Cato! Onde estás?

Macro ficou a vê-la por momentos, mas lembrou-se então do senador e ajudou-o a levantar-se.

— Obrigado. — Respondeu Semprônio. — É melhor tratar também da rapariga, a Jesmiah.

Macro anuiu e procurou-a com o olhar. Estava sentada, apoiada contra

o mastro, a cabeça a oscilar em harmonia com os movimentos do navio sobre as ondas. O veterano ajoelhou-se e pegou-lhe ternamente no queixo. Os olhos da jovem estavam abertos, mas já nada viam da cena à sua volta. Reparou então na mancha escura que começara a surgir na dobra do pescoço, e que era visível até na escuridão crescente. Deixou pender-lhe o queixo de novo, e levantou-se com ar pesaroso.

— Não resistiu. Tem o pescoço partido.

Semprónio suspirou.

— Pobre criatura.

— Morta? — Perguntou Júlia. — Não pode ser. Ela estava amarrada ao meu lado.

— Foi-se, senhora. — Confirmou Macro, no tom mais suave que conseguiu. — Deve ter sido atingida por alguma coisa pesada quando a onda rebentou em cima de nós. Talvez um bocado do mastro, quem sabe. Pode ter sido uma coisa qualquer.

Júlia ajoelhou-se em frente da sua criada e pegou-lhe nos ombros.

— Jesmiah! Acorda. Acorda, já te disse! Ordeno-te que despertes. — Abanou violentamente os ombros da rapariga, fazendo com que a cabeça se sacudisse de forma quase obscena. Macro ajoelhou-se ao seu lado e pegou-lhe nas mãos.

— Senhora, ela partiu. Já não consegue ouvi-la. Não há nada que possamos fazer por ela. — Fez uma pausa e respirou fundo para tentar acalmar as suas próprias emoções. — E também nada podemos fazer pelo Cato, infelizmente.

Júlia encarou-o furiosa, mas de imediato as suas feições se contorceram numa máscara de dor quando o choro irrompeu do mais fundo do seu ser e a fez cobrir a face com as mãos. Hesitante, Macro pôs-lhe um braço em torno dos ombros e tentou encontrar algumas palavras que a pudessem confortar. Mas não conseguiu, e limitou-se a ficar sentado ao lado dela enquanto a escuridão da noite se fechava sobre o *Hórus*. Depois de a onda ter passado por eles para prosseguir a sua trajectória de destruição junto à costa, o mar tinha-se gradualmente acalmado, e agora apenas uma ligeira ondulação persistia. Por fim, Macro levantou-se e chamou a atenção de Semprónio puxando-lhe pela manga da túnica.

— Senhor, será melhor que se encarregue dela.

— O quê? — O senador franziu o sobrolho momentaneamente, ainda atarantado pelos acontecimentos e pelo facto de ter sobrevivido à monstruosa onda. Olhou então para a filha no chão e anuiu. — Sim, tem toda a razão. Eu trato dela. E agora, Macro?

— Senhor?

— O que vamos nós fazer?

Macro coçou o queixo.

— Bem, suponho que o melhor será tentar manter o navio a flutuar, por esta noite. E pela manhã ver em que pé estão as coisas.

— Mais nada?

Macro respirou fundo.

— Senhor, quanto a navios, só posso dizer uma coisa: não percebo nada desta merda. Não passo de um soldado. Mas farei tudo o que puder. Compreende?

Enquanto o senador se sentava e punha os braços em volta da filha, Macro empertigou-se e soltou um brado de forma a ser escutado por todo o convés.

— Toda a gente de pé, chega de mandriar! Tripulantes, todos aqui junto a mim, imediatamente. Foda-se, temos um navio para salvar!

Enquanto os vários vultos se arrastavam na sua direcção à fraca luz do crepúsculo, Macro observava-os com todo o cuidado, ainda à espera de ver surgir Cato, vivo e de boa saúde. Mas o jovem não se encontrava entre os sobreviventes assustados e aturdidos que se iam agrupando em redor do que restava do mastro.

O capitão desapareceu. — Anunciou Macro. — E o timoneiro também. Quem é o seguinte na hierarquia a bordo?

Os homens da tripulação olharam uns para os outros, até que um homem já de certa idade deu um passo em frente.

— Bem, senhor, sou eu. Sou o imediato.

— És capaz de manobrar o navio?

— Acho que sim, senhor. Divido os quartos de vigia com o capitão. Ou melhor, dividia, até...

O homem fez um gesto vago na direcção da popa e encolheu os ombros. Macro apercebeu-se de que ele ainda estava em choque, e que não podia contar com todas as faculdades do imediato na condução do navio.

— Muito bem, por agora assumirei eu o comando. Assim que o navio estiver em condições de navegar, passas a ocupar o posto de capitão. Entendido?

O imediato aceitou com um gesto sem entusiasmo. Macro olhou em redor, precisamente no instante em que uma pequena onda lançou uns borrifos sobre a amurada do navio, já que a embarcação estava inundada e vogava com uma linha de água perigosamente baixa.

— A primeira coisa a fazer é aligeirar o navio. Quero toda a gente, tripulação e passageiros, a lançar a carga borda fora. Assim que tivermos o bordo um bocado mais acima da água, poderemos começar então a bombear o líquido que temos nos porões.

— Por que tipo de carga devemos começar, senhor? — Quis saber o imediato.

— Pela que estiver mais à mão. E agora abram as escotilhas e despachem-se.

As portas do porão, feitas de madeira, tinham estalado devido aos movimentos da carga quando o navio rolara sobre a quilha. Depois de desfazer os nós das cordas que as prendiam, Macro e os outros pegaram nas pranchas estilhaçadas e atiraram-nas borda fora. Os últimos resquícios da luz do dia desapareciam rapidamente quando Macro se debruçou sobre o vazio para tentar perceber o que continha o porão. Se tinha existido alguma

ordem na disposição da carga, já não havia sinal dela; só se via uma montanha de ânforas desfeitas, sacas de cereal e fardos de outros materiais a preencher o espaço. E a oscilar ao sabor dos movimentos da água que para lá tinha entrado.

— Ora bem, vamos ao trabalho. — Ordenou Macro. — Apanhem o que vos vier à mão e atirem-no fora. — Apontou aos tripulantes mais próximos. — Vocês os quatro, lá para baixo. Os outros recebem o que eles pas-sarem, e lançam-no ao mar.

Os marinheiros desceram cuidadosamente para o porão, apoiando-se no amontoado de carga até conseguirem posições minimamente estáveis. Entretanto, Macro descortinou algumas pequenas arcas no cimo da pilha.

— Passem primeiro essas caixas.

Mal a primeira chegou ao convés, o imediato contemplou-a e engoliu em seco, nervoso.

— Senhor, não podemos atirar fora aquela arca.

— Oh? E porque não?

— Pertence, como as outras, a um romano de alguma notoriedade. Contêm especiarias muito raras. São muito valiosas, senhor.

— Azar. — Ripostou Macro. — Pega nela e atira-a para a água, vá.

O imediato abanou a cabeça.

— Não, senhor. Não serei eu o responsável por essa acção.

Macro suspirou. Dobrou-se, pegou na caixa, dirigiu-se à amurada e lançou-a para o oceano. Voltou-se novamente para o imediato, e não conseguiu evitar um sorriso ao ver a expressão horrorizada do outro.

— E já está. Viste? Não é lá muito difícil, quando se tenta. Vá, ao trabalho, todos. Estou-me borrifando para o valor das coisas que encontrarem. Vai tudo borda fora. Percebido?

Os tripulantes que estavam no porão lançaram-se ao trabalho sem hesitações, atirando todas as peças soltas para o convés, onde os seus camaradas as lançavam sobre a amurada sem qualquer perda de tempo. Macro dirigiu-se de novo ao imediato, mantendo a voz baixa.

— E agora, se não te importas, parece-me que já é altura de fazeres alguma coisa para tentar salvar a merda do teu navio.

O outro percebeu o ar sério do centurião e apressou-se a anuir, saltando de imediato para o porão para ajudar os seus homens.

— Assim está muito melhor. — Concluiu Macro.

Enquanto mais caixas e fardos de material ensopado eram içados para o convés, Semprônio e a filha aproximaram-se de Macro.

O senador limpou a garganta.

— Podemos ajudar?

— Claro, senhor. Quantas mais mãos, melhor. Se os marinheiros co-

meçarem a mandriar, aplique-lhes uns pontapés nos traseiros. Temos de aligeirar o navio, e depressa.

— Vou tratar disso.

— Obrigado, senhor. — Macro virou-se para Júlia. — Senhora, será talvez melhor que recolha ao castelo da popa.

Júlia levantou o queixo, altiva.

— Não. Nem pensar nisso, enquanto houver coisas para fazer.

Macro ergueu uma sobrancelha.

— Senhora, bem sei o que o Cato representava para si. A última coisa que quero é obrigá-la a ignorar tamanha perda. Além disso, isto é um trabalho duro, para homens. Sem ofensa, mas só iria atrapalhar.

— Ah, sim? — Os olhos de Júlia semicerraram-se. Deixou escorregar para o convés a capa encharcada que ainda tinha pelos ombros. Dobrou-se e desceu para o porão, pegou num pesado baú e, com um grunhido, empurrou-o para o convés. Macro olhou para ela e encolheu os ombros.

— Como quiser, senhora. E agora, será melhor ir tratar dos mortos. — Disse, com uma expressão fechada.

— Dos mortos? — Semprónio olhou-o, surpreso. — Não lhe parece um tanto tarde para fazer por eles o que quer que seja?

— Temos de alijar peso. Ou seja, eles também têm de ir pela borda fora. — Explicou Macro, tentando evitar melindres. — Infelizmente, estou acostumado à morte, portanto será melhor que seja eu a tratar disso.

— Borda fora? — Semprónio olhou para o mastro quebrado, junto ao qual se via o cadáver de Jesmiah. — Ela também?

— Sim, senhor. — Confirmou Macro, com tristeza. — Ela também.

— Uma pena. — Meditou Semprónio, enquanto contemplava o corpo. — Não teve uma vida muito longa, a pobre rapariga.

— Foi maior que a de muitos, senhor. E a sua morte acabou por não ser tão horrível como esteve para ser. — O veterano recordou brevemente o cerco da cidadela de Palmira, onde tinha conhecido Jesmiah. Se a fortaleza tivesse tombado nas mãos dos rebeldes, ela e todos os defensores teriam sido massacrados, depois de serem torturados ou violados. Mas o senador tinha razão: a vida da pobre miúda tinha sido interrompida bruscamente, no preciso momento em que ela poderia finalmente aspirar a uma pequena medida de felicidade. Macro suspirou enquanto atravessava o convés e se debruçava sobre o corpo. Ainda estava preso ao mastro pela corda que lhe rodeava a cintura, pelo que Macro empunhou a adaga e cortou o cabo, afastando as pontas. Recolocou a lâmina na bainha, enfiou as mãos por baixo do cadáver e pegou-lhe sem esforço. A cabeça de Jesmiah rebolou contra o seu ombro, como se a jovem estivesse apenas a dormir, e Macro encaminhou-se lentamente para a amurada e levantou-a acima do bordo.

Lançou uma última olhadela à face juvenil e baixou-a para as ondas, deixando-a mergulhar sem levantar salpicos. O cabelo e as roupas dela espalharam-se à superfície, até que veio uma leve onda que a fez embater no casco e depois a levou. Macro soltou outro suspiro e virou-se, procurando outro cadáver. Restavam apenas três; os outros desaparecidos tinham sido levados pelo mar quando a titânica onda se abatera sobre o *Hórus*, tal como sucedera a Cato. Ao pensar de novo no amigo, viu-se obrigado a parar o que estava a fazer. Cato era o que tinha de mais parecido com família em todo o mundo. Nos anos que tinham passado juntos ao serviço de Roma, tinha acabado por o considerar como um irmão. E agora estava morto. Macro sentia o coração aturdido, incapaz de reagir, mas sabia perfeitamente que assim que tivesse tempo para pensar no assunto, a mágoa o invadiria.

— Pobre Cato, logo ele que nunca gostou da água...

Com um pesaroso abanar da cabeça, pegou no último corpo, um mercador baixo e magro que tinha embarcado em Cesareia. Soltou um grunhido enquanto erguia o cadáver e o lançava para tão longe quanto possível; virou-se e encaminhou-se para a escotilha do porão, para ajudar os outros na tarefa de aliviar a carga do navio.

Depois do que lhe pareceu uma eternidade de agonia, com os pulmões a arderem e a visão a turvar-se, Cato apercebeu-se de uma mancha de clareza na água escura que o rodeava. Com o que lhe restava de forças, bateu os pés, e o coração encheu-se-lhe de esperança ao notar que a luz aumentava de intensidade, sinal de que se dirigia para a superfície do oceano. No momento em que a dor se tornava tão imensa que lhe parecia ir perder os sentidos, recebeu uma explosão de som nos ouvidos e irrompeu pelo meio das ondas. De imediato tentou expulsar a água que lhe entrara para os pulmões, tossindo freneticamente, enquanto remexia sem cessar os membros, num esforço para se manter à tona.

Durante bastante tempo só conseguiu respirar aos soluços, quase em pânico. A água batia-lhe na face e tentava a todo o custo entrar-lhe para a boca, engasgando-o uma e outra vez, quase o levando ao vômito. Os olhos ardiam-lhe de tal modo que se viu forçado a mantê-los fechados enquanto lutava para se aguentar a flutuar. A túnica e as pesadas botas militares davam-lhe um lastro indesejado, prejudicando os esforços que desenvolvia para se manter à superfície. Apercebeu-se de que, se tivesse apenas mais uma outra peça de roupa vestida, já estaria por certo afogado. Pouco a pouco foi recuperando o ritmo da respiração, e por fim o coração deixou de lhe martelar os ouvidos; conseguiu piscar os olhos e avaliar o que se passava na agitada superfície do mar à sua volta.

A princípio só conseguiu ver água, mas ao virar a cabeça, distinguiu ao longe a linha de costa de Creta. Parecia estar a muitas milhas de distância, e duvidou que tivesse forças suficientes para a alcançar. Então alguma coisa lhe bateu de lado e ele revirou-se na água, em pânico. Era uma peça quebrada da verga, completa com um bocado de vela rasgada e cordame, que fazia lembrar os tentáculos de algum monstro das profundezas, e que flutuava junto a ele. Soltou um explosivo grito de alegria enquanto se agarrava à madeira e, assim apoiado, descansava os braços. Deixou-se então levar no sobe e desce da ondulação e avaliou mais calmamente a situação em redor. O oceano estava salpicado de destroços do *Hórus*, entre os quais flutuavam alguns cadáveres.

A terrível angústia de ser possivelmente o único sobrevivente do navio apossou-se dele por instantes. Os outros, todos eles, deviam ter ido ao fundo quando a onda atingira a embarcação e a fizera soçobrar. Macro... Júlia, o pai dela, Jesmiah, todos, pensou, enquanto o pânico o invadia de novo e um grito involuntário de dor se lhe soltava das profundezas do peito.

Uma onda ligeiramente mais forte levantou-o então, e ele avistou o navio, ou melhor, o que dele restava. A alguma distância, o casco ainda flutuava, embora mal se mantivesse acima da linha de água. O mastro principal e o da popa tinham sido levados, e à fraca luz do princípio da noite, Cato mal conseguiu adivinhar um punhado de vultos a vaguear pelo convés, como que desorientados. Tentou chamar, mas não conseguiu mais do que soltar um gemido que lhe fez doer a graganta, e de imediato uma onda se abateu sobre a sua cara e lhe encheu a boca de água. Engasgou-se de novo, mas voltou a tentar, e depois resolveu nadar ao seu modo desajeitado, lutando contra uma nova vaga de desespero, enquanto a pouca luz que restava se esvaía. Quem estivesse no navio não conseguiria avistá-lo. E de qualquer maneira deviam estar demasiado ocupados com os seus próprios problemas para ainda pensarem em dedicar-se à busca de sobreviventes. Tremeu. A água já estava fria, e duvidava que tivesse forças para aguentar uma noite de molho.

Agarrou-se com força ao pedaço de verga e começou a dirigir-se para o navio. O avanço era difícil, mas a perspectiva de um salvamento deu-lhe a força da esperança, pelo menos a suficiente para continuar a pontapear a água e a atravessar as ondas a caminho do *Hórus*. O progresso parecia-lhe dolorosamente lento e temeu seriamente que a escuridão o envolvesse por completo e o fizesse perder a noção da localização do navio.

A distância foi-se encurtando e, apesar de a noite ter acabado por se instalar sobre o oceano, havia ainda assim brilho suficiente vindo das estrelas para se conseguir divisar a silhueta do navio, escura contra o negrume das águas. Ao aproximar-se, Cato tentou de novo um chamamento, mas o seu gemido foi completamente abafado pelo bater das ondas no casco e

pela agitação a bordo. Já perto do *Hórus*, embateu numa caixa de madeira quase submersa. Afastou-a e prosseguiu, cada vez mais perto. Sobre ele assomaram dois vultos, grunhindo enquanto se debatiam com uma pesada ânfora.

— Quando eu disser três. — Ouviu-se uma voz, e os vultos começaram a fazer baloiçar a ânfora, para cá e para lá. Cato reconheceu de imediato a voz, mas antes que conseguisse tentar gritar uma saudação, o entusiasmo morreu-lhe na garganta, ao aperceber-se de que o pesado vaso se preparava para lhe cair mesmo em cima.

— Esperem! — O grito saiu-lhe da garganta ao mesmo tempo que levantava uma mão e a agitava freneticamente na água para chamar a atenção. — Pousem essa porra!

— Com um caralho! — A voz de Macro chegou-lhe com a clareza habitual. — Cato? Foda-se, és mesmo tu?

— Sim... Sim. Porra, pousem essa merda, antes que a deixem cair em cima de mim!

— O quê? Ah, sim. — Macro virou-se para o outro homem no convés. — Devagar. Pousa a ânfora, com cuidado. Cato, aguenta. Vou buscar uma corda.

— Onde é que eu havia de ir? — Resmungou o jovem.

No momento seguinte, a forma de Macro voltou a assomar à amurada, e uma corda foi lançada à água.

Os dedos gelados de Cato lutaram para lhe encontrar a ponta. Quando finalmente a alcançou, agarrou-se com toda a força que ainda possuía, antes de soltar por entre os dentes um aviso.

— Pronto.

Soltando um grunhido, Macro arrancou o amigo às garras do oceano, e quando o jovem ficou ao seu alcance, debruçou-se e agarrou-lhe a túnica com uma mão, puxando-o para bordo. Cato aterrou sobre o convés e deixou-se escorregar até se apoiar na amurada, o peito a arfar com o esforço de ter nadado até ao *Hórus* e a tremer violentamente graças à brisa fresca que varria o convés do navio. Macro não conseguiu evitar um sorriso quase sinistro.

— Bem, estás bonito. Um verdadeiro pinto.

Cato fez uma careta.

— Confesso que me escapa a hilaridade da situação.

— É só porque não estás a tentar vê-la.

Cato abanou a cabeça, mas de imediato o seu coração se sobressaltou quando olhou em redor e se apercebeu dos danos que a embarcação sofrera, e do escasso número de pessoas que se afadigava junto à escotilha de acesso ao porão.

— A Júlia... Onde está ela?

— A salvo, miúdo. Tal como o seu pai. — Macro fez uma pausa e limpou a garganta. — Mas a Jesmiah foi-se.

— Foi-se?

— Morreu. Quando o navio rolou, partiu o pescoço. Perdemos bastante gente, entre tripulação e passageiros. A maior parte foi arrastada para o mar. Os outros foram mortos ou feridos por peças do navio que se quebraram e foram projectadas.

— A Júlia salvou-se. — Murmurou Cato para si mesmo, deixando-se invadir pelo alívio. Respirou fundo para se acalmar e olhou para o amigo. — Mas julga que eu desapareci?

Macro anuiu.

— Está a fazer-se forte, claro, sendo a filha de um senador, e tal. Mas talvez seja boa ideia ires sossegá-la o mais cedo possível. E depois temos que tratar de pôr esta banheira em condições de navegar, ou vamos acabar por ir fazer companhia aos peixinhos.

Cato pôs-se de pé a custo.

— Onde está ela?

— No porão. A ajudar a tirar a carga cá para fora. Ideia dela, não minha, antes que te lembres de perguntar. — Virou-se para um marinheiro próximo. — Bom, tu, dá aqui uma ajuda com isto.

Deixando Macro e o outro homem a ocuparem-se da incómoda ânfora, Cato atravessou o convés na direcção da escotilha referida. Quando lá chegou, avistou Semprónio, que olhava para cima. O rosto do senador abriu-se num largo sorriso.

— Ora bem! Centurião, tinha-te por morto.

Cato pegou na mão que lhe era oferecida e apertou o braço do senador. O homem mais velho encarou-o por momentos, antes de continuar, em tom quase comovido.

— Meu rapaz, é realmente bom ver-te. Temi o pior.

— Também eu. — Confessou Cato. — Mas, ao que parece, os deuses ainda têm planos para mim.

— De facto. Assim que chegarmos a terra firme, farei um sacrifício a Fortuna.

— Muito obrigado, senhor. — Agradeceu Cato, deixando o olhar perder-se no porão do navio, para lá do senador. Mesmo na penumbra, distinguiu Júlia de imediato. Estava debruçada sobre um fardo de tecido empapado em água, lutando para o levantar para cima do ombro.

— Senhor, desculpe-me. — Cato soltou a mão do senador e saltou para o interior do porão, aterrando ligeiramente atrás de Júlia. Inclinou-se para a ajudar, tocando-lhe ao de leve no braço enquanto pegava no fardo. Ela sobressaltou-se e ripostou, irritada:

— Eu trato disto!

— Júlia, deixa-me ajudar-te.

Ela parou de imediato e respondeu num sussurro, sem virar a cabeça:

— Cato?

— Claro.

Júlia largou o fardo e levantou-se enquanto rodava, lançando os braços em torno dele.

— Cato! Oh, Cato... Pensei... — Olhou-o nos olhos enquanto os lábios tremiam. E logo escondeu a face no peito encharcado do jovem, enquanto cerrava os punhos sobre as costas da sua túnica. Cato sentiu-a tremer e escutou o primeiro soluço. Afastou-se ligeiramente, de forma a poder olhá-la no rosto.

— Júlia, está tudo bem. Chhh, meu amor. Não há razão para chorares, estou vivo e sem ferimentos.

— Eu sei, eu sei, mas pensei que te tinha perdido.

— A sério? — Cato arqueou as sobrancelhas. De facto, sobreviver àquela onda tinha sido um momento de rara fortuna. Obrigou-se a sorrir. — É preciso mais do que uma ondinha de merda para acabar comigo.

Júlia largou-o e passou a dar-lhe pequenos murros no peito.

— Não voltes a fazer-me uma destas.

— Prometo. Quer dizer, a não ser que apanhemos outra onda assim.

— Cato! — Avisou ela. — Não brinques!

Foram interrompidos por um sonoro tossir, e viraram-se em uníssono para ver Macro, de mãos na cintura, a olhar para eles com uma expressão de gozo.

— Se vocês os dois já acabaram, talvez pudéssemos voltar ao trabalho?

As primeiras horas da noite foram gastas a livrarem-se do máximo possível de peças de carga. O trabalho tornava-se cada vez mais difícil, à medida que os sobreviventes se embrenhavam mais e mais no porão, onde tinham sido colocadas as peças mais pesadas. Muita da carga tinha sido deslocada e ficara presa contra o casco ou as tábuas por baixo do convés. Mas a pouco e pouco, o bordo do *Hórus* começou a afastar-se do nível das ondas, para grande alívio de todos os que estavam a bordo. Porém, quando avançaram até ao fundo do porão, tornou-se evidente que o navio tinha recebido muita água.

— Assim que nos livrarmos de mais umas peças da carga, podemos começar a tirar a água. — Decidiu Macro. — Isso deve chegar para nos manter a flutuar.

O imediato coçou o queixo.

— Sim, espero que sim.

Macro virou-se para ele, irritado.

— Há mais algum problema?

— Evidentemente. — O homem pareceu ficar surpreso pelas dúvidas do centurião. — A carga andou às voltas pelo porão, o *Hórus* virou-se e tudo. Por sorte, endireitou-se. Tivemos mesmo muita sorte. O facto de ainda estar à tona só mostra como este navio foi bem construído. Mas sofreu muitos danos. O cavname foi sujeito a uma grande tensão, e deve haver pontos onde ainda está a fazer água.

Macro encolheu os ombros.

— Nesse caso, só nos resta tirá-la mais depressa do que entra.

— Podemos tentar.

— Tentar, uma porra. Vamos fazê-lo. — Cortou Macro com firmeza.

O imediato anuiu.

— Se o diz. Mas assim que for seguro, tenho de descer ao porão e verificar o estado do casco. Se encontrar buracos, vou tentar tapá-los, claro.

— E qual é o problema de ires lá agora mesmo?

— Ainda andam por lá pedaços da carga soltos, centurião. A ondulação está a aumentar, e não me apetece nada ser esmagado ou ficar preso se o *Hórus* se inclinar demasiado. Temos de nos livrar da maior parte da carga antes de ser seguro descer.

— Bom ponto. Esperaremos até ser seguro. Vou dar-te uma ajuda. — Olhou em redor, e o olhar prendeu-se na extremidade estilhada do mastro que se quebrara. — Há mais uma coisa.

— Senhor?

— Manter o navio à tona é um dos problemas; outro, e maior, é: como é que o vamos controlar e levar para onde quisermos?

O imediato apontou para uma viga amarrada junto a uma das amuradas.

— Vamos ter de improvisar um mastro. Lá à frente temos cabos e uma vela velha. E depois também vamos ter de arranjar um novo leme com o que pudermos aproveitar dessas madeiras. Sempre teremos algum controlo, mas o navio será lento, e se formos apanhados por alguma tempestade... — Estremeceu. — Ou até por uma onda que tenha metade do tamanho da que nos arrasou...

— Bom, então está decidido. Assim que conseguirmos fazer essas reparações, dirigir-nos-emos ao porto mais próximo em Creta.

O imediato pensou uns momentos, e anunciou:

— Matala é a nossa melhor aposta.

— Seja, Matala. E agora vamos ao trabalho.

Assim que considerou que o porão já era seguro, o imediato desceu cuidadosamente por entre a carga que ainda restava e dirigiu-se ao casco. Macro

seguiu-o, levando às costas uma saca repleta de pedaços de lona besuntados de piche. Lá em baixo quase não havia luz, e o constante estalar das madeiras, aliado ao som da água que passava do outro lado do casco, era enervante.

— Por aqui. — Chamou o imediato. — Mantenha-se próximo de mim.

— Não te preocupes, não vou a lado nenhum.

O homem avançou para a proa, procurando o caminho por entre as vigas travessas do *Hórus*. Depois começou a percorrer o casco lentamente, a caminho da proa, sempre a tactear, à procura de fugas e buracos. De vez em quando estacava e pedia um pedaço de pano a Macro, e os dois homens agachavam-se na água fria e tentavam introduzir o material grosseiro nas fendas que se tinham aberto nas juntas. Quando por fim completaram o circuito, passando pela ré e regressando à vante, voltaram a subir; Macro trepou os últimos degraus para o convés e deixou-se cair, frio e exausto.

— Aqueles trapos vão manter a água lá fora? — Perguntou.

— Vão ajudar. Por agora, é o melhor que podemos fazer. Assim que tivermos montado o novo mastro, teremos de organizar turnos para tirar a água lá de baixo.

— Muito bem. Eu encarregar-me-ei de um deles. O Cato tratará do outro. Preciso que te concentres em manter o navio à tona e em levá-lo até bom porto.

O imediato suspirou.

— Centurião, farei o possível.

— É claro. Se esta banheira for ao fundo e nos afogarmos todos, garanto-te que, mesmo depois de morto, te arrancarei as tripas e as darei aos peixinhos. — Deu uma palmada nas costas do outro. — Vamos lá a levantar esse mastro.

Com a ajuda dos oficiais romanos, os tripulantes desamarraram o tronco e colocaram-lhe a ponta sobre a base quebrada do mastro. A seguir, com quatro cordas amarradas à outra ponta, Macro e cinco homens puxaram-na até a colocarem na posição desejada. O imediato, com a ajuda de dois homens fortes, manteve a ponta no sítio, enquanto Cato orientava duas equipas de homens que puxavam pelas cordas. A pouco e pouco o tronco subiu, guiado de forma a ficar em posição vertical e estável sobre o toco do mastro, graças à acção de Macro e dos outros homens nas cordas. Assim que chegou à posição ideal, o imediato e os seus homens amarraram-na ao que restava do mastro, e depois puseram mais e mais cordas, apertando-as bem, até ficarem convencidos de que o mastro improvisado estava o mais firme possível. Os marinheiros não tiveram descanso, já que tiveram de improvisar pano e verga, esta criada a partir de uma série de timões, bem amarrados. Por fim foram buscar uma antiga vela que estava na

arrumação e prenderam-na à verga. Um leme também foi recriado, e um homem viu-se designado como timoneiro, e por fim a nova vela foi içada pelo mastro acima.

Uma leve brisa enfunou-a, fazendo-a ondular e protestar, e o imediato olhou para cima, apreensivo. Satisfeito com a resistência das obras mortas improvisadas, deu ordens precisas à tripulação, e o *Hórus* recuperou o autocontrolo, começando a atravessar as ondas em vez de ficar estático à sua mercê, enquanto a primeira réstea de luz surgia no horizonte. No convés, todos os que não estavam a auxiliar a tripulação nisto ou naquilo alongaram-se sobre as tábuas, exaustos. O senador Semprônio aconchegou a cabeça e ombros da filha no próprio colo, e cobriu-a com a capa. Quando o imediato se deu por satisfeito com as reacções do navio depois das reparações apressadas que tinham sido feitas durante a noite, foi apresentar um relatório a Macro e Cato.

— Senhor, vamos seguir uma rota ao longo da costa. Devemos chegar a Matala antes da noite. Lá poderemos fazer todas as reparações mais complexas.

— Bom trabalho. — Macro sorriu. — Portaste-te bem.

O imediato estava demasiado extenuado para se preocupar em oferecer um ar modesto, e limitou-se a acenar, antes de se dirigir ao timoneiro e lhe transmitir as ordens; depois encostou-se à amurada, e ali ficou a repousar. Macro esfregou as mãos, e contemplou a aproximação da alvorada.

— Ouviste? Sãos e salvos, em terra firme, pelo fim do dia.

Cato não respondeu. Absorto, olhava para a distante linha de costa da ilha de Creta. Ao fim de alguns instantes, espreguiçou-se e esfregou o pescoço.

— Sãos e salvos? Espero bem que sim.

Macro franziu o sobrolho.

— O que foi agora? A perspectiva de te veres salvo de um túmulo aquático não te agrada?

— Oh, não, isso agrada-me sobremaneira. — Cato forçou-se a sorrir brevemente. — A questão é: se aquela onda quase destruiu o navio, só os deuses saberão a destruição que ela espalhou por toda a ilha...

À medida que o *Hórus* dobrava o cabo, os que seguiam a bordo tinham um primeiro vislumbre da devastação que a onda gigante tinha provocado no porto de Matala. Armazéns e cais tinham sido destroçados, e os restos tinham sido empurrados terra adentro pela encosta, onde as casas densamente dispostas também não tinham resistido à força do mar em revolução. Barcos de pesca, de transporte e de recreio avistavam-se espalhados sobre as rochas e penedos que ladeavam a baía. Em terra, acima da linha que marcava claramente o ponto de maior avanço das águas, a destruição não fora menor. Os edifícios, grandes e pequenos, tinham ruído, como se esmagados pelo pé de um titã. Havia incêndios que ainda lavravam, sem haver ninguém para os controlar, e que espalhavam as suas colunas de fumo pelo calmo céu do entardecer. Poucas pessoas se conseguiam divisar por entre as ruínas, algumas tentando desesperadamente vasculhar por entre os destroços, em busca de entes queridos ou de possessões materiais. Outras deixavam-se estar sentadas e de olhar ausente, em choque, incapazes de enfrentar a realidade da destruição que as rodeava.

Macro engoliu em seco.

— Por Hades, o que aconteceu aqui?

— O maremoto. — Sugeriu Júlia. — Deve ter destruído o porto antes de nos alcançar.

— Não foi só a onda. — Contrariou Cato. — A água penetrou na terra até certo ponto, mas há muita destruição acima dessa linha. — Virou-se para o senador. — Parece-se mais com aquele terramoto na Bitínia sobre o qual nos contou.

Semprônio contemplou a cena que se revelava à sua frente antes de responder.

— Isto é pior, muito pior. Nunca vi nada assim.

Continuaram a olhar abismados para a devastação, enquanto o *Hórus* se arrastava para a baía. Apesar das reparações nocturnas, o navio continuava a fazer água, e tinham sido estabelecidos turnos de tripulantes e passageiros para formar uma cadeia humana e a baldear. Mesmo assim, o nível desta tinha subido ao longo de todo o dia, fazendo o navio assentar ainda

mais profundamente na água e reduzindo a sua velocidade, já baixa, a um verdadeiro caracolar.

O imediato contemplou a água, reparando numa zona escura onde rochas submersas se projectavam para o exterior do cabo. Endireitou-se e apontou para uma faixa de cascalho sob as falésias do outro lado da baía.

— Vou levar o navio a encalhar ali. Já não se aguenta a flutuar muito mais tempo, senhor. — Explicou. — Se o encalharmos na praia, ao menos poderemos recuperar algum material, bem como o que sobrou da carga.

— Está certo. — Anuiu Cato. — Mas duvido bastante que haja condições neste porto para reparar o navio, pelo menos durante uns tempos. — Aliás, o mesmo deve suceder em todos os portos deste lado da ilha. O que aconteceu aqui deve ter-se repetido em todos eles.

— Achas que foi isso que se passou? — Espantou-se Júlia.

— Viste a onda. O que é que a poderia impedir de prosseguir ao longo da costa, e depois pelo mar fora? Olha, nem ficaria surpreso se tivesse continuado para aí até à costa da Síria antes de morrer. — Fez um gesto abarcando a costa. — A onda e o tremor de terra, os dois juntos, devem ter destruído quase tudo. — Relembrou em pensamento o recinto de alojamento de escravos que tinham visto ruir na tarde anterior. — Deve haver centenas de mortos. Talvez milhares. E ao que parece, nem um edifício ficou intacto. Sabem os deuses o que vamos encontrar quando chegarmos a terra. O caos. Completo e absoluto.

— Mas temos de reparar o navio. — Insistiu Júlia. — Para podermos regressar a Roma. Se os outros navios estiverem desfeitos, este terá de ser reparado seja como for.

— E quem o poderá fazer? — Lembrou Cato. — As docas desapareceram. Os estaleiros foram varridos, e a maior parte dos construtores navais que neles trabalhavam devem ter sido apanhados pela onda e estão com certeza mortos.

Júlia pensou por momentos.

— O que vamos então fazer?

Cato passou os dedos pelo cabelo encrespado e cheio de sal, com ar fatigado.

— Teremos de desembarcar e tentar perceber quem é que manda na cidade. Talvez quando souberem que o teu pai viaja a bordo, nos forneçam algum auxílio e abrigo.

— Abrigo? — Macro soltou uma risada seca. — Essa é boa. Que abrigo? Tanto quanto consigo descortinar, não há mais do que uma meia dúzia de edifícios ainda de pé, e a maior parte pouco mais são do que barracas.

— É verdade. — Admitiu Cato. — Mas quando usei a palavra abrigo, estava a pensar num sentido mais lato.

— Hã?

— Macro, pense. A ilha está de pernas para o ar. Viu o que aconteceu ao recinto dos escravos. Eles estão à solta. E imagino que sucedeu o mesmo noutras herdades. E toda a gente deve andar à procura de comida e de um local seguro para aguentar estes tempos duros que se aproximam. Depressa as pessoas começarão a lutar por essas coisas. Temos de encontrar algum tipo de protecção, ou providenciar a nossa própria forma de resistir. Pelo menos até que chegue ajuda e que a ordem seja completamente restabelecida.

Macro encarou-o com ar amargo.

— Pelos deuses, Cato, és mesmo um tipo optimista. Mal acabámos de escapar a um naufrágio e ao afogamento, e já andas a ver se descobres o lado mau da coisa.

— Desculpe.

Macro deitou uma olhadela a Júlia.

— Tem a certeza de que quer casar com ele, senhora? Com o senhor a-ânfora-está-sempre-meio-vazia?

Ela não respondeu, mas aproximou-se mais de Cato e agarrou-lhe o braço.

Sob o comando do imediato, o *Hórus* foi cruzando a baía, aproximando-se da faixa de areia, e depressa começaram a distinguir uma camada de destroços depositados sobre o cascalho da praia. Havia cadáveres esparramados por entre madeiras despedaçadas e tufos de vegetação arrancada. O navio prosseguiu no seu rumo, enquanto o imediato mantinha uma atenção constante ao que se passava com a profundidade das águas. As fragas da margem começaram a crescer sobre o navio e por fim Cato sentiu um leve estremeção sob os pés, e o navio imobilizou-se.

— Soltem as espias! — Gritou o imediato à tripulação. Depois, com a vela a ondular sob a brisa suave, inspirou profundamente e lançou outra ordem. — Recolham o pano!

Os homens soltaram os cabos que prendiam a verga improvisada e baixaram-na cuidadosamente, recolhendo o pano no mesmo processo. Por fim, vencidos pela exaustão e tensão acumuladas nas horas de desespero da noite anterior, a que se tinham somado os cansativos turnos do dia seguinte a tirar água do porão, os homens deixaram-se abater sobre o convés e puseram-se a descansar.

— E agora, o que fazemos? — Indagou Júlia.

— Fazemos? — Macro encarou-a. — Senhora, terá de ficar a bordo. Com o resto da tripulação e dos passageiros. Entretanto, eu, o Cato e o seu pai vamos até Matala ver como estão as coisas.

— Eu vou convosco.

— Respeitosamente, senhora, nem pense nisso. Pelo menos enquanto não tivermos a certeza de que a cidade é segura.

Júlia fez uma careta e olhou para Cato.

— Leva-me contigo.

— Não posso. — Retorquiu ele. — O Macro é o oficial mais graduado a bordo. Se ele diz que tens de ficar, ficas.

— Mas, Cato...

— Ele tem razão, minha querida. — Interveio Semprônio. — Tens de ficar a bordo. Por agora, pelo menos. Depressa regressaremos. Prometo.

Júlia olhou o pai nos olhos e acabou por assentir.

— Seja, ficarei. Mas nada de se arriscarem lá fora.

— Não o faremos, senhora. — Prometeu Macro. — Cato, vamos. Passamos pela cabina para ir buscar o equipamento.

— Equipamento?

— Já verifiquei que a maior parte das coisas ainda lá está. — Explicou Macro. — E se o que disseste há bocado tem razão de ser, ficaria muito mais tranquilo se fôssemos armados.

Pouco depois, os dois centuriões e o senador saltavam para a água rasa, da ponta da prancha de desembarque que tinha sido colocada na proa. O imediato tinha ordenado a dois homens que levassem a âncora pela praia acima uma boa distância antes de a cravarem entre os calhaus. Estava entretido a testar-lhe a fixação quando os romanos desembarcaram e subiram pelo declive de detritos até encontrarem terreno mais sólido.

— Tudo concluído? — Perguntou Macro.

O imediato assentiu.

— O navio está tão seguro como pode estar. Ao fundo não vai, pelo menos.

— Ótimo. Bom trabalho. O teu capitão estaria orgulhoso de ti.

O homem dobrou o pescoço.

— Espero bem que sim. Era um bom homem, senhor. O melhor capitão que já conheci.

— Uma triste perda. — Consolou-o Macro. — Bom, agora vamos ao porto, ou ao que resta dele, para tentar perceber qual é a situação. Entretanto, debes ficar aqui. Assegura-te de que a tripulação não se afasta, e não deixem ninguém subir a bordo.

— Porquê?

— Faz o que te digo, está bem? Esperamos que alguém tenha conseguido restabelecer algum tipo de ordem aqui em Matala. Mas se isso não aconteceu... Preferia ter a certeza de que tomavas conta dos teus, e da filha do senador. Percebeste?

— Sim, senhor. — O imediato acenou solenemente. — Temos algumas armas a bordo, num dos armários. Para o caso de encontrarmos piratas.

— Esperemos bem que não sejam necessárias. — Cato sorriu sem vontade. — Mas usa a razão. Se surgir algum sinal de problemas, mete toda a gente a bordo e levanta a prancha.

— Sim, senhor. Boa sorte.

— Sorte? — Macro afagou a espada que lhe pendia do cinto. — Quem faz a minha sorte sou eu.

Os dois centuriões e o senador dirigiram-se para o porto, atravessando o cascalho. Cato olhou sobre o ombro e avistou Júlia, que os observava do castelo da proa. Acenou com a mão, hesitante, quando o viu a olhar, mas ele resistiu à tentação de responder. Estava outra vez a pensar como um soldado, e já se concentrava na observação das falésias que os ladeavam à esquerda, à procura de qualquer sinal de perigo, enquanto seguiam pela orla da praia de cascalho. O porto não estava a mais de quatrocentos metros de distância e, enquanto se aproximavam, iam notando o aumento da quantidade de destroços deixados pela onda. E acabaram por encontrar os primeiros cadáveres. Figuras retorcidas em roupas ensopadas, misturadas com os restos de casas, barcos e mercadorias antes guardadas em armazéns. A onda tinha ceifado vidas de forma indiscriminada, e os três romanos tiveram de evitar pisar corpos de velhos e de jovens. Cato sentiu um aperto de pena quando avistou uma mulher jovem, deitada de lado, com uma criança ainda presa ao peito numa armação de pano, ambas mortas há muito. Parou um momento para contemplar os corpos.

Macro deteve-se ao seu lado.

— Pobres coitados. Não tiveram hipótese.

Cato assentiu em silêncio.

O companheiro levantou o olhar e perscrutou a praia e as ruínas do porto.

— Amanhã por estas horas, o ar nesta área vai estar irrespirável. Vamos ter de cuidar destes corpos.

— Cuidar? — Semprônio franziu o sobrolho.

— Sim, senhor. Nem sequer é o cheiro que me preocupa. São as doenças que vêm sempre atrás de uma mortandade deste género. Já as vi em acção depois de um cerco. Numa aldeola no sul da Germânia, há muitos anos, pouco depois de me ter juntado às Águias. Os defensores tinham deixado os mortos onde tinham caído, e o tempo estava quente que nem um forno. A verdade é que, quando os sobreviventes resolveram finalmente render-se, o ar lá dentro estava pestilento. A vila era um antro de morte esvoaçante.

— E o que é que fizeram? — Indagou Semprônio.

— Não havia nada a fazer. O legado ordenou que os sobreviventes fi-

cassem dentro das muralhas e mandou encerrar o portão. Não podíamos permitir que a doença se espalhasse por entre as nossas tropas. Um mês depois já só havia um punhado deles vivos, e quase todos estavam demasiado doentes para terem qualquer valor como escravos. Se tivessem cuidado dos corpos como devia ser, muitos mais teriam sobrevivido.

— Estou a ver. Esperemos então que quem manda no porto saiba o que fazer.

Macro deu um estalo com a língua.

— Vai ser um trabalho lixado, senhor.

— O problema não é nosso. — Semprônio encolheu os ombros. — Vamos.

Seguiram ao longo da margem até alcançarem as ruínas de uma torre de vigia que devia ter servido para controlar a entrada do porto. Os blocos de pedra ainda estavam de pé até à altura de um homem, mas acima disso os postes de madeira e a plataforma tinham desaparecido. E o mesmo sucedera ao portão, onde as paredes tinham cedido perante a pressão do oceano a abater-se sobre Matala. Para lá da quase irreconhecível linha que marcava a posição da muralha, o porto propriamente dito era uma confusão de entulho, telhas e madeiras, sem que fosse possível identificar a perfeita grelha de ruas que outrora tinham vibrado com as actividades dos habitantes. Agora só se viam umas figuras desamparadas a vaguear pelas ruínas ou sentadas de olhar perdido na distância, de tudo esquecidas.

Os três romanos pararam no limite da cidade, chocados perante a cena que se lhes deparava. Macro respirou fundo.

— Por ali não vamos encontrar um caminho. O melhor será irmos rodeando a cidade e ver como é que estão as coisas mais para o interior. — Fez um gesto na direcção da encosta. As falésias que rodeavam os dois lados da baía cediam lugar a colinas escarpadas que aconchegavam a cidade e se estreitavam, formando um desfiladeiro curvo que se perdia na distância para o interior.

Recomeçaram a caminhada, mantendo-se junto aos escombros da muralha. As encostas tinham sido despidas de quase tudo o que por ali crescia, árvore ou arbusto, e agora viam-se cobertas pela mesma maré de destroços e cadáveres de homens e animais com que os três homens já se tinham confrontado na praia. Passaram pelo que restava de um pequeno navio de carga que a onda para ali tinha atirado, lançando-o contra um penedo que o despedaçara, deixando apenas a estrutura do cavername e algumas tábuas que se tinham agarrado à rocha. Cato não pôde deixar de sentir um profundo respeito pela força responsável por toda aquela destruição. O poder da onda era tão terrível e grandioso como a fúria de qualquer um dos deuses de Roma.

Quando se aproximaram do desfiladeiro, Cato e os outros viram que o melhor acesso ao interior da cidade era atravessar as ruínas da muralha e seguir com toda a cautela por entre os destroços. Um pequeno grupo de jovens atarefava-se a tentar extrair objectos de valor dos escombros de uma casa apalaçada que devia ter pertencido a uma das mais ricas famílias do porto. Já tinham encontrado alguns bustos esculpidos em pedra, mas tinham-nos posto de lado, e agora os saqueadores concentravam-se em peças de prata e pequenas caixas de objectos pessoais. Pararam o que estavam a fazer e enfrentaram com olhar agressivo os três romanos que passavam. A mão de Macro subiu quase por instinto para a espada.

— Ignore-os. — Sussurrou Cato. — Não temos tempo para isso agora.

— Uma pena. — Lamentou Macro, enquanto deixava pender de novo a mão.

Passaram sem trocar uma palavra. Do outro lado da ravina, o terreno abria para uma vasta planície, e ali os danos provocados pela onda desvaneciam-se, sendo substituídos pelos que o sismo causara ao abalar a ilha até às suas fundações. Não se viam destroços vindos do porto. Ao invés, a maior parte das casas ali situadas tinha-se desmoronado, soterrando os seus habitantes. Outras estavam danificadas, e algumas pareciam ter sobrevivido sem grandes estragos. O mesmo se passava com os edifícios de maiores dimensões. Alguns dos templos pouco mais eram agora do que pilhas de entulho ladeadas por colunas partidas, que faziam lembrar dentes estragados. Outros mantinham-se intactos, e erguiam-se sobre as ruínas com ar de desafio. Havia por ali muito mais gente do que na zona próxima da água. Centenas entretinham-se em volta das ruínas, tentando salvar das suas casas tudo aquilo que conseguissem, ou procurando aproveitar o que pudessem das casas dos falecidos. Havia pequenos cachos de humanidade espalhados pelo declive e pela planície próxima da cidade. Das milhentas fogueiras que os sobreviventes tinham acendido para se aquecerem durante a noite, elevavam-se pequenas colunas de fumo.

Numa grande massa rochosa via-se a acrópole da cidade, que parecia ter escapado quase incólume ao sismo. As muralhas ainda se mantinham de pé, embora uma das torres tivesse ruído e deslizado pela face rochosa até atingir e esmagar algumas casas na povoação. Avistavam-se soldados a guardarem a rampa que levava aos portões da acrópole; e por trás das muralhas era evidente que o principal dos edifícios administrativos se mantinha em condições.

— Parece-me que aquela é a nossa melhor hipótese. — Assinalou Cato.

— Devíamos ir para lá.

Semprónio anuiu e conduziu o grupo pela via principal que atravessava a cidade e levava à acrópole. Dias antes, a rua teria tido uns quinze passos

de largura, mas agora as faixas laterais estavam soterradas e só havia uma estreita faixa de caminho limpo. Chegaram ao início da rampa e começaram a subi-la, a caminho do portão. As sentinelas deram de imediato pela sua aproximação e colocaram-se de forma a bloquearem-lhes o caminho. Macro avaliou-os friamente. Os soldados empunhavam escudos ovais, próprios de tropas auxiliares, mas pareciam nervosos e em má condição. O líder, um optio, avançou e ergueu a mão.

— Já chega! Não se aproximem mais. Quem são, e o que desejam?

Semprónio pigarreou para aclarar a voz e empertigou-se.

— Sou Caio Semprónio, senador de Roma. Acompanham-me os centuriões Macro e Cato. Queremos avistar-nos com o oficial mais graduado na cidade. Imediatamente.

O optio observou cuidadosamente os três homens que o enfrentavam. O homem que reclamava ser um aristocrata mostrava a postura e discurso adequados, e o mais baixo dos seus acompanhantes possuía as cicatrizes e o aspecto geral de um soldado veterano. Mas o outro era magro e demasiado jovem, e não projectava grande autoridade. Tinham espadas da legião, era verdade, mas não havia mais nenhuma prova do que afirmara o primeiro sujeito. Os três envergavam túnicas sem qualquer ornamento, as suas peles estavam sujas e os queixos não eram barbeados havia bastante tempo.

— Senador, então? — O optio lambeu os lábios, nervoso. — Senhor, perdoe-me, mas pode prová-lo?

— Prová-lo? — Semprónio enrugou a fronte, e mostrou a mão, pondo em evidência o anel de ouro que herdara do pai. — Olha! Chega-te?

— Bem, acho que... — Respondeu o homem, cauteloso. — Não tem mais nada?

— O que queres tu? — Retorquiu Semprónio, irritado. — Este anel é prova mais do que suficiente. Agora trata de abrir os portões e de me conduzir a quem está no comando. Antes que arranjes uma grande complicação para a tua carreira, por insubordinação.

O optio pôs-se em sentido e fez a saudação militar.

— Sim, senhor. Abram o portão!

Dois dos seus homens dirigiram-se às pesadas portadas e abriram-nas de par em par, grunhindo com o esforço. O optio encarregou quatro homens de ficarem de vigia e deu passagem para a acrópole ao senador e aos dois centuriões. Do outro lado do portão havia um pátio diminuto ladeado por armazéns, e à frente via-se uma basílica. Algumas telhas tinham caído, e parte do telhado tinha colapsado. Fora esses pormenores, o edifício parecia intacto. Havia mais tropas auxiliares abrigadas à sombra das muralhas, e os soldados olharam com curiosidade quando o optio e quatro dos seus homens escoltaram os romanos até à entrada da basílica.

— Parece que tiveram sorte por aqui. — Comentou Macro. — Não vejo muitos danos.

— Não, senhor. — O optio olhou em redor. — Mas a maior parte dos rapazes estava na cidade quando se deu o terramoto. E depois veio a onda. Ainda está desaparecida mais de metade da coorte.

— Coorte? Que coorte?

— A Décima Segunda Hispânica, senhor.

— Guarnição?

— Nos últimos quinze anos, sim, senhor. — Admitiu o optio. — Antes disso, estivemos na fronteira do Danúbio. Mas isso foi antes do meu tempo.

— Estou a ver. — Assentiu Macro. — E quem é o comandante?

— O prefeito Lúcio Calpúrnio, mas ele está para Gortyna, a capital da província, bem como a maior parte dos oficiais. Deixou o centurião Portilho no comando até ao seu regresso.

Entraram na basílica, passando por uma série de gabinetes vazios, e atravessaram um pátio até chegarem às salas do outro lado. O optio deteve-se junto a uma porta aberta e raspou na ombreira.

— Entre! — Respondeu uma voz fatigada.

O optio indicou aos seus homens para ficarem no exterior, e conduziu Semprónio e os seus acompanhantes ao gabinete do prefeito. Era uma sala vasta, com janelas com jalousias que ofereciam uma vista da parte da cidade junto ao mar. Em tempos normais devia ser uma vista bem agradável, reflectiu Cato. Mas o panorama que se via, naqueles dias, era de destruição e sofrimento. Junto a uma das janelas, sentado a uma secretária, via-se um homem atarracado numa túnica militar vermelha. Era completamente calvo, e a face apresentava profundas rugas. Piscou os olhos ao enfrentar os visitantes.

— Sim? Ah, és tu, optio. Quem são estes homens?

— Vieram bater ao portão, senhor. — O optio indicou Semprónio. — Este senhor reclama ser um senador romano, Caio Semprónio. E diz que os outros dois são centuriões das legiões.

— Estou a ver. — Portilho franziu a vista antes de se levantar da cadeira e se dirigir aos recém-chegados de forma a examiná-los mais de perto. — Bem, senhor, posso perguntar-lhe o que está a fazer aqui em Matala?

— Com certeza. — Respondeu Semprónio, pacientemente. — Estávamos a bordo de um navio que se dirigia a Roma. Ontem à tarde fomos atingidos por uma onda gigantesca, ao largo de Creta.

— De onde vinha esse navio? — Interrompeu Portilho. — De que porto?

— De Cesareia, na costa da Síria. — Retorquiu Semprónio de imediato.

— O capitão do navio pode confirmá-lo?

— Infelizmente foi levado pela vaga. Mas se o desejares, podes inquirir o imediato.

— Talvez o faça. Mais tarde. — Portilho olhou-os com indisfarçável suspeita. — Suponho que já viram o que o maremoto nos fez aqui em Matala. O que levanta a questão, se aquela onda tinha o poder de praticamente destruir uma cidade, como é que um minúsculo navio conseguiu sobreviver-lhe?

— Com uma sorte do caraças! — Interrompeu Macro, olhando irritado para Portilho. — E já agora, parece-me que tu é que te safaste muito bem. Não queres explicar isso? Todo confortável aqui em cima, enquanto o que resta da cidade está de pantanas.

Semprónio colocou a mão no ombro de Macro.

— Chega. O centurião Portilho tem razão em mostrar-se cuidadoso. Nos dias que se aproximam, vai haver muita gente a vaguear pela ilha, e muitos não terão boas intenções. Podem proclamar-se quem bem entenderem. Tudo o que tenho para me identificar é o meu anel de senador. Vê-o bem. — Ergueu a mão para que Portilho o contemplasse.

Portilho coçou o queixo por momentos.

— Muito bem, vamos então admitir, para já, que são quem dizem ser. Ainda assim, o que estão aqui a fazer?

— Este era o porto mais próximo a que nos podíamos dirigir depois de improvisar algumas reparações no navio. — Explicou Semprónio. — Tínhamos esperança de o recuperar completamente, ou pelo menos de encontrar outro em que pudéssemos prosseguir viagem. Mas agora que vimos o que resta de Matala, tornou-se óbvio que vamos ficar aqui presos até que chegue outro navio. Portanto, vamos precisar de acomodações. Esperava poder pedir ajuda ao teu comandante, mas já fomos informados de que ele se encontra ausente.

— De facto. Foi a Gortyna, ao palácio do governador, para o banquete anual. Foram o prefeito e muitos dos notáveis locais. Assim que o terramoto e a onda nos atingiram, enviei-lhe um relatório. Deve estar quase a regressar para assumir o comando.

— A que distância fica Gortyna? — Quis saber Cato.

— A uns vinte e cinco quilómetros.

— E o prefeito ainda não regressou, nem enviou resposta?

— Não. Ainda não.

Macro inspirou profundamente, para acalmar a frustração que lhe crescia no espírito.

— E o que fizeste entretanto?

— Fazer?

— Sim, que medidas tomaste para auxiliar as pessoas da cidade? — Macro lançou a mão na direcção da janela. — Retirar quem ficou preso nos escombros, tratar dos feridos, organizar a distribuição de água e comida aos sobreviventes, restaurar a ordem pública. Então?

A frente de Portilho ficou cheia de vincos.

— Fiz tudo o necessário para que os homens da minha coorte se mantivessem em boas condições e preparados para cumprir quaisquer ordens que o prefeito lhes dê assim que regressar de Gortyna. Foi o que fiz.

— Boa merda! — Ripostou Macro. — Trabalho de caca. Tu e os teus homens estão de cu assente, enquanto a população precisa de vós. É teu dever manter a ordem. E não há muito mais para fazer numa guarnição esquecida como esta. Foda-se.

Semprônio tossicou.

— Macro, estou certo de que o centurião Portilho e os seus homens farão tudo o que for necessário, assim que o seu comandante regressar.

— Se ele regressar. — Comentou Cato.

Todos se voltaram para ele.

Portilho arqueou as sobrancelhas.

— E porque não há-de ele regressar?

— Quando é que lhe enviaste a tal mensagem, exactamente?

— Ontem à noite.

— Ou seja, já tinha tido tempo para responder, ou até para regressar. Portanto, porque é que ainda não tiveste notícias dele?

— Não faço ideia! — Portilho abriu a mão no ar. — Pode haver imensas razões. Talvez seja necessário em Gortyna.

— Talvez. — Admitiu Cato. — Por outro lado, se o que aconteceu aqui em Matala pode servir de guia, é de crer que Gortyna também tenha sofrido bastante.

Enquanto Portilho se debatia para abarcar todas as implicações das palavras de Cato, o som de cascos no pátio em frente da basílica ecoou na sala. Macro virou-se para o som e dirigiu-se à porta. Uma figura de capa correu pela entrada e avançou pela sala, dirigindo-se aos aposentos do prefeito.

— Parece que vamos mesmo ficar a saber o que aconteceu em Gortyna. — Comentou Macro em surdina.

No instante seguinte, o recém-chegado estava em sentido diante dos três oficiais e do senador, tentando recuperar o fôlego. A capa e o rosto estavam cobertos de poeira, indicando que o homem não se detivera na sua missão. Esforçava-se por se manter com uma atitude marcial, e apresentar a saudação formal antes de fazer o seu relatório.

— Este é o homem que enviaste a Gortyna? — Quis saber Semprônio. Portilho anuiu, enquanto encarava o recém-chegado.

— Encontrei o prefeito?

— Sim, senhor. Quer dizer, vi-o.

— Viste-o? O que é que queres dizer? Fala com jeito, homem!

— Senhor, vi o corpo. O prefeito morreu. E a maior parte dos oficiais da província também, senhor.

— Morto? — Portilho abanou a cabeça, incrédulo. — Como?

— Estavam todos no salão do palácio do governador quando se deu o terramoto. O telhado ruiu em cima deles. O pessoal do governador que sobreviveu passou o dia a retirar corpos dos escombros, senhor. Só uns poucos resistiram. E alguns não vão durar muito tempo.

— Não acredito. — Murmurou Portilho. — Não pode ser.

Cato aproximou-se do mensageiro.

— E o governador? Também está morto?

— Não. Pelo menos não estava quando deixei Gortyna, senhor. Parecia-me estar gravemente ferido. As pernas esmagadas. Foi ele quem me enviou para trazer as notícias ao centurião Portilho.

— A mim?

— Sim, senhor. Como mais antigo oficial romano em Matala. Deu ordens para que assumisse o comando aqui.

— Eu? — Os olhos de Portilho arregalaram-se de choque e ansiedade. — Deve haver outra pessoa.

— Não, senhor.

— Eu... Tenho de pensar nisto. — Recuou e virou-se para a janela, com o olhar perdido na distância. — Preciso de tempo para gizar um plano. Para restabelecer a ordem. Eu...

Calou-se, e os ombros descaíram-lhe. Macro inclinou-se para Cato e Semprônio, e sussurrou:

— Ora aqui está o que eu chamo não estar à altura da situação...

— Tem toda a razão. — Respondeu Semprônio. — Temos de fazer qualquer coisa. E agora mesmo.

O senador Semprônio limpou a garganta e deu um passo na direcção da secretária do prefeito.

— Centurião Portilho!

Ao escutar o tom de comando bem evidente na voz do senador, o oficial virou-se imediatamente.

— Centurião Portilho, enquanto durar a presente emergência, vou assumir a autoridade do governador. Além disso, tomo também o comando de todas as forças militares e navais correntemente em Creta, a começar por esta coorte. Compreendido?

Portilho tinha uma expressão de choque no rosto, que era comum aos outros presentes na sala. Ao fim de alguns momentos, lá conseguiu engolir em seco, e juntou as mãos.

— Mas, senhor, o governador nomeou-me a mim, como acabou de escutar.

— O governador estava a agir na presunção de que eras tu o mais graduado dos sobreviventes. Não tinha forma de saber que eu e estes oficiais aqui presentes estávamos também na ilha. Sendo centuriões das legiões, são teus superiores; quanto a mim, como senador, e por inerência, transporto comigo toda a autoridade do Senado. Sou portanto eu o mais indicado para substituir o governador Hírtio, e tenciono assumir o controlo da situação. Ficou tudo claro?

Portilho anuiu, mas mordeu o lábio.

— Ainda tens algum problema com a minha decisão?

— Bem, senhor, tenho, sim. Há a questão do protocolo.

— Protocolo? — Resmungou Macro. — Do que é que estás a falar?

— Bem, se respeitarmos estritamente as regras, o senador tem de possuir uma autorização do Imperador para entrar numa província. — Começou Portilho, nervosamente.

— O quê? — Macro elevou a voz. — Mas o que é que estás para aí a dizer? A porra do nosso navio mete mais água do que uma peneira. Para onde é que havíamos de ir? Se calhar, achas que devíamos primeiro arrastar-nos

até Roma, para recebermos o acordo do Imperador, antes de pormos o pé nesta ilha de merda?

— São esses os regulamentos, senhor.

— O caralho! — Rugiu Macro em resposta. — Que se fodam os regulamentos, cretino.

Semprônio achou aconselhável intervir.

— O centurião Portilho tem razão em levantar a questão. Porém, dadas as circunstâncias, as muito extraordinárias circunstâncias, penso que as regras normais devem ser ignoradas. — Voltou-se para Portilho. — Além disso, estou certo de que será com alívio que passarás a responsabilidade pela coorte para as mãos de um oficial mais graduado. Não é assim?

Portilho dobrou o pescoço.

— Com certeza, senhor. Como desejar. — Deitou uma olhadela ao mensageiro que ainda aguardava junto à porta e prosseguiu, num tom deliberado. — Como é natural, gostaria de ver registada por escrito a sua insistência para assumir o comando e a sua assunção da completa responsabilidade pelas acções futuras, senhor.

— Seja, terás tudo isso por escrito. — Ripostou Semprônio, lutando para esconder o desprezo que nutria pelo centurião. — Portanto, deste momento em diante, sou eu quem manda. De acordo?

— Sim, senhor.

— Assim sendo, a primeira prioridade é o restabelecimento da ordem pública aqui em Matala, e a prestação de assistência aos sobreviventes. — O senador olhou por momentos para Cato e Macro e pareceu pesar a situação antes de tomar uma decisão. — Centurião Macro, vai assumir o comando aqui em Matala. Autorizo-o a tomar todas as medidas que considere necessárias para auxiliar a população. Terá de requisitar toda a comida que ainda existir e ocupar os espaços que possam abrigar as pessoas. Devem ser ajudados em primeiro lugar todos os que ainda estiverem presos nos destroços, e também os feridos. Não serão autorizadas pilhagens como as que vimos quando vínhamos para cá. Empregará toda a força necessária para evitar as desordens. Compreendido?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Quanto a nós, centurião Cato, temos de nos dirigir imediatamente para Gortyna. Temos de saber o que resta do poder administrativo da província. É lá que temos de estar para recuperar o controlo de Creta e regularizar a situação.

Cato assentiu.

— Sim, senhor. E quanto ao navio e a todos os que ainda estão a bordo?

Semprônio sorriu.

— A Júlia está perfeitamente segura por agora.

— Mas estaria ainda melhor se fosse trazida para aqui, senhor.

— Claro. O centurião Macro encarregar-se-á disso.

Macro deu uma palmada no ombro do amigo.

— Confia em mim.

— E já agora, pode também cuidar da tripulação e dos restantes passageiros. — Prosseguiu Semprônio. — Incorpore-os na coorte. Podem não ser soldados, mas são bons homens. Já demonstraram à sociedade que podem ser muito úteis numa crise.

— Tratarei disso, sim

— Marinheiros? — O centurião Portilho abanou a cabeça. — Na Décima Segunda Hispânica? Os rapazes não vão gostar nada disso, senhor.

— Vão gostar daquilo que eu lhes disser para gostarem. — Venceu Macro, com firmeza. — E, pelo que vi até agora, os marinheiros serão elementos muito mais válidos do que a cambada de preguiçosos que avistei aí pela acrópole a mandriar. Bom, Portilho, para começar, quero todos os oficiais e homens da coorte reunidos na parada. É tempo de conhecerem o seu novo comandante.

Enquanto Portilho se afastava para dar andamento às ordens recebidas, Semprônio apertou a mão a Macro.

— Boa sorte, centurião. Faça tudo o que puder por aqui. Se houver novidades, envie-me um relatório para Gortyna.

— Sim, senhor. Quanto tempo tenciona ficar por lá?

Semprônio considerou a questão e depois encolheu os ombros.

— O tempo que for preciso, suponho. Só os deuses sabem o que vamos encontrar na capital, e qual será a situação no resto da província. Assim que tiver uma ideia mais concreta do estado em que as coisas estão, enviar-lhe-ei instruções aqui para Matala.

O senador e Cato muniram-se de capas recolhidas nos aposentos do prefeito, de forma a manterem-se quentes durante a longa cavalgada nocturna que tinham pela frente, escolheram dois dos melhores cavalos dos estábulos situados ao canto do pátio da acrópole, e montaram de imediato. Enquanto levavam os animais a passo na direcção do portão da cidade, já os homens da coorte começavam a formar na parada, debaixo do olhar reprovador de Macro, especado à sombra das colunas da basílica. Cato virou-se na sela ao passar junto do amigo.

— Até breve, Macro.

— Boa viagem, Cato. Tenho a impressão de que temos tempos difíceis pela frente.

Semprônio deu um estalido com a língua e acelerou levemente o cavalo, seguindo a trote à medida que se aproximavam do portão e o atravessavam, descendo a rampa para a rua principal da cidade, ladeada por escom-

bros. Ao passar pelo que restava do portão, Cato olhou uma última vez para a costa. Apesar de não conseguir avistar a zona da baía onde o *Hórus* estava encalhado, sentiu o coração apertado ao pensar na segurança de Júlia.

Semprónio reparou na expressão do rosto do jovem oficial e sorriu.

— Não te preocupes, Cato. Nada de mal lhe pode suceder enquanto estiver à guarda de Macro.

Cato obrigou-se a sorrir em resposta.

— Eu sei. Coitado do tipo que tentar levar-lhe a melhor.

Afastaram-se da cidade, seguindo a estrada para Gortyna através de colinas baixas, atravessando mais cenas de destruição resultantes do terramoto. Muitas outras quintas, casas e santuários próximos à estrada tinham sido reduzidos a escombros e já não passavam de montes de tijolos, mosaicos e madeiras. Os sobreviventes tinham salvo alguns feridos e também recuperado alguns dos cadáveres, que agora jaziam em mortalhas improvisadas, à espera da cremação ou do enterro. Os vivos, ainda atordoados, contemplavam a passagem dos cavaleiros com expressões de horror e choque, e Cato não conseguia evitar sentir-se culpado enquanto seguia Semprónio e tentava ignorar o sofrimento que ocupava quilómetro após quilómetro da estrada de Gortyna.

Ao entardecer, Semprónio deu ordem de alto, para descansar as montadas junto a uma pequena povoação. Nem uma casa tinha sobrevivido intacta, e havia um silêncio e uma quietude inquietantes enquanto a noite caía e os escassos sobreviventes se acoitavam nos abrigos que tinham podido improvisar para enfrentar a noite. Não se escutavam gritos de angústia, nem sequer gemidos de feridos. O único som era um fraco lamento que provinha das ruínas de uma pequena quinta próxima. Cato prendeu o cavalo a um tronco e dirigiu-se à fonte do som.

— Cato. — Avisou Semprónio em voz baixa. — Não te afastes muito.

Cato assentiu e prosseguiu com toda a cautela. No meio das trevas crescentes, conseguiu distinguir o que restava de uma parede e os tijolos espalhados pelo solo. O som tinha-se tornado mais claro. Agachou-se junto aos blocos de pedra que constituíam a parede e notou um leve movimento por baixo do monte de tijolos próximos. Inclinou-se nessa direcção e começou a afastar as pedras com todo o cuidado. Ouviu-se um grito, e Cato avistou o tronco de uma criança pequena, talvez de dois anos de idade, de costas sobre o solo. A criança estava despida, e a pele pálida estava repleta de sujidade e sangue misturados. Um tijolo tinha-a atingido na cabeça, rasgando-lhe o crânio, e havia uma massa de sangue seco e cabelo sujo a cobrir o outro lado da cabeça. Os olhos azuis da criança estavam muito abertos, e contemplavam Cato atentamente, enquanto o choro prosseguia.

— Está tudo bem. — Disse Cato. — Chhh, agora está tudo bem.

Limpou-lhe a pele exposta, antes de avistar uma pesada laje que lhe cobria as pernas e não deixava ver o resto do corpo. Pegou nas bordas da pedra e levantou-a, percebendo por fim que se tratava de um rapaz. Quando a pressão sobre as suas pernas e bacia diminuiu, ele soltou um grito, um uivo agudo de pura agonia. Cato atirou a laje para longe e pegou-lhe na mão.

— Pronto, já tirei a pedra. Calma. Chhh. — Olhou para baixo, e uma vaga de náusea ameaçou de imediato submergi-lo. A pedra tinha esmagado o miúdo da cintura para baixo, estilhaçando os ossos e rasgando a pele delicada. As finas canas das pernas tinham rompido a pele, mostrando bem a violência com que os membros tinham sido atingidos.

O miúdo soltou outro grito e começou a tremer violentamente. Cato abriu o fecho que lhe prendia a capa e usou-a para cobrir o pequeno, colocando-lhe uma ponta enrolada sob a cabeça, para servir de almofada. Durante todo o tempo, a pequena mão do rapaz apertou os dedos de Cato com uma força surpreendente, até que o grito se extinguiu e ele se deixou ficar a olhar para o centurião, a tremer enquanto respirava de forma ofegante. Ouviu-se o som de botas a aproximarem-se, esmagando o cascalho, e Cato olhou para cima; distinguiu Semprônio, que tinha vindo investigar a origem dos gritos.

— O que é que encontraste?

— Um miúdo. — Cato desviou-se para permitir que o senador visse. — Foi apanhado pela parede quando ruiu.

— Como é que ele está?

Cato engoliu o sabor amargo que lhe tinha vindo à boca e sentiu a garganta a apertar-se. Pigarreou com força para conseguir responder.

— Tem as pernas partidas.

— Estou a ver... Achas que vai sobreviver?

Cato manteve-se em silêncio por momentos. Queria dizer que o rapaz sobreviveria, e que valia a pena tentar salvá-lo. Mas isso seria uma mentira. Mesmo que, por milagre, o miúdo sobrevivesse, passaria o resto dos seus dias como um aleijado. Ninguém tinha vindo ajudá-lo até àquele momento, e Cato contemplou as ruínas da casa por trás do muro abatido; quase de certeza que o resto da família jazia por lá, sob os escombros. Olhou de novo para a criança e obrigou-se a sorrir enquanto respondia calmamente ao senador.

— Duvido que sobreviva à próxima noite se o deixarmos aqui, senhor. Só se mantém vivo por milagre. Poderá sobreviver, sim, se encontrarmos alguém que cuide dele. O médico da Décima Segunda talvez fosse capaz de o salvar, mas à custa das pernas, com certeza.

Semprônio olhou-o com os olhos semicerrados e quando voltou a falar, fê-lo com palavras pausadas e deliberadas.

— É uma pena que não o possamos levar de volta a Matala.

— Porquê não? São só duas horas de caminho.

— Duas horas para lá, outras duas para cá, mais provavelmente três, porque a escuridão vai descer daqui a pouco. Tenho muita pena, Cato, mas não nos podemos dar a esse luxo. Temos de seguir, e depressa.

— Porquê? — Cato enfrentou Semprônio. — Primeiro devíamos tentar fazer por ele tudo o que pudéssemos.

— Não temos tempo. Agora deixa-o, e vamos embora.

— Deixá-lo? — Cato abanou a cabeça. — Assim? Não terá qualquer hipótese.

— Seja como for, poucas teria, mesmo que o levássemos a Matala. Tu mesmo o disseste.

Cato ainda segurava na mão do miúdo. Mordeu o lábio.

— Não. Senhor, não posso abandoná-lo. Não está certo.

Semprônio respirou fundo.

— Centurião Cato, não se trata de saber se está certo ou errado. Estou a dar-te uma ordem.

Instalou-se um silêncio tenso enquanto os dois homens se entreolhavam. Então o miúdo gemeu e Cato baixou o olhar para lhe dar atenção, afagando-lhe o cabelo sedoso com a mão livre.

— Calma, rapaz. Calma.

— Cato. — Semprônio resolveu adoptar um tom mais conciliador. — Temos de prosseguir. Temos de alcançar Gortyna o mais cedo possível. Temos de fazer tudo o que pudermos para restaurar a ordem, para ajudar as pessoas e para salvar vidas. Não há muito que possamos fazer por ele. E se perdermos a maior parte de um dia para o levarmos de volta a Matala, acabaremos por pôr em risco muitas mais vidas, muito provavelmente.

— Pode ser que sim. — Retorquiu Cato. — Quem pode garanti-lo? Mas se abandonarmos este miúdo aqui, ele morrerá por certo, frio e sozinho.

— Talvez sim, talvez não. Pode sempre aparecer alguém que o ajude.

— Acredita realmente nisso?

— E tu, acreditas sinceramente que o nosso atraso não colocará em risco outras vidas em Gortyna? — Contrapôs Semprônio.

Cato franziu o sobrolho, dilacerado entre a verdade implícita nas palavras do senador e a sua própria compulsão moral para fazer tudo o que pudesse para salvar o miúdo. Decidiu tentar outra abordagem.

— E se fosse a Júlia? Ainda manteria que devíamos prosseguir e deixá-la à sua sorte?

— Felizmente, não se trata da Júlia. Cato, meu caro, tens de ver a razão. És um oficial, e tens obrigações, deveres, para com o Império. Tenho a certeza absoluta que, nalguma campanha passada, já tiveste de deixar para trás homens feridos com gravidade. Este miúdo é uma baixa, e nada podes fazer para contrariar esse facto. Aliás, atrevo-me a dizer que obrigá-lo a qualquer movimento seria provocar-lhe uma terrível agonia. Sentes-te realmente na disposição de o sujeitar ao tormento de uma cavalgada até Matala? Para chegar lá e morrer na mesma? Será mais misericordioso deixá-lo aqui mesmo. — Semprónio pousou a mão no ombro de Cato e apertou-lho suavemente. — Acredita no que digo... Temos de ir. Vem.

Cato sentiu um gosto amargo na garganta enquanto lutava consigo mesmo para tentar aceitar os argumentos de Semprónio. Pouco importava o que lhe ditava o coração, a verdade era que tinha de facto responsabilidades perante outros, muitos outros. Afastou o olhar da face do jovem e soltou-lhe a pequena mão. De imediato os dedos do miúdo se crisparam e tentaram agarrar de novo a mão do centurião, enquanto os olhos se arregalavam de terror. Cato levantou-se apressadamente, libertando a mão, e recuou.

— Vem. — Semprónio puxou-o suavemente, levando-o para junto dos cavalos. — Não temos tempo a perder.

Quando Cato se virou e seguiu o senador, um grito estridente de pânico e medo trespassou a escuridão e cravou-se-lhe no coração como se fosse um dardo. Sentiu-se agoniado, sentiu-se uma criatura vil, fria e inumana que acabava de voltar as costas a tudo o que fazia de um homem um ente moral.

— Temos de ir. — Repetiu Semprónio, erguendo a voz e puxando Cato pelo braço, para o arrastar para longe dos gritos cada vez mais intensos do miúdo. — Sobe para o cavalo e vamos. Não te esqueças do que te disse. Há muitos outros que precisam de ti.

Conduziu Cato até à beira da montada e ajudou-o a subir para a sela. Apressou-se a soltar o cavalo e atirou as rédeas para as mãos de Cato, enquanto dava uma palmada no flanco do animal, fazendo-o dar um pequeno salto e soltar um relincho. Semprónio montou o seu cavalo e seguiu o centurião. Quando se viu ao lado do jovem, deitou-lhe uma olhadela rápida, comprovando à luz quase inexistente a determinação amarga que se tinha estampado na sua expressão. Semprónio sentiu o terrível peso da culpa a instalar-se no seu coração. Tinha sido uma decisão dura, mas inevitável; abandonar a criança ferida era um dever que se impunha face à situação que se vivia, mas tinha afectado Cato de uma forma muito profunda. O jovem tinha uma alma boa. Era sensível, e não se importava de o mostrar.

Enquanto incitava o cavalo a galopar, encontrou um pequeno grão de conforto moral na forma como se resolvera a situação: a certeza de que a filha tinha escolhido o homem certo.

A noite desceu sobre Creta, mas os cavaleiros prosseguiram pela estrada principal da ilha, atravessando as férteis planícies e dirigindo-se a Gortyna. De ambos os lados do caminho sucediam-se os olivais, os pomares e vinhedos que se estendiam até às colinas distantes. Muita daquela terra tinha sido adquirida por alguns dos mais ricos homens do Império, formando grandes herdades. Os donos viviam comodamente nas cidades, enquanto alguns servidores de confiança tratavam das suas propriedades. Abaixo destes, na hierarquia, estavam os capatazes, que comandavam os grupos de escravos que trabalhavam sem cessar, da alvorada ao crepúsculo. Para a grande maioria dos escravos, a vida era curta e brutal, e a morte uma libertação. Mas agora a situação tinha-se alterado, reflectiu Cato. O sismo tinha provocado a derrocada de muitas das edificações nas propriedades, e os escravos não deixariam de aproveitar a ocasião para fugir, ou para se virarem contra os seus antigos senhores.

A noite estava clara, e o luar e as estrelas que reluziam no firmamento davam luz aos viajantes, mas ainda assim Semprónio reduziu o andamento, passando a avançar a passo.

— Não vale a pena arriscarmo-nos a que os cavalos tropecem. — Explicou. — Além disso, parece-me que precisam de descansar.

— Eles e eu. — Cato mudou de posição e esfregou o fundo das costas com a mão. O ar nocturno estava fresco, e começou a pensar se tinha sido inteligente deixar a sua capa com o miúdo moribundo. Afastou de imediato o pensamento indigno e dedicou-se a observar a paisagem em redor. A estrada subia para uma crista do terreno, e quando a alcançaram, Cato avistou um fogo no meio dos campos à sua direita, a algumas centenas de metros.

— Pelos deuses, o que se estará a passar além? — Sussurrou Semprónio.

Os dois cavaleiros refrearam o andamento dos cavalos enquanto contemplavam as chamas avermelhadas a erguerem-se para o negrume do céu. Tinha sido construída uma pira junto às ruínas de um grupo de edifícios de uma quinta. À sua volta viam-se quatro grossos barotes verticais, coroados por travessas, das quais pendiam os corpos nus de três homens e uma mulher, tão perto do fogo que estavam a ser literalmente assados. Estrebuchavam em agonia, e os seus gritos, distantes mas estridentes, gelaram o sangue de Cato.

Ao brilho das chamas e no meio das sombras projectadas pelas cruzes

onde padeciam aquelas quatro pessoas, Cato distinguiu uma roda de espectadores, a assistir ao suplício. Alguns empunhavam jarros e bebiam sem cessar enquanto apreciavam a cena. Outros dançavam, e alguns atiravam pedras às vítimas.

Cato engoliu em seco.

— Ao que parece, alguns escravos estão a vingar-se.

Os dois continuaram a olhar para a cena macabra por mais uns momentos, até que o senador murmurou:

— Pobres desgraçados.

— Temo que esta não seja a última vez que assistimos a cenas destas. — Comentou Cato. — Imagino que esteja a acontecer por toda a ilha.

Enquanto observavam, um homem encorpado destacou-se da turba com um maço na mão e dirigiu-se à cruz em que estava a mulher. Derrubou as cunhas que a mantinham na vertical e depois encostou-se à viga, empurrando-a com toda a força na direcção da fogueira. A cruz estremeceu, pareceu imobilizar-se por um segundo enquanto a mulher se debatia inutilmente contra as cordas que a prendiam, e por fim tombou para o meio do fogo, provocando uma explosão de fagulhas e um reavivar das labaredas que se lançaram sôfregas para o céu nocturno, enquanto se escutava um derradeiro uivo de terror e sofrimento.

— Já vi o suficiente. — Anunciou Cato. — Senhor, será melhor proseguirmos.

— Sim... Sim, tens razão.

Cato puxou pelas rédeas para orientar o cavalo na direcção de Gortyna, e preparava-se para o incitar com os calcanhares quando reparou num vulto que se plantava a meio da estrada, a não mais de dez passos.

— E onde pensam vocês que vão? — Lançou o homem em tom jocoso, num latim com forte sotaque. — Dois tipos a cavalo pela estrada a meio da noite não devem estar a tramar coisa boa.

O senador Semprónio soltou um suspiro de alívio perante o tom amigável do sujeito, enquanto a mão de Cato se soltava do punho da espada e descaía para junto da perna.

— Era boa ideia sair desta zona, e depressa. — Avisou Semprónio. — Há um grupo de escravos à solta aqui perto. Escape enquanto pode.

— Oho! — Respondeu o homem, enquanto dava alguns passos na direcção dos cavaleiros. — Pelo som da tua voz, só podes ser um dos ilustres, romano da cabeça aos pés e nada de enganar quanto a isso.

— Sim, sou um oficial romano. — Confirmou Semprónio. — Tenho de chegar a Gortyna o mais depressa possível, portanto, meu bom homem, peço-te que saias do nosso caminho, de forma a que todos possamos seguir para os nossos destinos.

O estranho estava agora tão perto que Cato já conseguia distinguir alguns detalhes. Era alto e largo de ombros, com barba e cabelo desgrenhados, e vestia uma túnica esfarrapada. Da mão pendia-lhe um longo bastão. Riu enquanto o erguia e deixava apoiar no ombro.

— O problema é que esta estrada agora pertence-me, e resolvi cobrar uma portagem a todos os que a usem. — O tom endureceu. — A começar por vocês os dois. Ora bem, para começar, desçam dos cavalos e passem-nos para cá. Os cavalos e tudo o que tiverem de valor nas vossas pessoas.

— O quê? — Semprónio ficou hirto na sela. — Como te atreves?

Enquanto o homem falava, Cato apercebeu-se de movimento dos dois lados da estrada, e depressa conseguiu distinguir vários vultos que fechavam o cerco à sua volta. Os dedos fecharam-se de novo na pega da espada, mas não deixou transparecer qualquer nervosismo quando falou.

— Senhor, temos problemas. Desembainhe a espada.

— Problemas? — Semprónio olhou em volta e imobilizou-se quando viu homens a saírem das sombras, cada um deles com um bastão ou uma forquilha, e todos eles tão maltrapilhos como o primeiro. Ouviu-se um raspar metálico repentino quando os dois romanos desembainharam as espadas e as brandiram de forma inequívoca.

— Ora, senhores, não abusem da sorte. — Proclamou o homem com toda a calma. — Não vale a pena aleijarem-se. Nós somos mais. Se resolverem lutar, juro-vos que vos estripo aos dois. Portanto, vamos lá a portar bem, toca a atirar as espadas ao chão e a descer desses cavalos.

O coração de Cato dava pulos no peito e ele sentia o familiar arrepio gélido na base da nuca que sempre antecipava um combate. Cerrou os dentes e avisou.

— Uma vez que resolveste tratar-nos de forma tão amigável, vou também dar-te um aviso. Sai do nosso caminho.

Deu-se uma pausa enquanto os dois romanos encararam firmemente os homens que os rodeavam, até que alguém gritou:

— Apanhem-nos, rapazes!

As sombras correram para os cavaleiros. Cato cravou os calcanhares no flanco do seu cavalo.

— Senhor, fuja!

Semprónio incitou o cavalo, mas levou mais uma fracção de segundo a reagir, e antes que o animal tivesse percorrido três metros, o líder dos malfeitores tinha agarrado as rédeas e vários outros se apressavam para o ajudar.

— Cato! Socorro!

Cato revirou-se na sela e avistou o senador a desferir golpes cegos com a espada curta sobre os vultos que o rodeavam.

— Merda! — Rosnou, e deu um puxão selvagem às rédeas, forçando o cavalo a rodopiar. Esticou o braço com a espada em riste e carregou sobre a confusão que envolvia Semprónio. O cavalo relinchou quando embateu no homem que agarrava as rédeas da montada do senador, e Cato lançou a espada num arco largo, obrigando os outros atacantes a recuar. Firmou-se sobre o cavalo, fazendo força com as pernas bem apertadas, enquanto se virava para o outro lado e golpeava o tipo que ainda tentava prender os movimentos de Semprónio. A lâmina abateu-se sobre carne e ossos, rasgando e esmagando, e um grito estridente soltou-se dos pulmões do homem enquanto ele tombava, contemplando horrorizado a mão quase decepada. Cato inclinou-se para a frente e pegou nas rédeas antes de as depositar nas mãos do senador. — Pegue!

— Filho da puta de romano! — Gritou uma voz, e Cato olhou à volta mesmo a tempo de avistar um homem a atacá-lo com uma forquilha bem aperrada nas duas mãos. Preparou a espada para a defesa e tentou afastar os perigosos dentes afiados. O metal embateu contra o metal e o golpe de Cato desviou para o chão e para longe do seu peito as pontas aceradas. No momento seguinte, sentiu um golpe na perna, como se fosse um murro, e o cavalo relinchou assustado quando um dos dentes metálicos lhe rasgou o flanco. Cato abriu a boca sem conseguir respirar, e de seguida, furioso, puxou atrás o braço e lançou a ponta da espada contra o tronco do adversário, atingindo-o na base do pescoço e rasgando-lho profundamente. O outro caiu com um grunhido e abateu-se no solo, enquanto largava a arma improvisada. Por momentos a haste oscilou, ainda cravada na carne do homem e da sua montada, até que Cato a afastou com a espada. Olhou em volta e percebeu que o facto de ter abatido dois dos oponentes tinha abalado a confiança do resto do grupo.

— Senhor, vamos! — Gritou para Semprónio.

Desta feita aguardou que o cavalo do senador tivesse quebrado o círculo de homens que os rodeavam, antes de bater com a folha da espada na garupa do seu próprio animal e galopar atrás de Semprónio. Ouviu um grunhido e sentiu outra forquilha a passar-lhe ao lado, muito perto, antes de tombar para o solo e se perder de vista. Agachou-se na sela, agarrando a espada com toda a força para ter a certeza de que não a largava enquanto corria pela estrada na direcção de Gortyna. Lá atrás, os atacantes davam largas à raiva e correram atrás deles durante algum tempo, até que por fim desistiram e se limitaram a lançar mais uns insultos que a distância acabou por calar, enquanto Cato prosseguia à desfilada atrás do senador.

Macro deixou escapar um suspiro de frustração, enquanto analisava os relatórios que tinha pedido aos oficiais e escrivães da coorte auxiliar. A noite já tinha caído, e pela janela do gabinete avistava o brilho trémulo das tochas espalhadas pelas muralhas da acrópole. Pestanejou e esfregou os olhos enquanto a boca se lhe abria num longo e grandioso bocejo, mas de imediato voltou a concentrar-se no trabalho. Havia várias tábuas enceradas num monte sobre a secretária, detalhando o efectivo de cada centúria da coorte, com os nomes dos melhores homens de cada unidade sublinhados pelos seus centuriões. Os mortos ou desaparecidos estavam assinalados com uma cruz. Também ali tinha um inventário detalhado do material nos armazéns da coorte, bem como um relatório do único ajudante atribuído ao médico da coorte. Este estava na área do porto quando o terramoto sobreviera, e ainda era dado como desaparecido. O compartimento das casernas que tinha sido transformado em enfermaria estava a abarrotar de feridos, e o ajudante pedia que lhe fossem dispensados mais homens para poder tratar de todas as baixas.

Para lá de todas estas preocupações, Macro tinha enviado uma patrulha à baía, para escoltar para a acrópole a tripulação e os passageiros do *Hórus*. Podiam ficar ali abrigados, e Macro pensava recrutar os mais fortes de entre eles para compor o efectivo da coorte, pelo menos até aquela situação de emergência ser ultrapassada.

Assim que assumira o comando da coorte, tinha efectuado uma cuidada inspecção aos homens, formados por centúrias, na praça da acrópole. Tinha confirmado a indicação de Portilho: só metade dos homens sobrevivera ao sismo. E os vivos estavam fortemente abalados pela perda dos camaradas, e cheios de terror perante o deus que decidira libertar toda a sua fúria contra o porto. Enquanto Macro percorria lentamente as fileiras da Décima Segunda Hispânica, o seu olho experimentado rapidamente se apercebera de que aquela coorte era um exemplo típico das unidades que eram destacadas para as províncias mais calmas do Império, a guarnecer cidades. Eram uma mistura de veteranos desgastados, que já só aguardavam com impaciência a passagem à disponibilidade, e de outros homens

cuja saúde tinha ficado destroçada numa qualquer campanha e que tinham sido transferidos para Creta, onde se podiam dedicar a tarefas pouco exigentes na manutenção da ordem pública. Por fim, havia um sem-número de imbecis e jovens imberbes, a quem o mais que se podia pedir era que empunhassem uma arma e tentassem não se aleijar ou ferir um dos seus próprios camaradas.

Abanou a cabeça. Naquelas condições, a coorte pouca utilidade teria na recuperação da ordem e no auxílio aos civis sobreviventes. Ia precisar de homens mais capazes, e de muitos mais, nos dias que se aproximavam. Entretanto, teria de se governar com os recursos de que dispunha. E que não eram muitos, lamentou. O inventário da messe revelava que a coorte tinha passado os últimos anos a sofrer cortes sucessivos. Uma longa série de governadores tinha dado o seu melhor para reduzir os custos da província ao mínimo indispensável, de forma a ganhar o favor do Imperador e do Senado em Roma. O equipamento desgastado nunca fora substituído, e os soldados tinham-se visto forçados a arranjar material sobressalente de baixa qualidade nos mercados locais. Assim, envergavam uma estranha combinação de equipamento normal do exército romano misturado com capacetes e espadas gaulesas e gregas que já denunciavam uma certa idade. Havia muito poucas fundas e quase nenhuma munição para elas, e as reservas de rações e água potável estavam uma lástima. Duas das cisternas da acrópole estavam secas como o deserto, e a terceira apenas por metade cheia, com água que dificilmente passaria por potável, como tinha descoberto por si mesmo quando tinha acompanhado o responsável pela messe e descera uns degraus para o interior fresco da cisterna, escavada na rocha.

— Foda-se, isto não presta! — Cuspira de imediato o líquido com sabor a mofo e limpou a boca nas costas da mão enquanto subia para a superfície. — Quando é que esta cisterna foi esvaziada e limpa pela última vez?

O outro encolheu os ombros.

— Não faço ideia, senhor. Deve ter sido antes do meu tempo.

— E há quanto tempo é que tu estás por cá?

— Há sete anos, senhor.

— Sete anos. — Repetiu Macro, assombrado. — E resolveste ignorar isto tudo?

— Não, senhor. — Ripostou o homem em tom indignado. Era um tipo magro como um palito, com feições escuras e gastas, mas ostentava as cicatrizes que mostravam que em tempos estivera envolvido em assuntos mais sérios, admitiu Macro. O outro prosseguiu. — Foi o prefeito que me disse que não valia a pena. Disse que, uma vez que éramos uma unidade de guarnição, e que a província estava em paz, não era preciso darmos-nos ao trabalho de nos prepararmos para qualquer cerco, senhor.

— Estou a ver. Bom, pronto, isso agora mudou. Quero-te cá em baixo com os teus ajudantes assim que nascer a aurora. Esta cisterna vai ser esvaziada, limpa como deve ser, reparada onde for necessário e preparada para recolher chuva, quando ela cair.

— Sim, senhor.

Macro encarou o interlocutor.

— Olha... Como é que te chamas, esqueci-me.

— Corvino, senhor. Lúcio Junilho Corvino.

— Corvino? — Macro sorriu. — Assenta-te bem, pareces um corvo. Ora bem, há lá fora muita gente a precisar da nossa ajuda. Por agora vamos concentrar-nos em ajudar os sobreviventes. Salvar quem esteja preso nas ruínas, e depois alimentá-los, garantir que têm água e abrigo. A mais longo prazo, temos de garantir a ordem pública. Se a comida se esgotar, vamo-nos ver aflitos para manter tudo sossegado. Se a coisa der para o torto, vou precisar de todos os homens da Décima Segunda, equipados convenientemente e preparados para o combate. Isso significa que vais ter de tirar os dedos do nariz e tratar de preparar tudo aquilo de que os homens possam vir a precisar. Percebido?

— Sim, senhor. Darei o meu melhor para que isso suceda.

Macro abanou a cabeça.

— O melhor não chega. Farás o que eu precisar que faças. Se não o conseguires, voltas para as fileiras, e trato de arranjar quem faça o serviço.

— Mas... Não pode fazer isso. — Balbuciou Corvino. — Protestarei perante o prefeito, senhor. Não possui a autoridade para me substituir.

— Protesta tudo o que quiseres. O prefeito está morto.

— Morto?

— Morreu no terramoto, em Gortyna. Ele e a maior parte dos oficiais de alta patente que governavam a província. Por isso é que o senador Semprônio assumiu a autoridade suprema. E por isso sou eu quem manda nesta coorte, e por isso vais ter de fazer por merecer o teu salário, pela primeira vez em muitos anos. — Macro fez uma pausa e deu um leve murro no peito do homem. — Pois é, Corvino, somos eu e tu. Tudo o que separa aquela gente lá fora da fome e do caos. Bom, deixa-me perguntar-te outra vez. Uma última vez. Estás à altura?

Corvino respirou fundo e assentiu.

— Ora aí está! Muito bem, quero ter nas mãos um inventário completo do equipamento distribuído à coorte, e quero-o antes da primeira mudança de turno esta noite. Será melhor começares imediatamente.

— Sim, senhor. — Corvino fez a saudação regulamentar e afastou-se, apressando-se a dirigir-se para os armazéns e escritórios da messe que ficavam do outro lado da parada. Macro ficou a vê-lo ir, e depois soltou um

suspiro. Tinha esperança de que aquele fosse o mais breve comando da sua carreira militar. Só durante o tempo necessário para pôr aquela coorte em condições, resolver os problemas em Matala e esperar que chegasse um novo prefeito. E depois, ele, Cato e os outros poderiam prosseguir a sua jornada de regresso a Roma. Quanto mais cedo, melhor, considerou, enquanto regressava ao gabinete do prefeito.

Quando acabou de ler todas as tábuas enceradas, Macro convocou Portilho para uma reunião. Enquanto esperava, foi buscar um dos jarros de vinho que o prefeito mantivera numa pequena estante num dos cantos do gabinete. Algumas telhas tinham caído e estilhaçado os recipientes da prateleira de cima, mas os outros mais abaixo tinham sobrevivido. Puxou pela rolha de cortiça e cheirou. Um aroma apetitoso encheu-lhe as narinas e fê-lo sorrir. Era evidente que o antigo prefeito era um tipo que sabia tratar-se. Fechou um olho e espreitou para o interior do jarro.

— Bem, meio cheio. — Voltou a sorrir para si mesmo enquanto levava o jarro e uma taça prateada para a secretária e a enchia quase até ao bordo. — Não é nenhuma desgraça.

Ouviram-se pancadas na porta, logo seguidas pela entrada de Portilho, que não tinha esperado por resposta. Assim que avistou o vinho, não evitou um franzir de sobrolho, a que se seguiu um olhar avaliador para as reservas ao canto da sala. Macro percebeu imediatamente que o outro tinha tido esperanças de aproveitar para uso próprio os bens terrenos que já de nada serviam ao anterior comandante.

— Hum, mandou chamar-me, senhor.

— Sim. Fecha a porta.

Quando a porta estava encerrada e Portilho aguardava de pé em frente à secretária, Macro limpou a garganta e começou.

— Centurião, esta coorte está longe de ser uma unidade em boas condições, e tenho a certeza de que estás ciente desse facto. A organização é frouxa, os homens são de segunda escolha, e os oficiais piores. — Fez uma pausa. — Contudo, isso vai mudar. E uma vez que és o meu adjunto, vais ter de me auxiliar enquanto promovo essas alterações. Percebido?

Portilho anuiu sem grande entusiasmo.

— Centurião, não te ouço.

— Sim, senhor. Tudo claro.

— Ótimo. — Macro bateu com os dedos nas tábuas. — Quero que os melhores oitenta homens da coorte sejam reunidos numa centúria, pronta para combater a qualquer momento. Receberão o melhor equipamento, e serão comandados pelo melhor oficial da coorte. Quem é que recomendas?

Portilho cerrou os lábios por momentos, antes de responder.

— O centurião Milo, senhor. Foi promovido das legiões há cerca de um ano.

— Então ainda não deve ter amolecido completamente. Muito bem, será então o Milo. Ele que escolha um porta-estandarte, um optio e um escrivão, quem ele quiser.

— Sim, senhor.

— Quanto aos outros homens, assim que amanhecer vão todos trabalhar na cidade. Vão deixar o equipamento aqui nas casernas, levam só as espadas, e serão divididos em dois grupos. Metade ficará com a responsabilidade de socorrer os feridos e as pessoas aprisionadas nas ruínas, e trazer para aqui quem precisar de ajuda. Os outros deverão vasculhar os escombros, em busca de qualquer resto de comida ou vinho. Podes também formar um destacamento com uns poucos deles, para irem buscar água aos ribeiros mais próximos, para encher as cisternas.

— Senhor, isso levará imenso tempo.

— Bem, Portilho, não me parece que estejamos com pressa para ir seja para onde for, pois não?

— Não, senhor.

— Excelente. São portanto essas as ordens para amanhã. E lembra aos homens que não será tolerada nenhuma indisciplina. Se forem encontrados civis a pilhar as ruínas, devem ser impedidos de o fazer. Podem partir umas cabeças, mas nada de entrar a matar com as espadas. As pessoas já sofreram muito nestes últimos dias. Mais uma coisa. Segundo o Corvino, temos em armazém algumas tendas. São velhas e provavelmente não são usadas há muito tempo, mas talvez possam servir para acolher parte da população. Manda alguns homens montá-las na encosta virada para a acrópole, no exterior da cidade.

Portilho anuiu e depois mordeu o lábio.

— Senhor?

— O que foi?

— Ocorreu-me um pensamento. A maior parte da comida em Matala estava guardada nos armazéns. Ao pé do mercado.

— E então?

— A onda destruiu essa área e, quando recuou, levou a maior parte dos detritos. O que ficou para trás já deve ter apodrecido. A única comida que poderá ter sobrado é a que estava nas casas particulares quando se deu o terramoto. E não há-de ser muita, senhor.

— Hum... És capaz de ter razão. — Macro recostou-se e esfregou o queixo. — Bom, veremos o que conseguimos encontrar, e depois logo procuraremos outras fontes de abastecimento. Há alguma herdade aqui perto?

Portilho pensou por momentos.

— A mais próxima estende-se mesmo até à costa, pertence ao senador Cânlio. Produzia cereais e azeite.

— Para começar, não estará mal. Enviarei alguns homens com carroças. Trarão o que for possível, e depois o proprietário poderá apresentar-nos a conta quando souber do sucedido.

— Senhor, o senador não vai gostar disso.

— É muito provável que não. — Desdenhou Macro. — Mas nessa altura isso já não será problema meu, portanto que se lixe. Temos é de assegurar que temos comida suficiente para garantir a sobrevivência dos nossos homens e da população enquanto endireitamos as coisas.

— Esperemos consegui-lo, senhor.

— Oh, havemos de o fazer, sim. — Macro sorriu. — Não admito nenhuma outra possibilidade. Bom, Portilho, por agora acho que é tudo. Os escritvães passarão a escrito as ordens para cada unidade. Assim que estiverem prontas, ser-te-ão entregues, bem como aos outros oficiais. E assim que o Sol nascer, quero ver a Décima Segunda Hispânica a trabalhar.

Ouviu-se outro toque à porta.

— Entre!

A porta abriu-se, e um auxiliar entrou e aprumou-se.

— Senhor, a patrulha regressou da baía.

— Trouxeram a tripulação e os passageiros?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Assim que passarem pelos portões, levem os homens para as casernas. Espalhem-nos por entre os soldados. Quando lá estiverem, podem dizer-lhes que acabam de ser incorporados na coorte, e que a partir desse momento estão sujeitos à disciplina militar. Será melhor explicarem-lhes o que isso significa, está bem?

O auxiliar sorriu.

— Sim, senhor.

— As mulheres e crianças devem ser trazidas para a basílica. Podem acoitar-se no salão da administração. Depois pede à filha do senador para vir ter comigo, por favor.

— Sim, senhor. — O auxiliar saudou e saiu da sala.

O centurião Portilho franziu o sobrolho.

— A filha de Semprônio? Bem, está mesmo no meio da confusão. Duido que o rebento mimado de um tipo de faixa púrpura aprecie as acomodações que lhe podemos oferecer.

Macro recordou os dias de desespero em que tinha conhecido Júlia, durante o cerco da cidadela de Palmira. Tinha assumido precisamente os mesmos riscos que os outros defensores, e nunca exigira mais do que as exíguas rações que a todos eram dadas; ao mesmo tempo, tinha-se dedicado a

prestar cuidados aos feridos e moribundos. Não, Júlia não era exactamente o exemplo de uma aristocrata mimada e choramingas. Já tinha demonstrado bem o seu valor.

— Ela aguenta. — Respondeu. — E não é nenhuma cria. Júlia Semprónia é uma mulher de armas. Além disso, não tem propriamente muitas opções.

Portilho esvaziou os pulmões num sopro.

— Senhor, em todo o caso, preferia não ser eu a informá-la disso. Bom, será melhor deixá-lo. Muitos afazeres, e coisas do género.

— Sim, vai lá tratar das coisas. — Concedeu Macro, agastado. — Lembra-te do que te disse. A partir deste momento acabou-se a boa vida nesta coorte, e isto vale tanto para os homens como para os oficiais.

— Compreendo, senhor. — Portilho dobrou o pescoço e apressou-se a deixar o gabinete. Macro viu-se sozinho, e o seu olhar foi atraído pela taça de vinho; contemplou-a por momentos, antes de a levar sequiosamente aos lábios e a vazar de um trago.

— Ahhh! Se precisava disto... — Limpou uma gota de vinho do queixo e recostou-se na cadeira com um sorriso de satisfação. Todo o corpo lhe doía devido às aventuras da noite e do dia anteriores, e até os olhos lhe pesavam. Fechou-os por um breve instante, apreciando o conforto de poder relaxar nem que fosse por uns minutos. Ainda tinha o sabor do vinho na garganta, mas o líquido já lhe aquecia o estômago, e ele entrelaçou as mãos sobre o ventre.

— Só uns minutos de descanso. — Convenceu-se, com a voz já meio arrastada. — Só um bocadinho...

— Estou a incomodar?

— O... O... O quê? — Lutou para se sentar direito e pestanejou até ficar com os olhos bem abertos. Júlia sorria-lhe da entrada do gabinete.

— É só porque ressonava tão alto.

— Ressonava? — Macro abanou a cabeça, tentando afastar a culpa. — Uma ova. Estava só a falar comigo mesmo.

— Com os olhos fechados.

Macro franziu o sobrolho.

— Senhora, sou bem capaz de fazer duas coisas ao mesmo tempo.

— Peço desculpa, Macro. Não o queria ofender. Depois de tudo por que passámos, deve estar exausto. Estamos todos.

— Porra, que é feito das minhas maneiras? — Repreendeu-se Macro em voz baixa, enquanto se punha de pé num salto e se apressava a puxar uma cadeira livre para junto da mesa. Deu uma palmada no assento da cadeira. — Ora aqui está, senhora Júlia. Vamos a sentar.

— Obrigada. — Ela soltou um profundo suspiro. — Então, onde se meteram o meu pai e o Cato?

— Partiram, senhora.

— Partiram?

— Para Gortyna. Assim que aqui chegámos, soubemos que o governador, o seu pessoal e os altos responsáveis da província tinham sido vitimados pelo terramoto. A maior parte teve morte imediata. O seu pai concluiu que tinha de tomar conta da situação o mais cedo possível. Ele e o Cato pegaram em dois dos cavalos dos estábulos e foram-se assim que puderam.

— Típico. — Comentou Júlia, com um traço de azedume. — Não teve uma última palavra para mim, portanto?

— Hã... Não nesses termos, não.

— E o Cato?

— Oh, ele pediu-me para lhe transmitir o seu amor e também que tomasse conta de si até ele regressar.

Júlia encarou-o e abanou a cabeça.

— Macro, não tem muito jeito para mentir. Será melhor deixar essa arte para quem foi treinado para isso, como o meu pai.

— Se o diz.

Júlia olhou em redor, avaliando o gabinete, e depois lançou o olhar pela janela, para a encosta que se opunha à acrópole. Já havia algumas fogueiras acesas, e avistavam-se pequenas figuras ocupadas ao seu redor.

— Mal pude acreditar em tudo o que vi enquanto vinha para cá. — Comentou. — Pensava eu que tínhamos passado por um mau bocado no navio. Mas isto?

— Senhora, passámos de facto um mau bocado. Tivemos muita sorte em chegar até aqui. Mas tem toda a razão, deve ter sido terrível aqui no porto. Pelo que me contou o Portilho, ouviu-se um barulho tremendo, e uma vibração surda, e depois os edifícios começaram a estremecer e a tombar, os mais frágeis e mais velhos a ruírem primeiro. E como é natural, eram nesses que viviam empilhados os mais pobres cidadãos de Matala. Deve haver milhares deles soterrados nas ruínas. E depois, tão repentinamente como tinha começado, tudo ficou quieto. Os desgraçados que tinham sobrevivido devem ter pensado que estavam salvos. — Macro encolheu os ombros. — Até que a onda atingiu o porto e subiu pela ravina, destruindo tudo e todos os que estavam no seu caminho. Segundo as contas do Portilho, devem ter morrido afogados pelo menos tantos como os que morreram no terramoto.

Júlia ficou a olhar para ele, incrédula, até que abanou a cabeça e soltou um lamento.

— Deuses... O que poderá esta gente ter feito para merecer tamanho castigo?

— Quem pode compreender a vontade dos deuses? — Macro bocejou.

— Mas seja o que for que as gentes de Creta tenham feito para os irritar, pagaram por isso um preço muito elevado.

Júlia espreitou de novo pela janela, enquanto a sua mente continuava a debater-se para abarcar a escala da destruição que tinha testemunhado enquanto vinha do navio para a cidade. Era quase impossível imaginar que muitas outras cidades e povoações tinham partilhado aquele mesmo destino. De repente, imobilizou-se.

— Acha que já passou tudo? Acha que se pode repetir?

— Não faço ideia, senhora. Sou apenas um soldado, não tenho quaisquer dotes de vidente. — Macro inclinou-se para ela e tentou oferecer-lhe algum reconforto, ao prosseguir. — Não ocorreram mais nenhuns abalos desde que chegámos. Pouco mais podemos fazer do que pedir aos deuses que nos poupem a mais sofrimento.

— Sim, podemos fazer isso. Se achar que as preces podem realmente ajudar.

— Bom, mal não farão por certo.

— Tem razão. — Júlia ficou em silêncio por momentos, antes de fixar de novo o olhar em Macro. — Acha que eles estão em segurança, a andar por aí? O meu pai e o Cato?

— Não vejo porque não. Foram armados, e as pessoas estão demasiado ocupadas para pensarem em arranjar outros sarilhos. Senhora, nada os ameaça. E o Cato é um miúdo rijo. Ele tratará de garantir que o seu pai chegue a Gortyna sem problemas, e depois poderão começar a endireitar as coisas. Acredite no que lhe digo, o Cato sabe bem o que faz. Eles estão bem.

Mas que raio estávamos nós a pensar? — Vociferou Cato por entre os dentes cerrados, enquanto o senador usava o lenço que trouxera ao pescoço para lhe ligar a ferida na perna. — Devíamos ter esperado que o dia nascesse antes de nos pormos outra vez a caminho.

— Chiu! — Semprónio deitou um olhar nervoso ao arvoredo que os rodeava. — Eles podem ter-nos seguido.

— Duvido muito. Devemos ter andado pelo menos uns três quilómetros antes de o cavalo desfalecer. — Cato fez uma pausa enquanto sentia outro espasmo a atravessar-lhe a perna, queimando como uma chama. Quando a dor passou, soltou um suspiro e prosseguiu. — De certeza que desistiram muito antes disso.

— Esperemos bem que sim. — Semprónio apertou o nó e testou a ligadura improvisada, para ter a certeza de que se mantinha em posição. — Pronto. Deve aguentar. Cato, a culpa foi toda minha. Devia ter abrandado o passo assim que se tornou claro que estávamos a salvo. Foi uma loucura seguir a galope pela estrada no meio da escuridão. Só por milagre é que o teu cavalo, ou o meu, não caiu mais cedo.

— Bom, agora estamos mesmo reduzidos a um, de facto. — Cato sorriu, resignado. — Portanto, a galope é que não vamos, de certeza.

Tinham abandonado o cavalo de Cato na estrada, ferido, caído onde as forças o tinham abandonado, com uma espuma ensanguentada a manchar-lhe a boca e as narinas. Semprónio colocara o centurião na garupa da sua montada e tinham percorrido mais um quilómetro e meio antes de se meterem por um trilho estreito que se embrenhava por um pinhal, onde finalmente tinham parado para tratar da ferida que Cato sofrera. A ponta da forquilha tinha atravessado os músculos da barriga da perna sem atingir o osso nem rasgar nenhuma veia ou artéria. A ferida sangrava abundantemente mas, apesar da dor, Cato descobrira que ainda conseguia apoiar o peso do corpo naquela perna. Tinha dado uns passos até ao sítio onde se deitara e deixara Semprónio examinar a ferida e tratá-la da melhor forma possível à fraca luz do crescente lunar e das estrelas.

Semprônio afastou-se e sentou-se na relva, torcendo as mãos no regaço.

— O que é que achas que devemos fazer agora?

— Bem, não me apetece nada esbarrar noutro grupo de escravos renegados. O melhor será esperar pelo nascer do dia, quando pudermos ver o caminho e evitar quaisquer problemas.

— Sim, tens razão. — Semprônio olhou na direcção da estrada que tinham seguido. — Tens a certeza de que eram escravos?

— Parece-me que sim. Estavam todos maltrapilhos, e estávamos perto daquela propriedade onde vimos... — Estremeceu ao recordar a cena, e fungou ruidosamente. — Devem ter vindo para ao pé da estrada para tentar rapinar qualquer coisa. Tivemos sorte em escapar. Se aqueles escravos e o que vimos lá atrás são de alguma forma típicos do que se está a passar pela ilha, se calhar temos um problema maior do que pensávamos.

— Como é isso?

— E se de repente ficarmos com uma revolta de escravos nas mãos?

— Uma revolta? Não me parece. É natural que haja alguma desordem temporária. E que eles aproveitem a confusão para se atirarem aos seus senhores. Mas assim que se embebedarem e acordarem com uma ressaca a sério, era capaz de apostar que não vão ter a menor ideia do que querem fazer a seguir. Alguns hão-de fugir para as montanhas e tentar juntar-se a algum bando de salteadores, mas a maior parte vai vaguear em torno da propriedade a que pertence até que apareça alguém para os meter na ordem.

— Acha mesmo? — Indagou Cato, duvidoso. — Senhor, parece-me que está a subestimar a ameaça.

— Meu caro jovem, não passam de escravos. Escravos de trabalho braçal, os de mais baixo nível dentre eles, pouco melhores do que animais. Acredita no que te digo, não têm qualquer experiência na tomada de decisões. Sem capatazes para lhes dizer o que fazer, não terão a mais pequena ideia do caminho a tomar.

— Espero que tenha razão. Mas, e se encontram um líder entre eles? Nesse caso...

— Isso não vai suceder. Passei algum tempo em propriedades deste género, sei como as coisas funcionam. Qualquer um que mostre a mais pequena ponta de espírito de luta, de independência, ou é vendido a uma escola de gladiadores ou castigado e punido para servir de exemplo para todos os outros. Em pouco tempo tê-los-emos de novo sob controlo. Assim que os cabecilhas responsáveis por aquele macabro espectáculo que vimos forem identificados e capturados, serão crucificados e os seus corpos deixados a apodrecer. Acho que essa será uma lição que ninguém esquecerá por muito tempo.

Cato anuiu. Todavia, ainda se sentia inquieto. Não fazia ideia de quantos escravos existiriam em toda a ilha. Se eles se conseguissem organizar minimamente, e se emergisse dentre eles um líder, tornar-se-iam um perigo real para os interesses de Roma em Creta. E os escravos revoltosos nem eram sequer a única preocupação. Havia malfeitores nas montanhas, criminosos, outros escravos foragidos e gente sem raízes, que por certo aproveitariam o caos. Se se unissem, seria necessária uma campanha em forma para garantir que a ilha permaneceria parte do Império.

Agitou-se e recuou para se apoiar no toco de uma árvore caída.

— Senhor, julgo que devíamos aproveitar para descansar um bocado. Há praticamente dois dias que andamos a trabalhar sem dormir. Eu faço o primeiro turno de vigia. Quando for a sua vez, acordá-lo-ei.

— Muito bem, mas promete-me que o farás mesmo. Não posso permitir que chegues a Gortyna tão cansado que não estejas em condições de me ajudar.

— Senhor, acordá-lo-ei. Tem a minha palavra.

— Muito bem. — Semprônio procurou com o olhar até encontrar um lugar junto a outra árvore onde se tinha acumulado um espesso tapete de agulhas de pinheiro. Embrulhou-se na capa e acomodou-se, apoiando a cabeça numa raiz. Pouco depois, a respiração do senador acalmou-se e tornou-se ritmada, e daí a pouco começou a ressonar.

Cato apoiou a cabeça na árvore e deixou o olhar perder-se no firmamento. A noite estava límpida, e as estrelas e a Lua brilhavam num fundo negro. A vista ajudou-o a acalmar os pensamentos, e desejou ardentemente que Júlia ali estivesse com ele, aninhada nos seus braços, o cabelo sedoso a roçar-lhe pelo rosto. Recordou o perfume preferido dela e esboçou um sorriso. Mas nesse instante uma luz distante despertou-lhe a atenção, forçando o olhar a abandonar a tranquila vastidão do céu nocturno e a tentar penetrar a paisagem mergulhada na escuridão. Algures na planície, a alguns quilómetros de distância, tinha surgido um clarão, que depressa se transformou num incêndio que se espalhou até engolir um edifício. Continuou a observar a evolução das chamas, enquanto um prenúncio das ameaças que o esperavam lhe fazia pesar o coração.

O senador Semprônio encarregou-se do turno seguinte, e acordou Cato mesmo antes da alvorada. Ao remexer-se, o jovem descobriu que o senador lhe tinha colocado a capa por cima. Apontou-a e murmurou os seus agradecimentos.

— Precisavas mais dela do que eu. — Semprônio sorriu. — Não me custava nada andar para cima e para baixo para me manter quente. Aliás, até me fez lembrar os meus dias de jovem tribuno, na fronteira do Reno,

com a Nona Legião. Conforto era coisa que não existia por lá, garanto-te. Mas já me esquecia, também estiveste estacionado nessa zona, não foi?

— Sim, senhor. E lembro-me bem que depois de lá passar um Inverno, ninguém fica com vontade de repetir a dose. Frio como Hades.

— Sim, nem mo recordes. — Semprónio estremeceu e ofereceu a mão a Cato. — Bom, temos de seguir.

Cato gemeu ao levantar-se. A perna ferida estava rígida e assim que lhe colocou em cima o peso do corpo, começou a latejar.

Semprónio olhou-o, ansioso.

— Isso vai?

— Já estive pior. É só limpar a ferida e descansar uns dias, e fico fino.

— Parece-me é que, nos próximos dias, descanso vai ser coisa difícil.

Trepou para as costas do cavalo e depois inclinou-se para ajudar Cato a subir. O cavalo pareceu vacilar, mas depressa se habituou ao peso adicional. Cato colocou uma mão em torno da cintura do companheiro e Semprónio deu um estalido com a língua, levando o cavalo a passo pela vereda até chegarem à estrada. Ao emergirem de entre os pinheiros, Cato lançou o olhar na direcção em que avistara o fogo na noite anterior, mas apenas descortinou uma estrutura negra e calcinada. Espalhados pela paisagem viam-se outros edifícios incendiados, e uma coluna de pessoas avançava pelo meio de um campo à distância. Se eram escravos ou civis, não era possível determinar. A estrada parecia livre, pelo que Semprónio orientou de novo o cavalo na direcção de Gortyna e seguiu a trote.

Enquanto o Sol subia e banhava o cenário num brilho acolhedor, avistaram vários outros grupos pelos campos. Também ao longo da estrada se cruzaram com alguns sobreviventes que vasculhavam o que restava das suas propriedades, à procura de qualquer coisa de valor. Alguns limitavam-se a ficar sentados e embasbacados a olhar para o cavalo de passagem, enquanto outros estendiam as mãos e suplicavam por comida. Semprónio esforçou-se por os ignorar, mantendo o olhar fixo e dando toques com os calcanhares no flanco da montada para avançar sem paragens. De vez em quando deparavam com corpos que mostravam sinais de violência, cortes de espada e faca, e que contribuíam para o aumento do número de mortos, para lá dos falecidos com o sismo. À medida que a manhã progredia, Cato não conseguia deixar de se perguntar se ele e o senador poderiam de facto fazer alguma coisa para restaurar a ordem na província, em face de tanta destruição e perdas humanas. A tarefa que os esperava parecia desesperada.

Por fim, pouco antes do meio-dia, a estrada descreveu uma curva ao rodear a crista de uma colina, e ofereceu-lhes uma vista de Gortyna, a capital da província. A cidade espalhava-se pela planície, acolhendo uma acrópole fortificada numa colina a norte. Na muralha havia várias brechas, pro-

vocadas pelo colapso de diversas secções. Ainda havia sentinelas no portão principal, onde desembocava a estrada que seguiam. Por trás da muralha era bem perceptível que quase todos os telhados tinham sido danificados, e mesmo nos edifícios públicos e templos que ainda se mantinham de pé notavam-se grandes buracos por entre as telhas avermelhadas. Num dos lados da cidade amontoavam-se tendas e abrigos improvisados, a partir dos quais se elevavam para o céu azul inúmeras espirais de fumo, vindas das fogueiras usadas para cozinhar.

Semprónio levou uma mão em pala à vista, enquanto se aproximavam da cidade.

— Parece haver menos estragos aqui do que em Matala.

— É natural, senhor. Aqui não sofreram os efeitos da onda. Sempre foi uma ajuda.

As sentinelas ao portão revelaram alguma agitação quando os dois homens montados surgiram pela estrada pavimentada, aproximando-se da entrada da cidade. Quando o cavalo estava a não mais de cinquenta passos, o líder dos soldados ergueu a mão e lançou uma intimação.

— Alto lá. O que desejam?

Semprónio mostrou a mão com o anel senatorial bem em evidência.

— Sou o senador Lúcio Semprónio, e venho avistar-me com o governador da província.

A sentinela inclinou-se ligeiramente para o lado e apontou para Cato.

— E quem o acompanha?

— O centurião Cato. Estávamos ambos a caminho de Roma por mar quando fomos atingidos por uma onda gigantesca.

— Onda? — O homem aproximou-se cautelosamente, enquanto Semprónio detinha o cavalo a curta distância do portão. — Ouvimos dizer que uma onda gigante tinha atingido a costa, senhor, mas as histórias, bom, parecem um bocado exageradas. Portos todos destruídos, cidades costeiras arrasadas.

— É a verdade. — Retorquiou Semprónio. — Desembarcámos em Matala, ou no que resta dela. Foi lá que soubemos que o governador tinha ficado ferido no sismo. Vim cá ver em que pé está a situação.

— Está má, senhor. A guarnição ficou praticamente sem oficiais; a maior parte deles estava no palácio do governador quando o sismo ocorreu. Só um punhado de convidados conseguiu escapar do salão onde decorria o banquete, o tecto caiu e sepultou todos os que lá estavam.

— Onde está o governador?

— Nos estábulos do palácio, senhor. Resistiram o suficiente para serem transformados em hospital. Os feridos têm sido levados para lá.

Semprónio fez uma breve pausa.

— E em que condição está ele?

A sentinela mordeu os lábios.

— Oficialmente, foi-nos dito que irá recuperar.

— Mas...?

O homem olhou em redor e baixou a voz.

— Não é isso que diz um amigo meu da guarda do palácio. Se quer mesmo falar com o governador, senhor, será melhor que se apresse.

— Muito bem, dá-nos passagem.

A sentinela anuiu e gritou para dentro.

— Abram os portões!

Um profundo ranger denunciou o trabalho dos homens a fazer força contra as vigas da portada direita, que começou a afastar-se. O som mudou para um arranhar e depois para um guincho estridente até que a portada parou e não se abriu nem mais um espaço. A abertura mal dava para o cavalo passar, e a sentinela desculpou-se com um encolher de ombros.

— Desculpe, senhor, mas isto ficou tudo desalinhado, e não se mexe mais.

Semprónio acenou-lhe à laia de agradecimento e fez avançar a montada. No interior da cidade depararam-se com a cena a que já se tinham habituado, edifícios arrasados, entulho espalhado pelo pavimento da rua principal. Havia mais gente dispersa por entre as ruínas do que em Matala, e Cato sentiu pela primeira vez uma réstea de esperança. Havia localidades que não tinham sofrido tanto como ele temera, mas a verdade é que Matala o preparara para o pior dos cenários. O cavalo foi avançando por entre os escombros, seguindo para o centro da cidade, passando por um mercado onde as bancas tinham ruído, espalhando a mercadoria por todo o lado, um facto de que os sobreviventes tiravam partido, inspeccionando e recolhendo tudo o que pudesse ser útil. Ao aproximarem-se do coração da cidade, os grandes edifícios da administração faziam a rua parecer ainda mais atulhada; as colunas de muitos deles tinham desabado por inteiro, espalhando as suas secções cilíndricas pela rua, e os degraus que levavam às entradas dos templos iam agora dar ao espaço onde elas em tempos tinham estado.

O palácio do governador ficava precisamente no centro de Gortyna, na intersecção das duas ruas principais. Tinha uma alta parede exterior, atravessada por um portão de arco duplo, que dava para um imenso pátio interior, pavimentado. O palácio, um belo edifício de pedra alva, dava a sensação de ter sido submetido a um bombardeamento por máquinas de cerco. Havia grandes brechas nas paredes e só algumas telhas davam indicação do que teriam sido as linhas originais dos telhados.

Semprónio inspirou fundo, surpreendido.

— Espantoso é que alguém tenha sobrevivido a isto.

— Sim. — Concordou Cato. — Os estábulos devem ser ali.

Apontou para um pequeno recinto murado, a um dos lados do edifício principal. No exterior amontoava-se uma pequena multidão, uns de pé, outros agachados, alguns com crianças nos braços ou apoiando gente em pior condição, todos a aguardar a sua vez. Dois médicos militares, de túnicas negras, avaliavam o estado dos pacientes e admitiam apenas os casos mais graves. Era evidente que a disposição da turba era pouco amigável, e Cato escutou resmungos irados assim que se aproximaram.

— Abram passagem! — Gritou Semprônio. — Deixem passar, já disse!

A massa humana abriu caminho à frente do cavalo, mas as expressões dos elementos mais próximos endureceram ao avistar os cavaleiros.

— O ma'novo 'tá ferido. — Berrou um velho. — Vejam, na perna.

— O sacana quer é furar a bicha. — Soltou outra voz, e de imediato subiu da multidão um murmúrio feroz; à frente de Semprônio ninguém mais manifestou vontade de se afastar.

— Espera pela tua vez, como toda a gente!

Semprônio olhou fixamente para a origem do último brado.

— Sou um senador romano, idiota! Portanto, faz o que te mandam e sai-me da frente.

— Vai-te foder!

— Uma regra para os ricos, outra para os pobres! — Gritou outro homem.

— É isso mesmo! — Concordou Semprônio. — É assim que são as coisas. Agora, tratem de abrir caminho se não querem que seja eu a abri-lo! — Empunhou a espada para reforçar as suas palavras, e desafiou a multidão a enfrentá-lo. As gentes olharam-no com raiva, mas quando Semprônio impeliu o cavalo para a frente, abriram caminho.

Quando passou para o modesto pátio, um homem cerrou o punho no ar e gritou:

— Cabrões de aristocratas! O povo a morrer aqui, e eles só preocupados com os seus!

A ira espalhou-se, expressa noutros gritos e ameaças, mas Semprônio manteve uma expressão fixa, demonstrando um desprezo altivo, e levou o cavalo a passo até junto de um poste onde desceu da sela para o prender. Cato desmontou a seguir, estremecendo quando a dor lhe aguilhoou a perna. Levou a mão à coxa e olhou em volta, até que viu um homem com uma túnica escura e faixas vermelhas nas mangas sair de uma das divisões.

O homem fez um gesto enquanto apontava para a perna de Cato.

— Vamos lá ver isso. — Limpou algum do sangue das mãos num trapo sujo, enquanto se aproximava dos recém-chegados.

— Romanos?

Cato assentiu.

O médico apontou de novo para a perna de Cato, ligada.

— Como é que isso aconteceu?

— Demos de caras com uns escravos foragidos. Um deles acertou-me com uma forquilha.

— Parece mau. Será melhor tratarmos disso convenientemente.

— Mais tarde. Precisamos de falar com o governador. — Cato apontou para Semprônio. — Temos assuntos urgentes a tratar.

— Como toda a gente. — O homem riu sem vontade. — Mas o pobre diabo não está neste momento em condições de se avistar com quem quer que seja.

— Paciência. — Cortou Semprônio. — Tenho de insistir que ele nos receba. Imediatamente.

O médico abanou firmemente a cabeça.

— Não posso permitir que incomodem o meu paciente. Se querem saber em que pé estão as coisas, o melhor será irem falar com o Marco Glábio.

— Com quem?

— É o Glábio quem manda agora. Convenceu ontem o governador a apontá-lo como sucessor.

— E o que fazia esse Glábio antes? — Quis saber Cato. — Fazia parte da administração civil? Militar?

— Nenhuma delas. Era um dos colectores de impostos da província.

— Um colector de impostos? — Semprônio não se preocupou em tentar ocultar o seu desdém. — Por que carga de água é que o Hírtio transmitiu o poder a um desses biltres? Não havia nenhum oficial do seu pessoal em quem pudesse confiar?

— Nem por isso, estavam todos no banquete quando se deu a catástrofe. Por acaso, o Glábio atrasou-se. Senão... — O médico passou a mão pelo cabelo, sem esconder o cansaço. — De qualquer maneira, eles são amigos próximos, e têm negócios em comum. Não preciso com certeza de vos fazer um desenho...

Cato compreendeu de imediato o que o outro queria dizer. O governador Hírtio devia ter vendido a concessão para a colecta de impostos a Glábio a preço de saldo. Em troca, os dois tinham estabelecido um esquema segundo o qual Hírtio metia ao bolso uma boa percentagem das taxas aplicadas aos ilhéus, bem como aos mercadores que pagavam impostos sobre todas as cargas que chegavam ou partiam de Creta. Um arranjinho comum por todo o Império, e uma das formas pelas quais os governadores de províncias enriqueciam durante o tempo em que ocupavam o posto. Ilegal, sem dúvida, mas uma vez que um governador acusado de abuso da

posição enfrentava nada mais do que a confortável perspectiva de ser julgado pelos seus pares, muitos dos quais aspiravam a, um dia, serem também governadores de uma província, podia ficar descansado: as probabilidades de uma condenação eram extremamente baixas. Ainda assim, aos governadores era exigida alguma cautela para não exagerarem na sangria que provocavam numa província; caso contrário, a sua repentina riqueza poderia atrair um interesse perigoso da parte do Imperador. E não era propriamente inaudito que um Imperador arranjasse maneira de se ver livre de um romano próspero para lhe confiscar a fortuna.

— Leva-nos à presença do governador. — Exigiu Semprônio com toda a firmeza. — Imediatamente.

— Se assim o desejam. — O médico dobrou o pescoço. — Por aqui, senhor.

Semprônio ajudou Cato, e seguiram o médico ao longo dos estábulos até chegarem a um compartimento de maiores dimensões nos confins do edifício. Tinha sido limpo e uma esteira fora colocada junto à parede do fundo. No colchão jazia um homem. Estava imóvel, excepto pelo subir e descer regular do peito. A respiração era difícil e ruidosa. Atravessaram a divisão; Semprônio apontou para um banco encostado a uma das outras paredes e dirigiu-se ao médico.

— Dá-me uma ajuda com isto.

Enquanto o arrastavam para junto da esteira, o governador deu sinal de vida, virando a cabeça para os observar. À luz que vinha de uma pequena janela ao cimo da parede, Cato apercebeu-se de que um dos lados do rosto do homem estava coberto de ligaduras. Sobre o corpo repousava um lençol ligeiro, que lhe cobria as pernas. Depois de Semprônio e Cato se terem acomodado no banco, o médico aproximou-se do enfermo e baixou o lençol, descobrindo-o até à cintura. O peito estava nu, mas a pele pálida estava coberta de manchas de tons negros e púrpura, que lhe cobriam todo o flanco direito. Por baixo da pele lívida, os músculos e ossos pareciam apresentar formas pouco naturais. O braço tinha sido partido e estava metido numa tala.

Semprônio debruçou-se para ele e falou num tom calmo e reconfortante.

— Saudações, Aulo Hírtio. Creio que nos encontrámos uma ou duas vezes no Senado, lá em Roma.

O governador humedeceu os lábios e assentiu fracamente, antes de sussurrar em tom rouco.

— Lúcio Semprônio... Lembro-me de ti... O que fazes aqui?

— Vim tomar o comando da província.

Os olhos de Hírtio arregalaram-se, e ele tentou erguer a cabeça enquanto respondia com alguma rispidez.

— Quem é que te mandou?

O pequeno esforço provocou-lhe um espasmo de dor que percorreu todo o corpo, e ele deixou-se cair sobre a cama com um gemido, enquanto rangia os dentes. O médico debruçou-se sobre ele, preocupado.

— Senhor, deixe-se ficar quieto. Não se pode esforçar.

Semprónio aguardou que o governador relaxasse e a sua respiração se normalizasse. Então prosseguiu.

— Ninguém me enviou. O navio em que viajava estava a passar pela ilha quando se deu o terramoto. Soube que tinhas ficado ferido, meu caro, e vim oferecer-te os meus serviços. Agora que te vejo, é evidente que precisarás de tempo para recuperar. E na qualidade de oficial romano mais graduado na província, é meu dever assumir a autoridade, até que estejas em condições de retomar a tua posição.

— Não é preciso... Já encontrei quem o fizesse.

— Já mo disseram. Mas, Hírtio, não posso permitir que um colector de impostos assuma tamanha responsabilidade. Não passam de cães corruptos, na melhor das hipóteses. Não podemos deixar um homem desse género a governar Creta.

Hírtio lutou para erguer uma mão em protesto. Semprónio pegou-lhe e deu-lhe palmadinhas, à laia de conforto.

— Agora que aqui estou, não precisas de te preocupar mais. A tua província ficará em boas mãos. Juro-o pela minha honra.

— Não... — Hírtio abateu-se na cama com um profundo gemido, um ricto de agonia na face enquanto lutava contra um novo espasmo de dor. Por fim, o corpo voltou a relaxar, e gotas de suor escorreram-lhe pela testa. A respiração era entrecortada, e ele olhou para o tecto e sussurrou: — A minha mulher, já foi encontrada?

— Mulher? — O senador virou-se para o médico e murmurou: — O que se passa?

— Antónia. Ao que parece, ela deixou a festa pouco antes de o sismo começar. Ninguém a viu mais. Mas ainda estamos a encontrar cadáveres no meio do entulho. Temo que seja apenas uma questão de tempo até darmos com ela.

— Compreendo. — Semprónio contemplou o governador moribundo por um momento, e virou-se de novo para o médico. — Vou deixá-lo nas tuas mãos. Faz tudo o que for possível por ele.

— Claro, senhor.

O senador baixou ainda mais a voz.

— Posso dar-te uma palavra, muito breve?

Levantou-se, convidando os outros a segui-lo com um gesto. Depois de passar a porta do quarto, parou e perguntou calmamente ao médico:

— Achas que Hírtio vai sobreviver?

— Estou a fazer tudo o que posso. Com o tempo, talvez consiga recuperar...

— Poupa-me a essa conversa de médico. O que eu quero saber é se ele vai resistir. Sim, ou não?

O outro lambeu os lábios e acabou por abanar a cabeça.

— As duas pernas foram esmagadas. Tem danos internos, costelas partidas e outros órgãos afectados. Duvido muito que resista mais do que uns dias.

— Estou a ver. Bom, faz tudo o que estiver ao teu alcance para que ele passe os seus últimos momentos em conforto.

O médico anuiu.

Cato deitou uma olhadela ao leito do moribundo.

— Mais uma coisa. Hírtio não receberá mais visitas. Não é assim, senhor?

— Sim. — Concordou Semprónio. — Claro. É uma ordem estrita.

— Nem sequer o Glábio? — Quis saber o médico.

— Sobretudo esse, percebido? Ele não pode importunar o governador. O que dirás a toda a gente é que Hírtio está muito contente por eu ter chegado à ilha e poder assumir a autoridade. Tem toda a confiança em mim e concedeu-me plenos poderes sobre a província, até à sua recuperação ou até que Roma envie alguém para assumir o cargo. É essa a nossa história, e será isso que contarás a todos. Fica claro?

— Sim, senhor.

— Ótimo, então agora vamos tratar da ferida do centurião. Limpa-a e põe-lhe uma ligadura nova. Preciso dele em boas condições quando me encontrar com o Glábio para o aliviar do pesado fardo que lhe foi temporariamente atribuído.

Macro limpou a fronte e piscou os olhos perante o brilho ofuscante do Sol do meio-dia no céu limpo. Do portão da acrópole avistava os grupos de tropas auxiliares que trabalhavam no meio das ruínas, procurando sinais de sobreviventes sob os escombros. Quando alguém era encontrado ainda com vida, dava-se início a um moroso processo para os tentar extrair. Alguns eram recuperados com facilidade, mas muitos tinham ficado encurralados debaixo do entulho e estavam gravemente feridos. Ainda assim, admitiu, Portilho e os seus homens procediam de forma metódica, passando a cidade a pente fino até chegarem à ravina que conduzia ao porto. Alguns escravos trabalhavam ao lado dos soldados; eram os que tinham escolhido ficar depois do terramoto. A maior parte dos que tinham sobrevivido tinha preferido aproveitar a ocasião para fugir. Seriam recapturados em devido tempo e punidos com toda a severidade, reflectiu Macro. Muitos dos escravos estavam marcados, e ser-lhes-ia difícil passar despercebidos entre a população. A única hipótese de se manterem livres era esconderem-se na natureza e viverem uma existência precária que pouco melhor seria do que a escravatura.

As tendas encontradas nos armazéns da coorte auxiliar tinham sido montadas na encosta fora da cidade, e várias centenas de pessoas abrigavam-se do sol à sua sombra. Mas havia ainda cerca de duas mil pessoas que tinham perdido as casas e que por agora tinham de se resignar a dormir ao relento, ou então tentar arranjar um abrigo entre o arvoredo que crescia mais acima na encosta. Passava por lá um riacho e não havia falta de água, já que das montanhas que formavam a espinha dorsal da ilha vinha uma corrente inesgotável. Macro notou que havia muita gente a transportar odres e ânforas repletas de água para as tendas, e na base de uma pequena cascata perto do cimo da encosta, via-se um punhado de crianças a divertirem-se na água que emitia reflexos prateados ao correr e embater nas pedras.

O abastecimento de água estava portanto assegurado, e o problema principal era a comida. Tinha assumido o comando da coorte já fazia três dias, e já se dera conta de que havia uma tremenda falta de mantimentos no porto. Tinha sido recuperada uma pequena quantidade de víveres na

herdade de Cântio e nas ruínas da própria cidade, que se tinham juntado às magras reservas existentes na acrópole. Macro vira-se forçado a proclamar um edital, exigindo que todos os mantimentos em posse de particulares fossem entregues à coorte. Todos os sobreviventes teriam direito a uma ração diária. Quem fosse apanhado a esconder comida, ou a traficá-la no mercado negro, veria serem-lhe recusadas rações e seria banido da cidade e dos arredores. Se tentasse regressar em segredo e fosse apanhado, seria detido numa das cisternas, que Macro resolvera utilizar como prisão temporária. O último artigo do edital continha um aviso ainda mais solene. Quem fosse apanhado a roubar comida dos armazéns da coorte seria executado sumariamente.

Tinha havido protestos quando o edital fora lido em voz alta no acampamento, e a turba tinha aceite rapidamente que alguém, o chefe da guilda dos mercadores, se arvorasse em ser porta-voz; era um tipo atarracado chamado Ático que quase poderia passar por irmão de Macro, se este os tivesse. O centurião manteve-se firme perante os protestos e ergueu uma mão para acalmar a multidão; quando isso não resultou, desembainhou a espada e bateu com ela no escudo de um dos seus homens. Quando finalmente o último dos murmúrios de dissenção se esgotou, respirou fundo e apontou o dedo a Ático.

— Pouco me interessa o que pensas. Temos de racionar a pouca comida que temos, senão haverá fome para todos. Assim que a cadeia de abastecimento à cidade for restabelecida, as coisas poderão voltar ao normal. Até esse momento, temos de ter disciplina e paciência.

Ático fungou com ar de desprezo.

— E imagino que queres que acreditemos que tu e os teus homens não ficam com mais do que a vossa parte...

— Tratarei de garantir que a comida é distribuída de forma equitativa. — Retorquiu Macro no vozeirão que utilizava na parada, de forma a que todos o pudessem ouvir. — A prioridade será para aqueles que andam a tentar encontrar sobreviventes e mantimentos nas ruínas da cidade, e para os que se encarregam de manter a ordem.

— Ah! — Ático ergueu as mãos e bateu palmas. — Já sabia. O exército toma conta de si mesmo, e que se lixem os outros! Bom, centurião, o problema é que nós não o aceitaremos. — Virou-se para arengar à multidão. — Proponho que fiquemos com a comida que temos! Os soldados que se arranjam como puderem!

A multidão aplaudiu entusiasticamente estas palavras, e Ático aproveitou a onda, sacudindo os punhos no ar antes de cruzar os braços e enfrentar Macro com um sorriso escarninho.

— Pouco barulho! — Gritou o centurião. — CALADOS, JÁ DISSE!

Mas desta vez a turba não se deixou impressionar, e continuaram a ouvir-se os gritos e a avistar-se punhos erguidos no ar.

Por fim Macro desistiu de os chamar à razão e virou-se para os vinte homens que tinha trazido consigo para reforçar a sua autoridade.

— Rapazes, dêem-lhes música!

Os soldados desembainharam as espadas e começaram a bater cadenciadamente com elas no interior dos escudos, enchendo o ar com um ruído ensurdecedor que abafou o clamor da multidão. Pouco a pouco esta foi-se aquietando, e Macro deu ordem aos homens para interromperem a barulheira.

— Assim está melhor. Ora bem, já vos disse como é que as coisas se vão passar, e nada vai alterar o plano que estabeleci. Não tolerarei qualquer tentativa de minar a minha autoridade como prefeito interino desta coorte. Se alguém quiser ter direito a uma ração melhorada, terá de trabalhar para isso, por exemplo ajudando os grupos de auxiliares que fazem buscas nas ruínas. Além disso, davam-me jeito mais uns tantos homens, para substituir os que morreram na catástrofe. Se houver por aí homens com experiência militar, podem alistar-se na acrópole.

— Não cedam! — Gritou Ático à turba. — Não traiam a nossa vontade. Se não cedermos perante este pretendente a déspota, ele nada poderá fazer!

— Chega! — Macro estalou os dedos. — Essa foi de mais. Primeira secção! Detenham esse homem, imediatamente!

A boca de Ático abriu-se de espanto, mas antes que pudesse reagir, os auxiliares já o tinham rodeado e dois deles, depois de embainharem as espadas, tinham-lhe imobilizado os braços por trás das costas. Lutou sem sucesso durante alguns momentos, enquanto a multidão começava a protestar, furiosa. Macro manteve-se calmo, e deu ordens aos seus homens para marcharem de volta à acrópole, o que fizeram sempre debaixo dos insultos e provocações da turba. Colocou-se ao lado de Ático e dos homens que o seguravam.

— Isto não teria sido necessário se te tivesses portado bem e tivesses mantido a boca fechada.

Ático fez uma careta.

— É o que sempre dizem os tiranos.

— Tirano? — Macro cerrou os lábios. — Eu? Ná, não passo de um soldado a tentar cumprir o seu dever e tu, meu amigo, não passas de um chato de merda. Portanto, poupa-me a esses comentários sobre a liberdade e a tirania. Guarda-os para quando isto tudo estiver no passado.

Ático olhou-o com raiva mal contida.

— Centurião, podes ter ganho esta batalha, mas um dia havemos de ajustar as contas.

— Claro. — Assentiu Macro. — Vou escrever uma nota para não me esquecer.

— Hei-de apanhar-te! — Cuspiu Ático. — Porco!

Macro respondeu com um súbito fechar de punho e um murro em plena têtora. Com um gemido, o outro dobrou-se, valendo os soldados que o seguravam para impedir que ele desfalecesse no solo. Macro encolheu os ombros.

— E pronto, que chatice, lá tive de recorrer à tirania. Levem-no para a cisterna, e tratem de ver se não lhe acontece nada pelo caminho. Ele que fique lá um par de dias a arrefecer o ânimo, e depois que vá à sua vida.

A pequena coluna de soldados seguiu pela rua principal a caminho da acrópole. Enquanto subiam a rampa, Macro avistou Júlia junto ao portão. Tinha enviado alguns homens para tentar encontrar por entre as ruínas algumas roupas para a jovem, e ela agora envergava uma túnica azul-clara que lhe chegava aos tornozelos. Macro dobrou o pescoço, saudando-a.

— Bom-dia, senhora. Dormiu bem?

— Sim, obrigada. — Ela sorriu fugazmente. — Alguma notícia de Gortyna?

— Ainda não. Enviei-lhes uma mensagem ontem. Lá pelo anoitecer devemos ter resposta. Sempre servirá para lhe sossegar o coração.

— Espero que sim. — Júlia brincou com uma madeixa do cabelo escuro. — É difícil não me ralar com o meu pai e o Cato. Tenho a certeza de que o Cato nos teria mandado uma mensagem assim que pudesse, a garantir-nos que estava tudo bem.

— Bem, se a situação por aqui servir de exemplo, calculo que eles estejam enterrados até ao pescoço no trabalho lá em Gortyna. Mas sei que assim que puderem, hão-de enviar notícias. Não se preocupe, senhora Júlia. O seu pai é um tipo duro, e o Cato é mais esperto que uma família de raposas. Acredite quando lhe digo que eles estão finos.

Júlia assentiu com um movimento de cabeça que em simultâneo traduziu as dúvidas que sentia, e manteve o silêncio por instantes, antes de prosseguir.

— Quanto tempo acha que vamos passar aqui?

Macro afastou-se da coluna e desapertou as tiras que seguravam o capacete, antes de o tirar e limpar a testa.

— É difícil de dizer. Há muitos navios que fazem escala em Creta, portanto depressa se saberá em Roma o que aconteceu aqui.

— Não dei pela chegada de nenhum navio ao porto desde que nós chegámos.

— É verdade. — Admitiu Macro. — Aquela onda deve ter tido consequências muito vastas. Provavelmente afundou muitas embarcações junto

à costa. E a notícia pode ter-se espalhado, e provocado em muita gente algum receio de desembarcar em Creta. Mas, mais cedo ou mais tarde, algum navio há-de aportar à ilha. E as notícias acabarão por chegar a Roma. Quando o Imperador se aperceber da escala dos danos que ocorreram por cá, não deixará de enviar auxílio.

— Auxílio? De que tipo?

— Tropas, comida, um governador substituto, assim que nomear um. E quando ele chegar, o seu pai e todos nós poderemos deixar Creta e embarcar no primeiro navio que zarpar para Roma.

— E quanto tempo acha que levará essa ajuda a chegar?

Macro pôs uma careta de esforço enquanto calculava as distâncias e tempos envolvidos.

— Para ser realista, acho que vão passar uns dois meses até nos chegar um navio vindo de Roma.

— Dois meses...? Dois meses! — Júlia fez gestos frenéticos na direcção das tendas. — Com a quantidade de comida que temos, esta gente não vai durar dois meses. Tem de haver uma maneira de recebermos auxílio antes disso. E as províncias mais próximas? O Egipto, Chipre, a Grécia?

— Farão o que puderem. Mas há aí um problema, parece-me; é que toda a gente hesitará em agir antes de pedir autorização a Roma.

Júlia abanou a cabeça.

— Isso é de loucos.

— É a burocracia, senhora.

— Mas temos de ajudar esta pobre gente.

— E estamos a fazê-lo. O que eles precisam, antes de mais nada, é de ordem, e é isso que lhes estou a dar. Quando estiver bem estabelecida, então trataremos da comida, e faremos tudo para garantir que toda a gente é alimentada de acordo com os mantimentos que temos disponíveis. Vai ser duro para todos. E, para ser honesto, meter na ordem uma chusma de civis não é propriamente o tipo de trabalho a que estou habituado, senhora.

— Já percebi isso. — Respondeu Júlia num tom algo sarcástico, enquanto acenava na direcção da coluna que se afastava, levando Ático detido. — Aquele caso foi muito bem resolvido. Estou certa de que as pessoas agora estão todas ao lado dos soldados.

— Isso é bastante injusto. — Replicou Macro, aborrecido. — Senhora, eu não me estou a apresentar a nenhuma eleição. Tudo o que quero é resolver as situações da melhor forma possível para os sobreviventes. Quero oferecer-lhes uma oportunidade decente de ultrapassar isto e voltar a uma existência tão normal quanto for possível. Se isso quiser dizer que vou ter de empregar métodos que não agradem àquela malta, e a agitadores ali como o Ático, ora, paciência.

— Para quem? Para si? Ou para eles?

— Para todos. — Macro recolocou na cabeça a protecção de feltro e o capacete. — Se é tudo, senhora, tenho trabalho a fazer.

Afastou-se a passos largos, seguindo os seus homens, enquanto voltava a apertar o capacete. Júlia ficou a vê-lo ir, sabendo perfeitamente que não tivera razão na discussão. Já conhecia Macro havia tempo suficiente para saber que, por muito directos e rudes que fossem os seus métodos, o propósito era honesto e justo. Porém, pela altura em que se tinha decidido a pedir desculpa, já Macro entrara no edifício do quartel-general e desaparecera de vista.

Bateu com a mão na perna, furiosa consigo mesma, e depois afastou o olhar da acrópole e perdeu-se na contemplação da encosta polvilhada de tendas. A multidão que se reunira para ouvir a proclamação de Macro dispersava lentamente, e havia ainda vários grupos de pessoas que davam largas à raiva que sentiam. Macro tinha, no momento, autoridade sobre eles, mas quando a comida comesse a faltar, a fome e o desespero depressa destruiriam qualquer vestígio da frágil ordem que se vivia, reflectiu. Estremeceu perante tal perspectiva, e resolveu regressar para a acrópole, subindo a rampa lentamente. Não havia nada que pudesse fazer. Tinha-se oferecido para ajudar o médico da coorte a cuidar dos feridos, mas o homem tinha recusado a proposta de forma liminar, argumentando que um hospital não era lugar para a filha de um senador. Quando ela tentara discutir o assunto, lembrando que já desempenhara funções similares durante o cerco de Palmira, o homem tinha retorquido com azedume que os povos do Leste não passavam de bárbaros. Em Creta as coisas eram diferentes.

Por muito que desejasse que as palavras do médico fossem verdadeiras, já tinha visto o suficiente do mundo para saber que uma civilização, qualquer que ela fosse, estava apenas a algumas refeições de distância da anarquia e do caos sanguinário que se lhe seguiria. Tais pensamentos tiveram o condão de mais uma vez a fazer almejar estar junto do pai e de Cato. Sentia de forma aguda a ausência de Cato, e desejou ardentemente que ele estivesse ali para a fazer sentir mais segura.

— Espero que não me tenhas feito vir aqui perder tempo. — Começou Macro, enquanto prendia a tocha no suporte metálico na parede e se sentava no último degrau da escada que descia para a cisterna, antes de olhar para Ático. O grego estava acorrentado pelo tornozelo à parede. A túnica branca que envergava estava manchada de porcaria. Só tinha passado uma noite na prisão, mas a escuridão, a humidade opressiva e o isolamento pareciam tê-lo afectado muito rapidamente. — Disseste à sentinela que era importante.

— É, sim. Quero propor-lhe um acordo.  
— A sério? — Macro sorriu. — De que género? Vais prometer-me que te portas bem se te deixar livre?

— Sim. Não provocarei mais confusões.

— Pois, já percebi; mas por que carga de água hei-de eu acreditar em ti? Sabes, não tenho razões para aceitar a tua palavra, tal como tu não aceitas a minha.

Ático lambeu os lábios, nervoso.

— Sei onde encontrar mantimentos.

— Também eu; é continuar a procurar nas ruínas.

— Não, eu quero dizer montes de comida. Suficiente para alimentar toda a gente por vários dias.

— Oh. E onde está toda essa comida?

— Na herdade de um amigo meu, aqui perto.

— Onde?

— Na costa, aqui perto. A quinta pertence a Demétrio de Ítaca.

— Já tentámos essa. Ainda ontem lá mandei uma patrulha. Voltaram de mãos a abanar. Ao que parece, os escravos, ou algum outro bando de ladrões, chegaram lá primeiro e esvaziaram os silos.

Ático sorriu.

— Isso é o que vocês pensam. O Demétrio é um tipo cuidadoso. Como vive ao pé do mar, está sempre de pé atrás por causa dos piratas. Portanto, guarda tudo o que tem valor, e quase toda a produção agrícola, num complexo a mais de um quilómetro do solar. É fácil passar pela entrada sem dar por ela, e o recinto é protegido por uma paliçada. Quase que aposto que o Demétrio se escapuliu para lá assim que o terramoto acabou.

— Partindo do princípio de que sobreviveu.

— Não tenho dúvidas quanto a isso. É um tipo avisado.

— E calculo que nos possas indicar o caminho para essa reserva.

— Em troca da minha liberdade... E de uma recompensa.

— Primeiro, dás-me as indicações para chegar a esse complexo. — Ripostou Macro. — Se tiveres razão, considerarei a possibilidade de te libertar.

— Nem pensar. Ou me permite mostrar-lhe o local e me liberta, ou podem todos morrer de fome, quero lá saber. — Ático fez um gesto casual. — Claro, pode sempre torturar-me para lhe revelar a localização do complexo, e depois eliminar-me sem fazer ondas.

Macro assentiu devagar.

— Não é nada má ideia, de facto. Um espeto em brasa pelo traseiro acima costuma dar grandes resultados na libertação de línguas. Se te apetece, posso tratar disso.

Ático deitou um olhar severo a Macro, tentando perceber se o centu-

rião estava a brincar, mas havia um brilho perigoso nos olhos do romano, e o grego engoliu em seco e apressou-se a mudar de assunto.

— Mostrar-lhe-ei o local, e depois liberta-me.

— Vou pensar nisso.

— Não colaborarei, a não ser que a minha libertação esteja garantida.

— Soltou Ático, no tom mais desafiante que se atreveu a lançar.

— Meu caro, é demasiado tarde para tentares um acordo desses. Já me disseste que tens qualquer coisa que eu quero. Não me parece, nem por um momento, que estejas assim tão cheio de vontade de levar esse conhecimento contigo para a outra vida. Portanto, tudo se resume a torturar-te até abrires a boca. E se, por qualquer milagre, te revelares um cabrão muito mais resistente do que eu imagino, bom, então até serás mesmo capaz de morrer antes de me dizeres o que quero ouvir. Ora, uma boca a menos para alimentar, não serei eu a queixar-me... Mas primeiro vamos tratar de te tirar uns bocados de carne, e devagarinho. — Macro recostou-se e coçou o queixo com o ar mais natural do mundo. — Portanto, é contigo. Vais dizer-me o que sabes, ou preferes que to arranque?

Ático rangeu os dentes enquanto deixava escapar o ar num silvo.

— Seja, conduzi-lo-ei até ao recinto. Posso pensar que serei libertado a seguir?

— Se não me tentares enganar, tratar-te-ei da mesma forma. — Retorquiu Macro. Levantou-se e preparou-se para abandonar a cisterna.

— Ei! E eu, fico aqui? — Gritou Ático.

Macro parou e olhou para trás.

— Chamaste-me tirano, não foi? Com essa posso viver sem problemas. Por outro lado, porco é mais difícil de engolir. Ainda não me habituei. Mais uma noite aqui vai fazer maravilhas pela tua boa educação, poderás talvez mesmo desenvolver um sentido de respeito pelos outros. Dorme bem.

A diminuta coluna deixou Matala ao nascer do dia. Macro levava quarenta homens armados com lanças; eram todos membros da centúria de combate que tinha formado, e tinham apenas quatro carroças para escoltar, já que não havia mais animais de tiro disponíveis. Um punhado de civis tinha-se voluntariado para conduzir as carroças e servir como carregadores. Ático, por barbear e de olhos a piscar, foi trazido da cisterna e acorrentado ao banco do condutor da primeira carroça. Resmungou na direcção de Macro quando este lhe passou por perto para ocupar a cabeça da coluna. O centurião Portilho tinha-lhe dado indicações sobre o caminho para a quinta, e Ático só teria de os levar de lá ao recinto fortificado. Macro deixou o comando nas mãos de Portilho. Tinha ao seu dispor o centurião Milo e outras cinco secções da centúria de combate, bem como os homens dos grupos de pesquisa nas ruínas; eram tropas suficientes para controlar qualquer desordem provocada pelos refugiados enquanto Macro estivesse ausente.

O centurião fez uma última inspecção visual à coluna para garantir que estava tudo pronto, e então agitou a mão e estendeu-a para a frente. As secções dianteiras iniciaram a marcha, as botas cardadas a abaterem-se sobre os fragmentos rochosos que atapetavam a superfície seca da estrada. Atrás deles seguia o matraquear pausado dos cavalos e mulas, logo seguidos pelo trovão abafado e contínuo das rodas das carroças. Na retaguarda da coluna seguiam mais duas secções de auxiliares. Alguns refugiados pararam a observar o avanço da coluna. Ficaram a vê-la a afastar-se por momentos, antes de voltarem a atenção para a já habitual tarefa de pesquisar entre os escombros em busca de algo comestível ou de valor, que pudesse ser guardado até que a crise passasse e a vida regressasse à normalidade.

A estrada subia enquanto se dirigia ao interior, até se juntar à estrada principal que percorria a costa sul de Creta. Um marco indicava a distância até Gortyna, e Macro liderou os homens nessa direcção. Não tinha recebido nem uma palavra de Cato e Semprônio, e começava a estar preocupado. Podia ter-lhes acontecido qualquer coisa no caminho para a capital da província, mas não tinha maneira de saber, a não ser que enviasse um grupo

de soldados ou fizesse ele mesmo o trajecto. Tentou afastar a preocupação do pensamento, concentrando-se na avaliação da paisagem que o rodeava. A estrada seguia pela fértil planície que ocupava grande parte da região meridional da ilha, e de ambos os lados podiam apreciar-se extensões cultivadas, salpicadas pelas minúsculas habitações de pequenos proprietários, os muito maiores solares dos latifundiários e aqui e além uma povoação quase esquecida. Chegaram a um cruzamento onde existia outro marco e, seguindo as indicações de Portilho, Macro levou a coluna a deixar a estrada principal e meteu pelo caminho que ia dar à quinta de Demétrio. O comboio avançou pela tranquila alameda, perturbando apenas os insectos que zumbiam de flor em flor nos canteiros que ladeavam o caminho.

— Senhor. — Um dos auxiliares da secção da vanguarda apontou para a frente.

A princípio Macro só avistou um monte de trapos sujos, mas rapidamente se apercebeu de que estava a olhar para um cadáver. Ergueu o braço e fez sinal.

— Alto!

Enquanto os homens e carroças reduziam o andamento e se imobilizavam, Macro avançou cautelosamente pela estrada pedregosa, olhando para todos os lados enquanto se aproximava do corpo. Era um homem que aparentava ter possuído um físico imponente quando vivo, apesar do cabelo escasso e cinzento e das feições gastas. O corpo estava de lado, encolhido numa bola. A pele estava lívida, repleta de nódoas negras e cortes. Inchaços e altos sob a pele mostravam bem os locais onde os ossos tinham sido quebrados, e o queixo tinha sido praticamente pulverizado, distorcendo a face de tal forma que se tornaria muito difícil reconhecê-la, mesmo a quem tivesse conhecido o homem em vida.

Macro agachou-se para examinar o corpo, torcendo o nariz perante o odor a podridão que se desprendia dele. A túnica era de boa qualidade, e o cinto tinha ornamentos de prata. O homem calçava botas militares, velhas mas bem conservadas, e tinha um chicote de couro apertado firmemente em volta do pescoço. A língua sobressaía entre os lábios ressequidos, e os olhos pareciam querer saltar das órbitas. Na testa via-se claramente o signo de Mitra, e Macro depreendeu que se tratava de um veterano das legiões. Depois de desmobilizado, tinha-se com toda a certeza tornado capataz de escravos. A dura vida das legiões fazia daqueles homens dos mais indicados para tal cargo, mas também os transformava no primeiro alvo da ira dos escravos quando ocorria uma revolta.

Macro passou a mão por baixo do corpo e virou-o, empurrando-o para fora da estrada. Ergueu-se e fez sinal à coluna para avançar; os homens marcharam junto ao corpo, deitando-lhe olhares enquanto passavam. Os

mais experientes e cautelosos começaram a observar com todo o cuidado a paisagem circundante, agora que tinham encontrado este primeiro sinal de perigo evidente. A curta distância do ponto onde o homem ficara a repousar eternamente, o caminho passava por um olival, antes de emergir junto a um vasto conjunto de edificações e silos de cereais vazios. Mesmo à sua frente via-se um imponente portão que dava acesso ao solar do proprietário da herdade. A uns quatrocentos metros dali ficavam as acomodações dos escravos. No muro que as rodeava havia grandes brechas, e Macro avistava claramente as ruínas dos grandes blocos em que os escravos eram fechados todas as noites. Não se notava qualquer sinal de vida na área.

No ar pairava um intenso e acre cheiro a queimado, e Macro deu novamente sinal de paragem à coluna antes de atravessar o portão.

— Primeira secção, venham comigo!

A mão fechou-se-lhe em torno do punho da espada, enquanto se aproximava cuidadosamente da entrada da quinta de Demétrio. Uma das portadas estava ainda intacta, mas a outra tinha sido forçada, e Macro entrou com os seus oito auxiliares sem fazer ruído. Havia um vasto pátio rodeado por colunas, que, antes do sismo, tinham suportado um telheiro. Agora, os restos das telhas formavam pilhas de cacos junto à base das colunas. Em frente ao portão situava-se uma estrutura queimada que correspondera ao principal edifício da herdade. As paredes escurecidas e as madeiras calcinadas contrastavam fortemente com o céu limpo no horizonte. No centro do pátio podiam ainda ver-se os restos de uma grande fogueira: uma pilha de ramos queimados, massas escuras impossíveis de identificar, e cinzas. Em torno da fogueira tinham sido instaladas três cruces improvisadas. Em cada uma delas, de frente para o fogo, tinha sido crucificado um homem. As costas de cada um deles estavam normais, e ainda havia restos de roupas a cobri-las. Porém, os lados virados para as chamas tinham sido literalmente assados em fogo lento. Os panos estavam chamuscados, e a pele escura e estalada. Os lábios dos cadáveres tinham sido arrepelados pelo calor, expondo os dentes, que agora pareciam sorrir aos soldados que os contemplavam horrorizados.

Macro pegou num pau que só tinha a ponta chamuscada e remexeu nos restos calcinados.

— Dá ideia que alguém entrou no fogo. — Virou-se e examinou cuidadosamente o solo, até avistar o buraco em que se tinha apoiado a quarta viga. A ponta ainda se destacava entre os restos do incêndio. — Ali. Ao que parece, os escravos atiraram uma das suas vítimas para a fogueira.

— Que maneira tão fodida de morrer. — Comentou um dos auxiliares. Macro largou o pau e deitou um olhar em torno do pátio.

— Bem, que eu saiba, não há nenhuma forma agradável de morrer.

Vamos embora, rapazes. Já vimos o suficiente. Não há mais nada a fazer por aqui.

No exterior, os homens que tinham ficado na coluna olharam curiosos para as expressões abatidas dos membros da secção que Macro conduziu até ao pátio. O centurião dirigiu-se à carroça onde Ático ainda estava preso ao banco, e deu ordens ao condutor para lhe serem removidas as correntes. Ático esfregou os tornozelos e acenou na direcção do solar.

— Algum sinal do Demétrio?

— Não faço ideia da aparência desse tipo. Seja como for, é completamente impossível perceber quem era quem, ali dentro.

Ático lançou-lhe um olhar rápido.

— O que é que aconteceu ali?

— Aparentemente, os escravos resolveram vingar-se do seu amo e da família. Assaram-nos vivos.

— Deuses... — Ático engoliu em seco e olhou em volta, nervoso. — Acha que eles ainda andarão por aí?

Macro abanou a cabeça.

— Não, a não ser que não tenham juízo nenhum. Conheces a lei — se um escravo matar o seu amo, todos os escravos dessa casa serão executados. O meu palpite é que, assim que perceberam aquilo em que se tinham metido, cavaram para as colinas.

A expressão de Ático endureceu.

— Então têm de ser perseguidos e eliminados.

— Tudo a seu tempo. — Retorquiu Macro, sem se deixar arrastar pela raiva do outro. — Por agora, o que eu preciso é que nos leves às reservas de mantimentos do Demétrio.

— Claro, com certeza. — Ático deitou uma última olhadela aos portões da quinta, inspirou fundo e apontou para um trilho estreito que se afastava dos edifícios e se dirigia à distante linha de pinheiros. — Por ali.

A coluna moveu-se, agradada com a perspectiva de se afastar do cheiro que se soltava do solar queimado. Mesmo antes de alcançarem as árvores, ouviu-se um grito vindo de uma das carroças; ao voltar-se, Macro viu o condutor a apontar para um amontoado de penedos a uns oitocentos metros de distância. No cimo da mais alta das fragas destacavam-se três figuras que os observavam descaradamente.

— Escravos. — Cuspiu Ático por entre dentes semicerrados. — Temos de os apanhar. Centurião, envie os seus homens e capture aqueles assassinos malditos.

Ouviram-se murmúrios de concordância vindos dos mais próximos dos auxiliares, mas Macro abanou a cabeça.

— Não, Ático, nem pensar nisso. Não podemos arriscar homens numa

perseguição desse gênero. Além de que os rapazes nunca os alcançariam, não com este equipamento pesado em cima. E eles conhecem com certeza o terreno à volta. O mais provável era que os conduzissem a uma emboscada.

— Vai deixá-los escapar? — Inquiriu Ático, chocado.

— Não há nada a fazer. Por agora, temos de tratar de coisas mais importantes. Os escravos podem esperar mais um tempo. — Macro limpou a garganta e lançou um brado. — Toca a mexer! Andem para a frente, minhas lesmas de merda!

Entraram no bosque e o trilho ondulante ficou banhado por luz e sombras. Macro perscrutou a distância, tentando perceber se algum perigo se escondia nas sombras, mas nada sucedeu enquanto avançavam cerca de quinhentos metros.

— Espero bem que tenhas razão quanto a este depósito de mantimentos. — Comentou o centurião.

— Sei o caminho. — Respondeu Ático. — Só espero que os escravos não tenham lá chegado primeiro e levado tudo. É muito provável que alguns deles soubessem também da sua existência.

Macro assentiu.

— Esperemos que tenham pensado um bocadinho e não tenham queimado tudo aqui também. Os escravos também têm de comer.

O caminho descrevia uma pronunciada curva para a esquerda e descia por uma garganta ladeada por paredes íngremes, um local ideal para uma emboscada, pensou Macro, enquanto observava com suspeição os blocos rochosos espalhados pelas encostas. Se fossem empurrados de forma a precipitarem-se sobre a estrada, destroçariam as carroças e esmagariam qualquer homem ou animal que apanhassem pelo caminho.

— Ainda falta muito?

— Estamos mesmo a chegar. — Ático ergueu a mão e apontou. — No meio das árvores, está a ver?

Macro esforçou a vista e percebeu que, a uns cem passos à frente, o caminho chegava a uma clareira. A garganta alargava e as paredes tornavam-se mais suaves. Quando a coluna entrou na clareira, o centurião avistou uma paliçada de dimensões consideráveis, quase com a altura de dois homens. A cada canto havia uma torre de vigia, e o caminho ia dar a uns portões de aspecto robusto. À frente das muralhas de madeira via-se um apreciável número de cadáveres, crivados de setas e dardos.

— Ao que parece, os escravos sempre cá vieram fazer uma visita. — Concluiu Macro. — Mas tinham alguém à espera para os mandar para o outro mundo.

— Parem aí mesmo! — Ordenou uma voz vinda da paliçada, e Macro reparou que vários homens tinham surgido ao cimo da muralha de tron-

cos aguçados, cada um deles empunhando um dardo; havia também movimento nas torres dos cantos, já que um bom número de arqueiros subia as escadas para tomar posição. Por cima do portão, um dos vultos levou a mão à boca e soltou um novo aviso. — Já disse para pararem!

— Alto! — Ordenou Macro. Avançou sozinho e ergueu uma mão em saudação. — Viemos de Matala. Décima Segunda Hispânica. Centurião Macro.

— Centurião Macro? Nunca ouvi esse nome.

— Cheguei cá pouco depois do terramoto.

— Olha que conveniente! — Ripostou o homem no portão, em tom cáustico. — Andor! Antes que diga aos meus homens para te abaterem.

Macro olhou para trás por cima do ombro.

— Ático! Avança!

Os homens abriram caminho enquanto o grego avançava por entre as fileiras e se juntava a Macro.

— Conheces aquele tipo ali em cima? — Macro apontou.

Ático forçou a vista e depois sorriu abertamente.

— Ora, claro que sim! É o Demétrio. — Avançou um passo e chamou: — Demétrio de Ítaca, sou eu, Ático!

Deu-se uma breve pausa, até que o homem no portão respondeu em tom aliviado:

— Ático! Sobreviveste. Não me espanta nada... Quem é esse teu amigo? Conheço os oficiais da Décima Segunda, mas a ele não reconheço.

— Chegou depois do terramoto, como afirma.

— Seja... — Demétrio virou-se para dar uma ordem aos homens que guarneciam o portão. — Abram as portas!

Com um gemido das cordas que serviam de dobradiças, as pesadas portadas abriram para dentro, e pouco depois surgiu Demétrio, sorridente, enquanto avançava para Ático e Macro. Depois de apertar o braço ao amigo, o proprietário virou-se para o centurião e examinou-o atentamente.

— És parente do Ático?

— Não me parece. — Ripostou Macro.

— Pois olha que passavas por irmão dele.

— A sério? Bom, terei de aprender a viver com essa lamentável ideia.

— Ático, tens aqui um amigo muito susceptível.

— Não somos propriamente amigos. — Ático abanou a cabeça. — O que sucedeu aqui? Passámos pelo que resta da casa. Quando vimos os corpos, temi que tivesses sido morto.

Demétrio franziu o sobrolho.

— Corpos? O que é que queres dizer? O que é que aconteceu na minha casa?

— Sabes com certeza?

— Se soubesse, não estava a perguntar. Conta-me.

Macro pigarreou.

— A casa foi queimada de cima a baixo pelos escravos. Encontrámos o cadáver de um dos capatazes a curta distância da casa, e outros quatro corpos lá dentro.

O sangue fugiu do rosto de Demétrio.

— Quando trouxe a minha família para aqui, deixei lá o capataz com um punhado de homens em quem confiava.

— O que é que aconteceu por aqui? — Quis saber Macro. — Depois do tremor de terra?

Demétrio manteve-se em silêncio por momentos, como que tentando recordar os eventos com precisão, e então começou.

— Os escravos tinham ficado a trabalhar até tarde, e quando o terramoto se deu, estavam justamente a chegar, vindos dos campos. Eu estava no jardim com a minha família. Se não fosse isso, tínhamos tido a mesma sorte do pessoal da cozinha, que foi esmagado e sepultado vivo. Assim, essas foram as únicas pessoas que perdemos. Deixei ordens para que os escravos reparassem tudo o que fosse possível de recuperação, enquanto eu e os meus viemos para aqui. O meu encarregado veio fazer-me um relatório ao fim do primeiro dia, garantiu-me que os capatazes estavam a manter os escravos no seu lugar, e que já tinham começado a reparar os muros. Portanto pensei que estava tudo a correr bem; só que ele não deu sinal de vida ao fim do segundo dia, nem do terceiro. Foi nessa altura que eles apareceram. — Designou os corpos. — Surgiram ao entardecer e exigiram que eu abrisse os portões. Quando recusei, lançaram um ataque. Ordenei aos meus homens que os detivessem e, como vêem, isso foi conseguido. Os escravos refugiaram-se na floresta. Desde então temos estado sempre atentos a nova investida. — Concluiu, com ar preocupado. — Sejam eles quem forem.

Macro apontou para os mortos.

— Não são teus escravos, portanto?

— Um ou dois deles, sim. Os outros são-me desconhecidos.

Macro observou os cadáveres mais próximos enquanto ponderava as informações.

— Isso é preocupante. Tinha esperanças de que isto fosse apenas uma revolta local. Mas, ao que parece, os teus escravos foram incitados e provavelmente conduzidos por gente de fora. Talvez alguns foragidos nas montanhas que resolveram agitar as coisas para tentarem saquear as quintas, ou então escravos vindos de outras propriedades. Seja como for, os teus escravos estão agora abertamente em revolta. Assim que houver ocasião para isso, terão de ser capturados e castigados.

— Castigados? — Demétrio pareceu alarmado. — Mas investi neles uma fortuna.

— Bem, dá-me ideia que o teu investimento deu para o torto. — Ripostou Macro, sem se mostrar comovido. — Tão torto que te queimaram a casa e assaram o encarregado e mais alguns.

— Quando identificar os cabecilhas, hão-de pagar bem caro essa afronta. — Assegurou Demétrio com raiva, e olhou esperançoso para Macro. — Mas o que veio cá fazer afinal? Vieram salvar-nos?

— Não, mas tu e todos os teus homens podem juntar-se a nós quando voltarmos para Matala, claro, e serão bem-vindos.

— Então porque vieram?

— Viemos buscar os cereais, azeitonas e quaisquer outros mantimentos que tenham neste fortim.

Os olhos de Demétrio semicerraram-se.

— Vieram confiscar aquilo que é meu?

Macro assentiu.

— Sim, vim requisitar todos os mantimentos na tua posse. Será tomada nota detalhada de tudo o que levarmos nas carroças, e assim que a ordem for restaurada em Creta, poderás pedir a justa compensação. Agora, se não te importas, quero carregar as carroças o mais depressa possível. Com esses escravos revoltosos à solta por aí, será melhor que regressemos a Matala antes do anoitecer. — Macro virou-se para dar uma ordem à coluna que aguardava. — Tragam as carroças para dentro e carreguem-nas!

— Esperem! — Demétrio agarrou o braço do centurião. — Não podem levar o que é minha propriedade. Proíbo-o.

— As pessoas em Matala precisam de comida. Não há mantimentos suficientes na cidade, por isso precisamos do que vocês têm aqui. Lamento, mas é assim. — Macro baixou o olhar para a mão do grego. — É agora, peço que te afastes e permitas que os meus homens façam o seu trabalho.

— Não. Não! Não pode ser. Não o autorizo.

Macro suspirou.

— Estou a ver. Nesse caso... Primeira secção! Detenham este homem. Desarmem os seus seguidores. Se alguém tentar resistir, dêem-lhes umas mocadas.

— O quê? — O olhar de Demétrio esgazeou-se enquanto era agarrado por dois dos auxiliares. O resto da coluna penetrou nas muralhas, enquadrando as carroças. Tal como Macro suspeitara, sem a liderança de Demétrio, os seus homens entregaram as armas sem resistência e deixaram-se ficar em grupo sob a vigilância de alguns soldados, enquanto os outros e os voluntários civis começavam a carregar as carroças com sacas de cereias e ânforas repletas de azeitonas. Demétrio continuou a protestar em voz alta,

até que Macro desembainhou a espada e bateu significativamente com a folha da lâmina na palma da mão.

— Bom, vê se te portas bem e calas o bico, sim? Senão, vou ter de te obrigar.

— Não se atreveria. — Ripostou Demétrio com ar de desafio.

— Atrever-se-ia sim. — Interrompeu Ático. — Acredita. É melhor fazeres como ele diz. Por agora.

O proprietário olhou para o amigo por instantes, e os ombros acabaram por lhe descair enquanto ele se afastava e se sentava pesadamente sobre uma das sacas de cereais que ocupavam o espaço livre entre os armazéns baixos que se espalhavam pelo recinto.

— É esse o espírito. — Comentou Macro com um sorriso.

As carroças foram carregadas até cima o mais depressa possível, e os eixos gemeram debaixo do peso quando os condutores as manobram de forma a saírem do recinto e meterem de novo pela estrada a caminho do solar. Macro fez uma última tentativa para convencer Demétrio a acompanhá-los, mas o homem manteve-se firme na sua decisão de ficar e proteger o que restava da sua reserva de mantimentos. Alguns dos seus homens, porém, optaram por seguir com a coluna. Um punhado manteve-se com o patrão, e ficou a observar a coluna desaparecer a pouco e pouco no meio dos pinheiros que cresciam em redor da ravina.

Enquanto seguiam pela estrada, Macro virou-se para Ático e comentou.

— O teu amigo é louco. Conseguiu resistir aos escravos uma vez, é certo. Mas se os seus números crescerem, eles voltarão com maior determinação. Demétrio e os que ficaram com ele acabarão como os tipos que vi lá na quinta, muito provavelmente.

— Acha mesmo que sim?

— É difícil ter certezas. — Admitiu Macro. — Mas ao que parece, os escravos estão a começar a organizar-se. E se for esse o caso, podemos ter entre mãos um grande sarilho. As coisas podem ficar mesmo feias por toda a ilha.

Ático manteve-se em silêncio por momentos.

— Espero que não tenha razão.

— Também eu. — Retorquiu Macro em tom baixo, enquanto observava com toda a cautela os flancos do desfiladeiro, à medida que a coluna, agora bem carregada e lenta, percorria a estrada. Ao deixarem a garganta, o centurião soltou um suspiro de alívio. Um pouco adiante, a estrada levava-os por um espesso bosque de pinheiros e logo a seguir saía para um descampado. À distância já se viam os escombros da casa. Estava a virar-se para Ático, para lançar uma graçola sobre estarem livres daquele assado,

quando escutou um estalido à distância, como se alguém tivesse pisado um ramo no solo, algures no meio das árvores. Os olhos do centurião perscrutaram de imediato as sombras sob as ramagens, à procura do perigo.

Das trevas que ladeavam a estrada, começaram a emergir vultos, aproximando-se em silêncio da coluna. Macro empunhou a espada, respirou fundo e soltou um brado de aviso:

— Emboscada!